

TRAVESSIA



CEM
CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS

revista do migrante **94**

Publicação do CEM - Ano XXXV, Nº 94 - Maio - Agosto/2022



J. B. Scalabrini

Refugiados sírios

Bolivianos

Coreanos

Brasiguaios

Literatura

COVID-19/Frigoríficos

Educação

Memória

TRAVESSIA - Revista do Migrante

Publicação do CEM - Centro de Estudos Migratórios (Federação Internacional dos CEMs J. B. Scalabrini), de natureza interdisciplinar, que visa contribuir para o intercâmbio entre a ampla e diversificada produção do conhecimento e aqueles que atuam em movimentos sociais e pastorais junto aos migrantes.

Diretor do CEM

Paolo Parise

Editor Chefe

José Carlos Pereira - CEM/MISSÃO PAZ

CONSELHO CIENTÍFICO

Alfredo José Gonçalves (Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos/Scalabrinianos),
Carlos Bernardo Vainer (IPPUR/UFRJ), Dulce Maria Tourinho Baptista (PUC/SP),
Francisco Nunes (Casper Líbero), Giralda Seyferth (Museu Nacional/PPGAS/UFRJ)
José Jorge Gebara (UNESP), Lelio Alberto Mármora (Universidad de Buenos Aires),
Lorenzo Prencipe (CSER/Roma), Marcia Anita Sprandel (ABA e CEMI/Unicamp),
Maria Aparecida de Moraes Silva (UFSCar), Oswaldo Mário Serra Truzzi (UFSCar),
Sidney Antonio da Silva (UFAM), Heinz Dieter Heidemann (USP),
Mariagrazia Santagati (Università Cattolica – MILANO)

COMITÊ EDITORIAL

Ana Carolina Gonçalves de Leite (UFES), Ana Cristina Arantes Nasser (USP),
Carlos Freire Silva (USP), Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira (UNESP-Rio Claro),
Derek Pardue (Aarhus University, Denmark), Érika Pires Ramos (USP),
Fernando Antonio Lourenço (CERES/IFCH/Unicamp), Gustavo Dias (UNIMONTES),
Helion Póvoa Neto (NIEM e IPPUR/UFRJ), Léa Francesconi (USP),
Luis Felipe Aires Magalhães (PUC-SP), Margarida Maria de Andrade (USP),
Marilda Aparecida de Menezes (UFABC), Neusa de Fátima Mariano (UFSCAR),
Odair da Cruz Paiva (UNIFESP), Patrícia Villen (UNICAMP),
Rosana Baeninger (Nepo/IFCH/Unicamp), Rosemeire Salata (UNESP/CAR),
Sidnei Marco Dornelas, cs (CEMLA), Tatiana Waldman (Museu da Imigração),
Valéria Barbosa de Magalhães (EACH/USP), Verônica Pessoa (UFCG)

COLABORADORES

Yara Silvia Tucunduva, Dirce Trevisi P. Novaes (PUC-SP)

EDITORA DE LEIAUTE

Renata Peres (UAM)

CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS

Rua Glicério, 225 - Bairro Liberdade

01514-000 - São Paulo / SP - Brasil

Fone: (11) 3340-6952

travessia@missaonspaz.org

cem@missaonspaz.org

www.missaonspaz.org

Capa - Sergio Ricciuto Conte

sergioricciuto@gmail.com

www.sergioricciutoconte.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	03
<i>José Carlos A. Pereira</i>	

ARTIGOS

João Batista Scalabrini será santo.....	07
<i>Alfredo José Gonçalves, Cs.</i>	

O sentimento invisível do sujeito diaspórico: o imigrante no conto “Gringuinho”, de Samuel Rawet.....	21
<i>Regilane Barbosa Maceno</i>	

Les réalités post-migratoire des réfugiés syriens: une recension des écrits.....	31
<i>Mariá Boeira Lodetti; Stéphanie Arsenault; Lucienne Martins Borges</i>	

O estudo da migração desde uma perspectiva “Ch’ixi”	51
<i>Ismael Eduardo Schwartzberg Arteaga</i>	

A pandemia da COVID-19 em territórios de frigoríficos no Brasil e dos EUA.....	67
<i>Allan Rodrigo de Campos Silva Rida Mahmood</i>	

South Korea in Ceará	85
<i>Sarah Lays Saraiva Grangeiro</i>	

A trajetória migratória de Madalena entre Paraguai, Áustria e Brasil: memórias, redes e lugares	97
<i>Vanucia Gnoatto; Marcos Leandro Mondardo</i>	

Um desafio à escola brasileira: relações sociais inclusivas entre alunos bolivianos e brasileiros.....	119
<i>Fabio Martinez Serrano Pucci; Maura Pardini Bicudo Vêras</i>	

ENTREVISTA

A vida cotidiana na fazenda de café a partir do contrato de trabalho: entrevista com LM	143
<i>Rosane Siqueira Teixeira</i>	

POEMA

Céus escuros 151
José D'Assunção Barros

Apresentação

José Carlos A. Pereira

Esta edição de *Travessia* traz um conjunto de textos com temas variados, alguns com um caráter empírico, outros mais teóricos. Um ponto comum entre eles é a sua atualidade em relação aos processos migratórios e às realidades dos migrantes contemporâneos.

O primeiro texto é o do Alfredo José Gonçalves, CS.. O autor propõe uma questão sobre o ritmo acelerado de canonização de João Batista Scalabrini (1839 – 1905), que será reconhecido como santo, pela Igreja Católica, em outubro de 2022. Bispo de Piacenza, e atento às transformações históricas (políticas, econômicas, religiosas, culturais) que sacudiam a Europa, especialmente a Itália, Scalabrini fundou a Congregação dos Missionários de São Carlos em 1887, e a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos, Scalabrinianas em 1895. O motivo principal da fundação dessas duas Congregações foi a migração de milhares de italianos fugindo da fome, do desemprego, das altas taxas de impostos e da guerra.

Em 1880, ao visitar a estação ferroviária de Milão, J. B. Scalabrini viu centenas de famílias aguardando o comboio que iria para a cidade portuária de Génova, de onde embarcariam em navios, à procura de melhores condições de vida e dignidade humana nas Américas do Norte e do Sul.

Em Milão, há vários anos, assisti a uma cena que me deixou na alma um sentimento de profunda tristeza. Passando pela estação, vi o salão, os pórticos laterais e a praça vizinha tomados por trezentas ou quatrocentas pessoas mal vestidas, divididas em diversos grupos. Sobre suas faces bronzeadas pelo sol e sulcadas pelas rugas precoces que a penúria sói imprimir, transparecia a agitação dos sentimentos que invadiam seus corações naquele momento. Eram anciãos curvados pela idade e pelas fadigas; homens na flor da idade; senhoras que arrastavam os filhinhos atrás de si, ou os carregavam ao colo; meninos e meninas... todos irmanados por um só pensamento e guiados para uma única meta. Eram emigrantes. [...] Quem sabe quantas desgraças e privações – pensava comigo mesmo – tiveram que suportar para que lhes afigurasse leve um passo tão doloroso! E quantas ilusões, quantos novos sofrimentos lhes reservava um futuro incerto! [...] (SCALABRINI, 1979, 43-44)

O reconhecimento de J. B. Scalabrini como santo é ultraimportante, especialmente em um contexto histórico, econômico, político e cultural em que, cada vez mais, pessoas são deslocadas e se colocam em rotas de fuga da pobreza, das mudanças climáticas, das diversas formas de violência política, cultural, de gênero, religiosa etc.

“Pátria é a terra que nos dá o pão”. Este lema de Scalabrini é mantido ativo pelos padres, irmãs, leigas e leigos scalabrinianos pelo mundo afora, onde evangelizam e prestam serviços aos migrantes.

A canonização de Scalabrini é um convite à toda Igreja, às lideranças políticas, econômicas; bem como a todos nós no sentido de acolher o migrante como uma pessoa de direitos, capaz de contribuir para a melhoria das condições de vida de todos e, fundamentalmente, para as trocas culturais tão importantes para o nosso desenvolvimento humano.

Em *João Batista Scalabrini será santo*, Alfredo José Gonçalves, Cs. procura responder a uma pergunta: Por que o processo de canonização de J. B. Scalabrini, denominado “pai e apóstolo dos migrantes”, ganhou um ritmo mais acelerado, e será reconhecido como santo, pela Igreja Católica, em outubro de 2022.

Em *O sentimento invisível do sujeito diaspórico: o imigrante no conto “Gringuinho”*, de Samuel Rawet, Regilane Barbosa Maceno analisa o conto “Gringuinho”, de Samuel Rawet, buscando observar como é descrito o sentimento de pertencimento do imigrante no novo país e o impacto da mudança em sua identidade cultural; e procura articular a sua reflexão com pressupostos teóricos de Stuart Hall, Renato Ortiz, Chiara Pusseti, entre outros autores de relevância para o estudo.

Em *Les réalités post-migratoire des réfugiés syriens : une recension des écrits*, Mariá Boeira Lodetti, Stéphanie Arsenault e Lucienne Martins Borges apresentam uma revisão dos escritos dos últimos cinco anos (2016 – 2020) sobre as realidades pós-migratórias de refugiados sírios estabelecidos em uma nova sociedade. Os estudos apontam para a importância das pesquisas em serviço social para melhor compreender as experiências dos refugiados sírios em sua nova sociedade e reconhecer os elementos estruturais e culturais das práticas políticas que podem oprimir essas pessoas.

Ismael Eduardo Schwartzberg Arteaga apresenta ideias de uma experiência *sentipensante*, que reflete sobre sua própria experiência como imigrante, uma experiência total entre o pensar e o sentir na qual não existe separação. Em seu texto *O estudo da migração desde uma perspectiva “Ch’ixi”*, O autor repensa lógicas de existência que grupos de bolivianos/as reproduzem em São Paulo, a partir do conceito não colonial do *Ch’ixi*, aforismo aimará. Isto é, uma identidade manchada, justaposta, consequência do fato colonial, e que coexiste em dimensões de pensamento e tempos diferentes, reinventando o passado no presente, com novas características que se adaptam a contextos, territórios e espaços distintos.

Allan Rodrigo de Campos Silva discorre sobre como a produção da pandemia de Covid-19 impactou de forma particular as comunidades localizadas próximas a frigoríficos nos municípios da região de Grande Dourados, no Mato Grosso do Sul, Brasil, e de Cold Spring e Worthington, no estado de Minnesota, nos EUA. Em seu texto *A pandemia da COVID-19 em territórios de frigoríficos no Brasil e dos EUA*, o autor observa que os frigoríficos tornaram-se superespalhadores de doenças entre os seus trabalhadores diretos a partir dos ambientes de trabalho.

Sarah Lays Saraiva Grangeiro, em *South Korea in Ceará*, busca indicar quais os impactos e influências socioeconômicas e culturais ocasionados pela chegada de imigrantes sul-coreanos no Ceará. A partir de teórico e analítico a autora constata que os municípios de São Gonçalo do Amarante e Caucaia evoluíram em aspectos econômicos devido ao aumento de empreendimento na região e pelo investimento que coreanos ali fizeram.

Vanucia Gnoatto e Marcos Leandro Mondardo, em *A trajetória migratória de Madalena entre Paraguai, Áustria e Brasil: memórias, redes e lugares*, analisam as memórias de uma trajetória de vida de uma imigrante nascida no Paraguai, mas de nacionalidade brasileira e residente no Paraná. Procuram identificar o papel das redes sociais e a agência da mulher no trabalho em diferentes setores; os autores identificam motivações presentes nas mobilidades, como o desejo de ser proprietário de terra, a perda violenta de um membro da família, desavenças familiares, busca por novas oportunidades de trabalho, experiências de vida e a busca pela saúde dos dependentes, mostrando que o fator econômico nem sempre é preponderante para emigrar.

Fabio Martinez Serrano Pucci e Maura Pardini Bicudo Vêras discorrem sobre relações sociais entre bolivianos e brasileiros em escolas da cidade de São Paulo; apontam para o trabalho intensivo nas confecções, a moradia precária, a língua nativa, diferenças culturais, xenofobia etc. como obstáculos para uma maior inserção social desses imigrantes. Em seu texto *Um desafio à escola brasileira: relações sociais inclusivas entre alunos bolivianos e brasileiros*, os autores concluem que, apesar de algumas escolas realizarem trabalhos de intervenção e prevenção à xenofobia, até mesmo a segunda geração (filhos dos imigrantes) tem dificuldades de inserção social. Falta uma política intercultural que proporcione meios e mediações que concorram para a melhor inserção de alunos estrangeiros em escolas brasileiras, levando em consideração a afirmação da igualdade de direitos, mas também os valores da diferença étnica e cultural.

Em *A vida cotidiana na fazenda de café a partir do contrato de trabalho: entrevista com LM*, Rosane Siqueira Teixeira apresenta uma entrevista com um idoso, filho de imigrante italiano, cujo pai veio para o Brasil antes da Primeira Guerra Mundial e que trabalhou como colono nas fazendas de café. O entrevistado nasceu na fazenda Monte Alto, localizada em Cesário Bastos, município de Araraquara (SP), no ano de 1925. Até os dezoito anos, ele morou em fazendas da região de Araraquara; depois foi morar no Paraná. Neste estado,

LM trabalhou em duas fazendas. Após alguns anos, ele retornou para Américo Brasiliense.

Em *Céus escuros*, poema de José D'Assunção Barros, o autor, através da sua lira poética, narra a busca por alguém que se foi deixando boas lembranças, e a certeza de que, o reencontro acontecerá.

Por fim, Sergio Ricciuto Comte, na arte de capa desta edição de Travessia, nos propõe uma imagem que remete a J. B. Scalabrini mirando e acolhendo migrantes, agora não apenas italianos, mas, também, de outras etnias e nacionalidades, como se pode notar pelo cabelo black power de uma das figuras. Trata-se de uma atualização do olhar de Scalabrini sobre as migrações contemporâneas. Ademais, as diversas tonalidades de cores sugerem a ideia de movimento, interação, transformação inerentes à própria concepção de migração.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

SCALABRINI, J. B. **A emigração italiana na América**. Caxias do Sul: EST/CEPAM/UCS, 1979.

João Batista Scalabrini será santo

Alfredo José Gonçalves, CS.*

1 INTRODUÇÃO

Em meados de maio de 2022, o Papa Francisco anunciou que o bispo de Piacenza, João Batista Scalabrini, beatificado em 9 de novembro de 1997, pelo então Papa João Paulo II, será reconhecido pela Igreja como santo. J. B. Scalabrini nasceu em Fino Mornasco, na data de 8 de julho de 1839; e faleceu em Piacenza, na data de 1º de junho de 1905. Talvez devido à intensa santidade de sua vida e obra, o pontífice dispensou inclusive a necessidade de um novo milagre, acelerando dessa forma as cerimônias de santificação. Nos parágrafos que se seguem, procuramos responder a uma pergunta que, provavelmente, passou pela cabeça de não poucas pessoas. Por que o processo de canonização de J. B. Scalabrini, denominado “pai e apóstolo dos migrantes”, ganhou um ritmo mais acelerado? Três olhares se fazem necessários.

2 UM OLHAR À FIGURA DO BISPO DE PIACENZA

Iniciemos, confrontando o contexto histórico de Scalabrini com um exemplo, tirado da literatura, que pode ser oportuno. Em 1939, o escritor estadunidense John Steinbeck, Prêmio Nobel da literatura em 1962, publica sua obra prima *The Grapes of Wrath* (“As Vinhas da Ira”)¹. Trata-se da saga de uma família que, juntamente com milhares de outras, é forçada a deslocar-se da região de Oklahoma em direção à Califórnia, a oeste do Estados Unidos. Na terra de origem, a agricultura familiar dos pequenos produtores é substituída, através de uma progressiva transformação tecnológica, pelo cultivo intensivo e extensivo do algodão a ser usado pela indústria. A consequência é o abandono em massa do campo, um êxodo rural sem precedentes, não somente no “middle east USA”, mas em todo país. Assemelha-se àquilo que ocorre na Europa, durante os séculos XVIII e XIX, devido à Revolução Industrial.

Segundo Peter Gay (2001) e Eric Hobsbawm, ambos historiadores, as migrações constituíram uma das consequências das transformações europeias do século XIX. Peter Gay afirma que, entre a primeira década de 1800 e a primeira década de 1900, venquanto a população de Manchester, Inglaterra, berço da Revolução Industrial, sobe de 70 para 700 mil habitantes por causa do

**Vice-presidente do Serviço Pastoral dos Migrantes – SPM, Coord. Adjunto da Missão Paz e assessor de movimentos populares. E-mail: pe.alfredinho@scalabrini.org*

êxodo rural, cerca de 62 milhões de pessoas deixam o velho continente europeu, cruzam os oceanos rumo às Américas e à Austrália e Nova Zelândia². O mesmo autor concorda com Hobsbawm (2013)³ ao referir-se ao “século do movimento” (XIX) como também de grande aceleração histórica. Utiliza a metáfora do trem: deslocamento geográfico com a descoberta da máquina a vapor (navios, trens, automóveis) e movimentos de pessoas, seja do campo para a cidade, seja de vários países europeus em direção ao ultramar.

Limitando-nos à Península Italiana, entre 1815 e 1915, nada menos do que 25 milhões de pessoas emigraram de seu território. Na década de 1901 a 1910, a média anual de emigrados chegou a 600 mil. O ano de 1913, por sua vez, representa o recorde de saídas: mais de 850 mil pessoas (BRAUDEL, 2017)⁴. Para se ter uma ideia mais exata do volume de semelhantes deslocamentos humanos, especialmente entre Itália e Brasil, vale citar os estudos do Pe. Antonio Perotti, no período em que exerceu a função de diretor do CIEMI (Centre d’Information et d’Études sur les Migrations), em Paris, França). Escreveu ele:

É nesse decênio de transição do Império para a República, em que entrou no Estado de São Paulo uma verdadeira avalanche de italianos, que Pe. Marchetti começou seu apostolado na capital e no interior do estado, percorrendo as fazendas de café. A comunidade italiana no Brasil, acrescida com 554.000 unidades, chegava, em 1901, a 1.110.000 indivíduos, concentrados sobretudo em São Paulo. Em 1897, os italianos constituíam quase a metade da população da cidade: 112.000 sobre 260.000. A cidade de São Paulo viu quadruplicar sua população entre 1890 e 1900: de 64.934, em 1890, para 239.820, em 1900 (PEROTTI, 2004, pp-33-34)⁵.

Convém citar, também, um historiador brasileiro.

A situação europeia deslocou o fluxo emigratório para o sul da Itália. As entradas [no Brasil] ascenderam rapidamente: dos 13 mil, nos anos 1870, passa a 30 mil, só em 1886; em 1887, será de 55 mil; em 1888, da ordem de 133 mil. O total para o último quartel do século ficou acima de 800 mil, sendo quase 600 mil italianos (SODRÉ, 1971, p.251)⁶.

E um pouco mais adiante: “No último decênio do século XIX, a população estrangeira em São Paulo crescerá de 605%; os nacionais eram 770 mil, os estrangeiros, 230 mil. Entre 1887 e 1897, entraram no Brasil 1.300.000 pessoas” (SODRÉ, 1971, p.308).

João Batista Scalabrini move-se nesse universo de rápidas e profundas transformações, marcado intensamente pelo fenômeno migratório. Desde bem cedo, seja como pároco na diocese de Como, seja como formador e bispo na diocese de Piacenza, direcionou sua solicitude pastoral para aqueles que, por causa do trabalho, tinham de deixar sua terra natal por alguns meses. Primeiro, dedicou bom tempo aos carvoeiros que passavam algum tempo nas montanhas

ao norte da Itália; depois, voltou-se para os mondadores de trigo ou feno nas planícies. Eram trabalhadores temporários e/ou sazonais que, para garantir a parca sobrevivência da família, viam-se forçados a ausentar-se por determinado período, ano após ano, como aves de arribação. A carência do calor familiar, do conforto da fé e do solo pátrio repercutia como lacunas que deveriam ser preenchidas.

Posteriormente, à medida que a emigração europeia, em geral, e italiana, em particular, ganham números vultosos e rostos conhecidos, Scalabrini toma em mãos a problemática. Desde um ponto de vista socioeconômico, podemos afirmar que a “questão social” e a “questão migratória” embalarão a atividade pastoral de Scalabrini. Juntamente com outros “santos sociais”⁷ da época, o olhar de Scalabrini confere à Igreja uma nova sensibilidade social que desembocará na Carta Encíclica *Rerum Novarum* – sobre a condição dos operários, publicada em 1891, pelo então Papa Leão XIII.

Convém notar, de passagem, que esse subtítulo da encíclica, em sua intenção, está bem próximo do estudo de Friedrich Engels, na Inglaterra de 1844, sobre a situação dos operários⁸. E ainda de passagem, não custa lembrar que o mesmo Engels, juntamente com Karl Marx, elaborou e publicou o *Manifesto Comunista*, quase meio século antes de *Rerum Novarum*. Aliás, esta, às vezes, vem apelidada de “manifesto comunista da Igreja”. Por sua vez, a frase de abertura da encíclica – “A sede de inovações, que há muito tempo se apoderou das sociedades e as tem numa agitação febril...”⁹ – insere-se à perfeição no contexto em que atuou Scalabrini. Por sua abertura aos desafios do mundo moderno, ao lado dos demais santos sociais, não será exagero afirmar que estão aí os precursores remotos do Concílio Vaticano II.

Retomado o tema das migrações e dos emigrantes italianos, enquanto bispo de Piacenza, Scalabrini começa a solicitar a disponibilidade de sacerdotes e irmãs religiosas para acompanhá-los durante a viagem e nos lugares de chegada. Envia-os primeiramente aos Estados Unidos, depois ao Brasil. Nasce, dessa forma, a Congregação dos Missionários de São Carlos (1887) e a Congregação das Missionárias de São Carlos (1895). Note-se, uma vez mais, que a publicação da *Rerum Novarum* (1891) está justamente a meio caminho entre as fundações da congregação masculina e da feminina. Em outras palavras, a sensibilidade da Igreja para com a “questão social” é simultânea à solicitude pastoral de Scalabrini diante da “questão migratória”.

São como que irmãs gêmeas que nascem do coração do bispo de Piacenza, em sinergia com outras figuras contemporâneas. Também não podemos ignorar que, ademais das duas congregações mencionadas, Scalabrini introduziu na Itália a Obra ou Sociedade San Raffaele¹⁰, instituto formado por leigos que atuavam nos locais de saída e de chegada dos emigrantes e que se manteve ativa nos dois lados do oceano Atlântico: em Gênova, na Itália; em Boston, Providence e New York, nos Estados Unidos. Com razão se diz que o bispo de Piacenza tinha “um coração maior que a diocese”, voltado de forma particular para as trabalhadoras

e trabalhadores em movimento, no sentido de levar-lhes “o sorriso da pátria e o conforto da fé”, ou ainda de “fazer de todo o mundo a pátria da humanidade”. Já debilitado e prestes a chegar ao final da vida, ainda encontra forças para uma viagem aos Estados Unidos e outra ao Brasil, respectivamente em 1901 e 1904, para visitar os emigrantes italianos e seus missionários e missionárias.

3 UM OLHAR ÀS MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

3.1 *Vaivém sem tréguas*

Quatro aspectos marcam as migrações contemporâneas, quando comparadas ao que ocorria há mais de um século¹¹. No fenômeno migratório do século XIX, entrando pelas primeiras décadas do XX, no contexto da Revolução Industrial, como ilustramos no tópico anterior, os migrantes tinham origem e destino mais ou menos certo, quase que pré-determinados. Deixaram a terra onde haviam enterrado seus antepassados, mas sabiam relativamente em que porto desembarcariam. Ao desenraizamento nos países do velho continente europeu, seguia-se um novo enraizamento do outro lado do oceano Atlântico. Partida e chegada, digamos assim, tinham hora marcada.

Tanto no embarque quanto no desembarque havia, por vezes, agentes migratórios, até mesmo representantes dos governos de um lado e outro. O ato de deixar a pátria e atravessar as águas do mar adquiria, em não poucos casos, o caráter de uma espécie de “transplante”. Povos, pessoas e grupos eram como que retransplantados. O que não quer dizer, evidentemente, que todos os imigrantes tinham a mesma sorte e estavam predestinados a um sucesso. O objetivo aqui é de chamar a atenção para a tendência de uma migração acentuadamente dirigida, no sentido de encontrar lugar para a população “sobrante” das mudanças socioeconômicas que ocorriam na Europa.

Nas últimas décadas do século XX e primeiras do XXI, cem anos depois daquelas “migrações históricas”, mas diferentemente delas, os deslocamentos humanos de massa não servem mais para ligar, digamos, dois polos de uma travessia. Pelo contrário, os migrantes atuais sabem evidentemente de onde saem, mas ignoram quase por completo onde irão fixar a nova morada. O horizonte se lhes tornou nebuloso, sem contornos definidos. Em lugar de um “transplante” de um lugar a outro, amargam um vaivém sem fim, cruzando fronteira sobre fronteira, batendo de porta em porta. Nessas idas e vindas, a incerteza predomina onde quer que cheguem. Erram pelas estradas dos países com as raízes expostas ao sol, com o sério risco de definharem, secar e perecer. O desenraizamento não vislumbra facilmente onde replantar os sonhos e esperanças interrompidos.

Bastaria constatar, como exemplos dos movimentos mais recentes, as rotas tortuosas – às vezes repetidas à exaustão – dos haitianos, dos afegãos,

dos venezuelanos, e agora dos ucranianos, sem esquecer as “aventuras” dos migrantes que procedem dos países da África subsaariana. Esse vaivém sem tréguas, incerto e inseguro quanto ao desembarque definitivo, constitui o primeiro aspecto das migrações contemporâneas. Também neste caso, em meio à massa errante dos sem raiz e sem rumo, existem indivíduos e famílias que deixam a região ou a pátria com uma trajetória bem desenhada. Conhecem as condições de saída e sabem exatamente onde desembarcar e fixar residência. Estes últimos, porém, constituem cada vez mais a minoria. Tendencialmente, o maior número dos que se aventuram pela estrada caminham às cegas.

3.2 Migração e emprego

O segundo aspecto tem a ver com a questão do trabalho ou emprego. Sempre tendo em vista os deslocamentos do passado, o binômio migração-trabalho caminhava de maneira praticamente inseparável, como vemos no povoamento dos países novos das Américas, bem como em outros movimentos migratórios por toda parte. Tomando como exemplo a história do Brasil, para além dos imigrantes italianos, alemães, espanhóis, poloneses, portugueses, japoneses etc., que aqui se instalaram, vinham orientados a buscar determinado setor do mercado de trabalho. Normalmente, familiares, parentes e amigos lhes haviam precedido e preparado a “cama para se deitarem”.

Vale o mesmo para o imenso número de migrantes internos que, nas décadas de 1940-70, trocaram o Nordeste do país pelo Sudeste ou pelo Centro-oeste. Em São Paulo, Rio de Janeiro ou na construção de Brasília, a nova capital, com frequência, havia alguém de referência e um posto de trabalho à espera. Emprego razoavelmente estável e com carteira assinada. A mão de obra costumava ser absorvida pelo modelo político e econômico do desenvolvimentismo. Novamente aqui, o “conhecimento” de algum familiar, parente ou amigo que migrara anteriormente abria o caminho e as portas para novas aventuras, em boa medida bem-sucedidas.

Nos movimentos migratórios de hoje, internos ou internacionais, esse casamento entre migração e trabalho sofre um profundo divórcio. Em vez de um trabalho mais ou menos garantido, o migrante vai se deparar com as migalhas que caem da mesa do capital. Acaba em geral tropeçando com os serviços mais sujos e pesados, mais perigosos e mal remunerados. O ato de migrar e o de encontrar emprego regular, relativamente legalizado, se dissociam. Salvo em raras e cada vez mais exigentes exceções, os migrantes terminam no mercado informal, quando não recrutados impiedosamente para o crime organizado, para a prostituição precoce, para o tráfico de drogas ou para o trabalho escravo. Cem ou cinquenta anos atrás, a mobilidade humana podia ser considerada como um meio para a mobilidade social *ascendente*.

Migrava-se na tentativa de encontrar um lugar ao sol, coisa que efetivamente ocorria com razoável frequência. Atualmente, é muito comum o deslocamento

levar aos becos sem saída da “clandestinidade”, ou do trabalho autônomo e ambulante – que não é senão uma forma de autoexploração – numa mobilidade social *decadente*. Mas não podemos esquecer que um bom número de migrantes de 50 ou 100 anos atrás ficaram pelo caminho, caindo nas periferias e favelas das grandes metrópoles. Por outro lado, hoje como ontem, alguns conseguem fazer da mobilidade geográfica um caminho para o emprego e a mobilidade social. O número destes bem-sucedidos, contudo, diminui a olhos vistos. A tendência maior conduz ao horizonte sombrio do mercado informal ou do desemprego prolongado.

3.3 Migração temporária e/ou sazonal

O terceiro aspecto refere-se à migração temporária e/ou sazonal, normalmente utilizada para as colheitas agrícolas, grandes obras públicas, trabalho doméstico etc. Décadas atrás, bastava uma temporada no corte da cana-de-açúcar, por exemplo, para que o trabalhador conseguisse ganhar o suficiente para sustentar a família no restante do ano. Alguns meses fora de casa e longe dos parentes, e o “dinheirinho”, ainda que parco e pingado, ia garantindo a permanência no lugar de origem. Migração de resistência, de acordo com alguns estudiosos (PALMEIRA, 1971; LEITE LOPES, 1988; GARCIA JR., 1983; 1989; MENEZES, 1985; MENEZES, COVER, 2018). Migrar temporariamente era uma forma de evitar fazê-lo de forma definitiva. O dinheiro da safra cobria o que o roçado não fornecia. As famílias se equilibravam no fio tênue da ausência temporária do pai ou dos filhos mais velhos, tirando da terra algo para matar a fome. O ganho que vinha do trabalho fora constituía uma espécie de poupança para necessidades especiais.

Atualmente isso se tornou praticamente impossível. Não basta mais uma única safra. Desde algumas décadas, muitos migrantes, depois do corte da cana, passaram à colheita da laranja; outros juntam a colheita do café com a do morango; e outros ainda, como no caso dos peruanos e bolivianos no Chile, casam a safra do tomate com a da oliveira, depois da uva, e assim por diante. Voltando ao Brasil, não poucos trabalhadores e trabalhadoras sazonais, após qualquer tipo de safra agrícola, deslocam-se para o litoral ou para as ruas de grandes cidades, onde trabalham como vendedores ambulantes ou camelôs. Isso significa permanecer longe da família não somente por 5, 6 ou 7 meses, mas quase todo o ano, se quiser dar conta dos gastos para se manter ligado à terra.

Outra alternativa para compensar os ganhos, cada vez mais reduzidos, consiste na ausência temporária de mais de um membro da mesma família. Em semelhantes circunstâncias adversas, a tendência é que, de temporada em temporada, a migração sazonal se converta em migração definitiva para as capitais ou cidades médias, na tentativa de sobreviver nos porões ou periferias mais distantes. O certo é que o trabalho temporário/sazonal, próprio da

produção agrícola, hoje em dia, dispensa boa parte da mão de obra. Sobram trabalhadores, faltam postos de trabalho; equação que, como bem sabemos, leva inevitavelmente à redução dos salários. Salvo determinados serviços especializados, a tendência é o abandono da terra e a migração definitiva para a zona urbana, quando “não há mais chance de arrumar alguma coisa”.

3.4 Protagonismo da mulher

Por fim, mas não em último lugar, o quarto aspecto destaca o protagonismo atual da mulher no processo migratório. Nas antigas migrações, a mulher acompanhava o marido, o pai ou os irmãos. O homem decidia e tomava a frente, a mulher o seguia juntamente com os filhos. As fotografias em preto e branco, nos embarques do passado, mostram bem isso. À mulher compete normalmente olhar pelas crianças, transportar algumas sacolas e pertences menores, enquanto o homem aparece com as malas pesadas e à cabeça do “cortejo”.

Mulheres e crianças figuram como uma espécie de sombra dos homens. Estes últimos é que se responsabilizam pelo empreendimento da mudança e da travessia. Por vezes, partia primeiro o homem – marido ou filho mais velho – para sondar o terreno estranho e desconhecido. Somente então chamava o restante da família, na tentativa de reagrupamento parental. Mas não podemos esquecer, ainda desta vez, que, ao longo da história, sempre houve mulheres que tomaram a si a iniciativa de tentar a vida em outra região ou país, arcando com todo o peso da mudança. Ademais, não poucos pioneiros migram acompanhados de verdadeiras pioneiras.

Nos tempos que correm, torna-se cada vez mais comum ver a mulher tomar a iniciativa de sair, seja na busca de uma carreira profissional mais promissora para si mesma em outra região ou país, seja como mãe, na tentativa de garantir o futuro menos ingrato para os filhos. Estudiosos (PEREIRA, 2012; PERES, BAENINGER, 2012; NOVAES, 2022; ASSIS, KOSMINSKY, 2021); constatam o crescimento das mulheres não apenas nas estatísticas referentes às migrações, mas também e sobretudo no seu protagonismo enquanto tomam sobre si o processo de mudança. Não são poucas as mães solteiras, por vezes abandonadas pelos maridos nas crises mais agudas, que acabam se arriscando à migração. A Venezuela e o Haiti, entre outros países, podem ser bons exemplos desse fenômeno, em que se torna cada vez mais numerosa a presença da mulher (e dos menores desacompanhados) no processo migratório. Presença não como “apêndice” do marido, e, sim, como iniciativa por sua conta e risco próprios. “Troquei de pátria por amor aos meus filhos” – dizia-me uma venezuelana num testemunho comovente. O esforço para conseguir a ração diária do alimento familiar tornara-se cada vez mais penoso e humilhante. Ao mesmo tempo que os produtos diminuía, o preço aumentava. Até que, diante das crianças famintas, a decisão se impôs: trocar a Venezuela pelo Brasil.

Diversos fatores contribuem para reforçar esses quatro aspectos. O primeiro deles, sem dúvida, é o crescimento do número e da intensidade dos conflitos armados em várias partes do planeta, o que gera proporcional crescimento de refugiados ou fugitivos da fome. Guerras e destruição, pobreza e miséria em países como Síria, Venezuela, Iêmen, Afeganistão, Ucrânia, Sudão do Sul, Mianmar, Nigéria, Eritreia, Etiópia, Somália, Haiti, Índia, Bangladesh, Sri Lanka, entre tantos outros, geram multidões de desenraizados. A isso junta-se a ascensão ao poder de governos da extrema-direita populista, os quais tendem a fechar as fronteiras de seus países, aumentando a pressão dos migrantes sobre os limites geográfico-territoriais das nações.

Com tais autoridades, difundem-se também, de forma exponencial, a discriminação e o preconceito, o racismo e a intolerância, a xenofobia e a perseguição aos estrangeiros. Por fim, retrospectivamente, hoje sabemos como a pandemia da Covid-19 escancarou, agravou e deu maior visibilidade ao drama das pessoas em movimento pelas estradas de todo o mundo. Números, rostos, nomes, imagens, histórias, sonhos interrompidos, agressividade e mortes – tudo isso ao vivo e a cores – correram pelas telas e telinhas da televisão, das redes sociais e até do cinema.

4 HERANÇA DE SCALABRINI

Com isso, voltamos a J. B. Scalabrini. Os tópicos anteriores nos convidam a revisitar sua herança como quem visita um tesouro ou um museu vibrante, de forma particular nestas últimas décadas em que assistimos ao aumento dos deslocamentos humanos em massa e do número de pessoas neles envolvidas, tanto como migrantes quanto como refugiados. Duas intuições de Scalabrini, pastor-profeta-protagonista, em especial, podem ser resgatadas como ferramentas de ação no universo da mobilidade humana. A primeira tem a ver com o acompanhamento dos migrantes e das migrações não somente de um ponto de vista religioso e pastoral mas, também, na esfera social e política. O trinômio composto “sócio-político-pastoral” jamais pode ser dissociado. Diante das mudanças apresentadas nos parágrafos anteriores, como ser fiel, contemporaneamente, ao carisma deixado por Scalabrini e aos desafios do nosso tempo? Entra em cena o refrão tão em voga da “fidelidade criativa”. Como ele mesmo dizia, frente às realidades e desafios novos, como vimos nas migrações dos tempos que correm, fazem-se necessários novos organismos e novos métodos de evangelização.

A segunda intuição tem a ver com o trabalho integrado entre a origem e o destino dos migrantes. Ademais de agir, na Itália, para minimizar o sofrimento dos que deixavam a terra que os vira nascer e embarcavam para o outro lado do oceano, providenciou para que, nas Américas, os missionários e missionárias pudessem acolher humanamente os que desembarcavam em solo estrangeiro.

Essa ponte de fé e esperança entre os polos de saída e de chegada torna-se fundamental para os que, com as raízes ao sol, buscam novo enraizamento num chão mais fértil e promissor. Permanece o desafio de recriar, para o contexto atual da migração, as intuições de Scalabrini. O Bem-aventurado, com um século de antecedência, colocava em prática a recomendação da Assembleia Episcopal da América Latina e Caribe, em 2007, sobre “o diálogo e a cooperação” entre as Igrejas de origem e destino dos migrantes” (CELAM, 2007, p.185-187 [411-415])

5 UM OLHAR À FIGURA DE JORGE BERGOGLIO – PRESENÇA PROFÉTICA E EVANGÉLICA

Desde a sua eleição à cátedra de Pedro, em março de 2013, o Papa Francisco revela uma verdadeira solicitude de pastoral para com a causa dos Migrantes, o que, de resto, já traz da periferia de Buenos Aires. Não seria exagero sublinhar que migrações, migrantes e refugiados tornam-se a menina dos olhos de seu pontificado. Nessa perspectiva, convém levar em consideração certas atitudes do pontífice voltadas para a defesa dos direitos de quem, pelos motivos mais diversificados, se encontra fora de sua pátria. Nisso, mostra-se um seguidor inegável do bispo de Piacenza.

De início, basta ter em conta sua presença nos pontos significativos por onde passam os migrantes, espécie de encruzilhadas entre os povos. A primeira visita, em julho de 2013, poucos meses após a tomada de posse, teve como destino a ilha de Lampedusa, extremo sul da Itália. Trata-se de uma passagem relevante da chamada “rota mediterrânea”, uma das que ligam os países da África e do Oriente Médio ao continente europeu. Próximo às águas da ilha, uma embarcação com cerca de 800 migrantes havia afundado, matando quase a totalidade deles. O pontífice deposita nas ondas do mar uma coroa de flores em memória dos que ali tinham interrompido para sempre seus sonhos.

A segunda presença do Papa na rota dos migrantes deu-se por ocasião de sua visita ao México, em fevereiro de 2016. O líder da Igreja Católica concluiu a passagem por aquele país em Ciudad Juárez, uma das cidades mais violentas do mundo, localizada no limite geográfico entre México e Estados Unidos. Ali, o pontífice visita uma prisão da cidade fronteiriça, onde encontra muitos migrantes, em seguida aborda o problema das migrações numa celebração eucarística que reúne fiéis dos dois lados da fronteira. “O fluxo do capital não pode decidir o fluxo das pessoas”, diz o Papa Bergoglio. Ele ainda destinou US\$ 500 mil do “Óbolo de São Pedro” para ajudar migrantes bloqueados da fronteira entre México e Estados Unidos

A terceira visita realizou-se em abril de 2016, data em que o Santo Padre dirigiu-se à ilha grega de Lesbos. Desta vez, tratava-se da chamada “rota balcânica”, na qual a ilha representa uma ligação entre Oriente Médio e Europa. Duas coisas chamam a atenção nessa visita: por uma parte, num campo de

refugiados, o Papa utiliza uma metáfora bem conhecida dos migrantes e dos trabalhadores do mar para falar da migração em massa como um verdadeiro “naufrágio da civilização”. Por outra parte, de volta para Roma, o Papa trouxe consigo 12 refugiados sírios, num gesto de solidariedade que pretendia abrir consciências e portas para a sociedade europeia (PRESSE, 2021)¹², o que vale também para as visitas a Lampedusa (Itália) e fronteira entre México e Estados Unidos, com suas respectivas datas.

Um complemento das visitas têm sido as atitudes concretas do Papa Francisco, seja para com os pobres em geral – “os descartáveis de uma economia que exclui e mata” – seja para com os migrantes e refugiados em particular. “Gestos que valem uma encíclica”, disse um jornalista italiano (VECCHI, 2016) por ocasião do lava-pés dos prisioneiros e da acolhida aos refugiados sírios¹³. Neste caso, comportamentos similares poderiam multiplicar-se às dezenas ou até centenas. Com a presença ou com a voz ao mesmo tempo mansa e firme, Bergoglio sempre tem aparecido com veemência profética nas regiões onde a violência ou a pobreza golpeiam a população, obrigando-a a migrar: Síria, Venezuela, Ucrânia, Afeganistão, Etiópia, e assim por diante. Desnecessário acrescentar que, na formulação do novo “Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano e integral”¹⁴, o Papa colocou sob sua direta responsabilidade o *Setor da mobilidade humana*.

6 CULTURA DO ENCONTRO E DO DIÁLOGO

Por fim, temos seus escritos, pronunciamentos e “conversas” com a população da Praça São Pedro, durante o *Angelus* do domingo. O tema da migração nunca deixa de ocupar lugar significativo nas palavras do pontífice. Todos cabem em seu coração de pastor: os refugiados das guerras, os refugiados climáticos, os migrantes socioeconômicos, os trabalhadores temporários, os desterrados, errantes e descartáveis. Dessa atenção resulta seu duro e implacável julgamento da “globalização da indiferença”, a qual, seguindo seu pensamento, deve ser substituída pela “cultura do encontro, da acolhida, do diálogo e da solidariedade”¹⁵. Não estamos longe do coração de Scalabrini!

Resta, ainda, trazer à público as mensagens do pontífice para a *Jornada Mundial do Migrante*, celebrada sempre no último domingo de setembro, por um lado, e os notórios *quatro verbos* (acolher, proteger, promover, integrar) para a atuação evangélica com os migrantes, por outro. No primeiro caso, como é seu costume, o Papa Francisco sempre se manifesta atento tanto ao método quanto ao conteúdo dos textos. Desde o ponto de vista metodológico, a sua linguagem se caracteriza por um acento popular e mais acessível. Possui o raro dom de ser, ao mesmo tempo, simples e profundo naquilo que transmite. Quanto ao conteúdo, em cada uma de suas mensagens, Bergoglio procura trazer à luz do dia as chagas vivas do universo migratório. Para este ano de 2022, por exemplo,

o tema escolhido é “*Construir o futuro com os migrantes e os refugiados*”¹⁶, no sentido de sublinhar o protagonismo de quem, ao se mover em busca de melhores dias, move igualmente as engrenagens ocultas da própria história. O ato de migrar não deixa de ser uma forma de tornar-se artífice e profeta de um amanhã recriado. Ao mesmo tempo que, na origem, anuncia as condições de extrema pobreza, violência e vulnerabilidade, no destino, anuncia a necessidade de mudanças urgentes nas relações socioeconômicas e políticas internacionais.

Passemos ao esquema dos quatro verbos: *acolher, proteger, promover e integrar*. Eles representam o núcleo da mensagem do Papa Francisco aos participantes do VI Fórum Internacional sobre Migração e Paz¹⁷, ocorrido nos dias 21 e 22 de fevereiro de 2017, em Roma. Promovido pela Rede Scalabriniana de Migração, o Fórum debateu a temática “*Integração e desenvolvimento: da reação à ação*”. Desde então, aqueles quatro verbos figuram como uma espécie de programa para quem trabalha mais diretamente com a Pastoral dos Migrantes ou no universo da Mobilidade Humana.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três itens analisados no decorrer do texto – um olhar à figura do bispo de Piacenza, um olhar às migrações contemporâneas e um olhar à figura de Jorge Bergoglio – quando devidamente combinados, procuram trazer alguma luz sobre a iniciativa de acelerar o processo de canonização do Bem-aventurado J. B. Scalabrini, beatificado em novembro de 1997 pelo Papa João Paulo II, como vimos. Numa síntese de poucas palavras, trata-se de:

- resgatar o testemunho de vida e obra do “pai e apóstolo dos migrantes”, como modelo de santidade;
- alertar as autoridades e organismos internacionais, a sociedade civil, a Igreja e outras entidades para o drama das migrações atuais;
- conferir um vigor renovado e maior impulso à solicitude evangélica, social e política da Pastoral junto aos Migrantes e Refugiados.

NOTAS

¹ STEINBECK, John. **As vinhas da ira**. Rio de Janeiro, Record, 2012.

² GAY, Peter. **Experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud**. 5 volumes. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

³ HOBBSAWM, Eric. **L'età della Rivoluzione**. Milano, Rizzoli, 2013. Dello stesso autore vedasi anche *L'età degli imperi, Il trionfo della Borghesia, Il secolo breve, L'era dei grandi cataclismi*.

⁴ BRAUDEL, Fernand. **Il Mediterraneo – lo spazio, la storia, gli uomini, le tradizioni**. Milano: Ed. Bompiani, 2017.

⁵ PEROTTI, Antonio. **Scalabrini e as migrações no contexto histórico das migrações européias nas Américas**. São Paulo: Max Editora, 2004. Vol. I. Disponível também em: <http://www.scalabriniani.org/wp-content/uploads/2020/12/Perotti_Scalabrini_e_as_Migracoes_Vol_Ia.pdf>.in: Site da Congregação dos Missionários de São Carlos: www.scalabrini.org (Pag. 33-34).

⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1971. 7ª edição.

⁷ Os “santos sociais” da segunda metade do século XIX são, em geral, fundadores e fundadoras de novas Congregações religiosas que, além da preocupação espiritual e comunitária, acrescentam uma dimensão marcadamente apostólica.

⁸ ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Trad. B. A. Schumann; supervisão, apresentação e notas, José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2010.

⁹ A Carta Encíclica *Rerum Novarum* constitui o documento inaugural do *corpus* que forma a Doutrina Social da Igreja. PAPA LEÃO XIII. **Rerum Novarum**. Roma: Biblioteca do Vaticano, 1891.

¹⁰ A Sociedade San Raffaele inspirou-se em algo similar ao que já havia na Alemanha, atuando nos lugares de origem e destino dos emigrantes. A mais longeva funcionou até o ano de 1923, em New York.

¹¹ GONÇALVES, Alfredo J. **Um olhar sobre as migrações contemporâneas**. Manuscrito apresentado no Coletivo de Formação do SPM, de 13 a 15 de maio de 2022, Luziânia-GO, com algumas modificações.

¹² PRESSE, France. Papa critica em Lesbos o ‘naufrágio da civilização’ por abandono de migrantes. **G1**, 05/12/2021. < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/12/05/papa-critica-em-lesbos-o-naufragio-da-civilizacao-por-abandono-de-migrantes.ghtml>>. Acesso em: 01 de junho de 2020.

¹³ VECCHI, Gian Guido. Gesti che valgono un’enciclica. **Corriere della Sera**, 17-04-2016. Milano, Itália. .

¹⁴ O organograma da Santa Sé é dividido em *Dicastérios*, de acordo com a área de atuação e sob a direção de um cardeal responsável.

¹⁵ Essa observação, junto com o conceito de “economia que mata”, tem se tornado um refrão nas palavras do Papa Francisco.

¹⁶ FRANCISCO, Papa. **Construir o futuro com os migrantes e os refugiados** (Mensagem do Papa Francisco para o 108º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado – 25 de setembro de 2022). Vaticano: Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana, 2022.

¹⁷ As edições anteriores do Fórum sobre Migração e Paz foram organizadas pelo Scalabrini International Migration Network (SIMN), de New York, USA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, G. de O.; KOSMINSKY, E. V. Gênero e migrações contemporâneas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 695-697, set-dez, 2007. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300012>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- BRAUDEL, F. **Il Mediterraneo** – lo spazio, la storia, gli uomini, le tradizioni. Milano: Ed. Bompiani, 2017.
- CELAM - CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe** - Aparecida, 13-31 de maio de 2007. Documento final (Documento de Aparecida). Aparecida: CELAM, 2007.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Trad. B. A. Schumann; supervisão, apresentação e notas, José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2010.
- FRANCISCO, Papa. **Construir o futuro com os migrantes e os refugiados** (Mensagem do Papa Francisco para o 108º Dia Mundial do Migrante e do Refugiado – 25 de setembro de 2022). Vaticano: Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana, 2022.
- GARCIA Jr., A. R. **Terra de trabalho**: trabalho familiar de pequenos produtores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GARCIA Jr., A. R. **O sul**: Caminho do Roçado – Estratégias de Reprodução Camponesa e Transformação Social. São Paulo: Marco Zero; Brasília : CNPq, Editora UNB, 1989.
- GAY, P. **Experiência burguesa**: da Rainha Vitória a Freud. 5 volumes. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- GONÇALVES, A. J. **Um olhar sobre as migrações contemporâneas**. Manuscrito apresentado no Coletivo de Formação do SPM, de 13 a 15 de maio de 2022, Luziânia-GO, com algumas modificações.
- HOBBSAWM, E. **L'età della Rivoluzione**. Milano, Rizzoli, 2013. Dello stesso autore vedasi anche L'età degli imperi, Il trionfo della Borghesia, Il secolo breve, L'era dei grandi cataclismi.
- PAPA LEÃO XIII. **Rerum Novarum** – sobre a condição dos operários. Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana, 1891.
- LEITE LOPES, J. S. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo/ Brasília: Marco Zero/ CNPq, 1988.
- MENEZES, M. A. **Da Paraíba prá São Paulo e de São Paulo prá Paraíba** (migração, família e reprodução da força de trabalho). 1985. f.? Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural). UFPB, Campina Grande, 1985.
- MENEZES, M. A.; COVER, M. **Trabalhadores migrantes**: formas de resistência cotidiana. TRAVESSIA – Revista do Migrante – Ano XXXI, Nº 83 - Maio - Agosto / 2018.
- NOVAES, D. T. P. **Filhos, saúde e migração**: mulheres angolanas em São Paulo. São Paulo: CEM, 2022.

PALMEIRA, M. **Latifundium et capitalismo**: lecture critique d'un débat. Thèse – Faculté de Lettres et Sciences Humaines, Paris, 1971

PEREIRA, J. C. A. **O lugar desmanchado, o lugar recriado?** Enredos e desenredos de jovens rurais na migração internacional. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia do IFCH. Campinas: IFCH/Unicamp, 2012.

PERES, R. G.; BAENINGER, R. Migração Feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. In: **Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP**, XVIII, 19-23 nov. 2012. Encontro. Águas de Lindóia – São Paulo, 2012.

PEROTTI, A. **Scalabrini e as migrações no contexto histórico das migrações européias nas Américas**. São Paulo: Max Editora, 2004. Vol. I. Disponível também em: <http://www.scalabriniani.org/wp-content/uploads/2020/12/Perotti_Scalabrini_e_as_Migracoes_Vol_Ia.pdf>. in: Site da Congregação dos Missionários de São Carlos: www.scalabrini.org (Pag. 33-34).

PRESSE, F. Papa critica em Lesbos o 'naufrágio da civilização' por abandono de migrantes. G1, **05/12/2021**. <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/12/05/papa-critica-em-lesbos-o-naufragio-da-civilizacao-por-abandono-de-migrantes.ghtml>>. **Acesso em: 01 de junho de 2020.**

STEINBECK, J. **As vinhas da ira**. Rio de Janeiro, Record, 2012.

SODRÉ, N. W. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1971. 7ª edição

VECCHI, G. G. Gesti che valgono un'enciclica. **Corriere della Sera**, 17-04-2016. Milano, Itália.

RESUMO

Em meados de maio de 2022, o Papa Francisco anunciou que o bispo de Piacenza, João Batista Scalabrini, beatificado em 9 de novembro de 1997, pelo então Papa João Paulo II, será reconhecido pela Igreja como santo. J. B. Scalabrini nasceu em Fino Mornasco, na data de 8 de julho de 1839; e faleceu em Piacenza, na data de 1º de junho de 1905. Talvez devido à intensa santidade de sua vida e obra, o pontífice dispensou inclusive a necessidade de um novo milagre, acelerando dessa forma as cerimônias de santificação. Neste texto, procuramos responder a uma pergunta que, provavelmente, passou pela cabeça de não poucas pessoas. Por que o processo de canonização de J. B. Scalabrini, denominado “pai e apóstolo dos migrantes”, ganhou um ritmo mais acelerado? Três olhares se fazem necessários.

Palavras-chave: João Batista Scalabrini; migrantes; Papa Francisco.

ABSTRACT

In mid-May 2022, Pope Francis announced that the Bishop of Piacenza, John Baptist Scalabrini, beatified on November 9, 1997, by then Pope John Paul II, will be recognized by the Church as a saint. J. B. Scalabrini was born in Fino Mornasco, on July 8, 1839; and died in Piacenza on June 1, 1905. Perhaps due to the intense sanctity of his life and work, the pontiff even dispensed with the need for a new miracle, thus speeding up the ceremonies of sanctification. In this text, we try to answer a question that probably crossed the minds of many people. Why did the process of canonization of J. B. Scalabrini, called “father and apostle of migrants”, gain a faster pace? Three looks are necessary.

Keywords: João Baptist Scalabrini; migrants; Pope Francis.

O sentimento invisível do sujeito diaspórico: o imigrante no conto “Gringuinho”, de Samuel Rawet

Regilane Barbosa Maceno

No último quartel do século 20, a concepção de identidade foi profundamente afetada pelas transformações ocorridas no campo cultural e social, pela experiência do descentramento operante tanto no âmbito da configuração do sujeito, efeito da fragmentação da identidade, como também pelo descentramento geográfico, facilitado pelo desenvolvimento tecnológico e cultural, favorecido pelas tendências do multiculturalismo intensificadas na década de 1980.

Esse cenário, iluminado pelos teóricos dos Estudos Culturais, possibilitou que fronteiras fossem dissolvidas, promovendo uma interpenetração dos discursos, bem como a desarticulação das estruturas binárias excludentes que alicerçavam a hegemonia cultural enraizada na sociedade colonial.

Para Hall (2006, p. 10), o conceito de identidade sofre modificações: não se aceita mais que ela seja fixa e homogênea, como o sujeito do Iluminismo, “um indivíduo totalmente centrado, unificado”, nem, tampouco, reflexo da crescente complexidade do mundo moderno, ou seja, um sujeito que “não era autônomo”, formado a partir da relação com o outro, como o sujeito sociológico.

Nesse sentido, a identidade subjetiva, que antes estava ligada à identidade nacional, passa por um processo de *desterritorialização*, desarticulando-se e permitindo o surgimento de novas identidades que passam a ser cambiantes e estão num permanente e intenso trânsito. Esse processo de desterritorialização se realiza na mobilidade provocada pela globalização que, em virtude do avanço tecnológico, intensificou a aceleração e a relativização das noções espaço-temporais dos indivíduos.

Stuart Hall (2009, p. 108) entende que a identidade não possui uma essência, um núcleo estável. Para ele, a história, os conflitos e as diferenças produzem identidades que estão sempre em trânsito: “essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas”. Corroborando a ideia, Tomaz Tadeu da Silva diz que a identidade

não é uma essência, não é fixa, não é homogênea; é instável, contraditória, fragmentada; está sempre em construção, está ligada a estruturas discursiva e narrativa, está ligada a sistema de representação e tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2009, p. 96-97).

Já Renato Ortiz (2006, p. 8) fala que “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”. Tanto para Hall como para Tomaz Tadeu da Silva, bem como para Renato Ortiz, a identidade não é estática, mas está sempre em trânsito, interagindo com os acontecimentos, sujeita às vicissitudes da história.

Em *Memória e identidade* (2012), Joël Candau, professor de antropologia, também fala sobre a construção da identidade. Para ele,

as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente disponível de “traços culturais” – vinculações primordiais –, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações e interações socioambientais – situações, contextos, circunstância – de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de ‘visões de mundo’ identitária ou étnica (CANDAU, 2012, p. 27).

É ponto pacífico entre os autores retrocitados que a identidade tem sido abalada dentro da efervescência contextual em que o mundo vive. Assim, ao discutir sobre a questão da identidade cultural na contemporaneidade, dificilmente poderemos fugir da complexidade identitária do sujeito hifenizado que ocupa o terceiro espaço. Sujeito hifenizado” ou “identidade hifenizada” refere-se à ‘crise identitária’ em que vive o homem na Pós-Modernidade, como explica o teórico Homi Bhabha:

Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do ‘presente’, para as quais não parece haver nome próprio, além do atual e controvertido deslizamento do prefixo ‘pós’: pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo (BHABHA, 2013, p. 19).

Esse processo de fragmentação se dá também na figura do imigrante, que vê arrancados todos os referenciais que o constituem como sujeito social. Um contato com diferentes estruturas culturais, muitas vezes marcadas pela violência, mesmo que seja a violência simbólica.

Como a história registra, a trajetória da humanidade é atravessada pelos êxodos, forçados ou não. Essas mobilidades fazem parte da essência humana desde quando os indivíduos se agruparam em sociedade. Nesse sentido, elas também são vetores de transformação das relações dos sujeitos com os outros e consigo mesmos, legando à memória um papel importante de (re)juntar identidades e histórias recolhidas nos rastros resíduos, na concepção de Édouard Glissant (2005), que emergem entre os recortes dos atos de lembrar desses indivíduos. Essas transformações são responsáveis também pelo abalo da ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados à sociedade.

Os processos migratórios, diaspóricos, intensificados nos últimos anos em escala global, acabam provocando certa fragilidade identitária no imigrante, pois lhe é exigida constantemente uma negociação permanente entre sua cultura autóctone e a nova cultura em que está inserido. Nesse hibridismo, embora muito se tenha a ganhar, o imigrante vê-se num momento, totalmente instável, de perda de identidade.

É nesse momento de transformações, moldadas no “liquidificador modernizante do ocidente”, na metáfora do mosaico, que a literatura aparece como um portal que permite lidar com a história desses espaços, do novo sujeito que será engendrado aqui. Desse modo, este estudo pretende analisar o conto “Gringuinho”, de Samuel Rawet, buscando observar como é descrito o sentimento de pertencimento do imigrante, representado pelo personagem principal do conto, no novo país, e o impacto da mudança em sua identidade cultural.

O autor do texto aqui analisado, Samuel Rawet, nasceu na Polônia, em Klimontów, no ano de 1931, numa tradicional família judia. Com sete anos, vem para o Brasil com a mãe e os irmãos para reencontrar o pai, que viera anos antes em busca de melhores condições econômicas. É na zona norte, no subúrbio do Rio de Janeiro, que Samuel Rawet e seus familiares passam a morar. Esse cenário também será constantemente recriado na vasta obra literária rawetiana – que inclui contos, ensaios, peças teatrais etc. – assim como o repúdio à condição subalterna dos imigrantes, notadamente, o judeu.

Com formação acadêmica em Engenharia de cálculo de concreto armado, integrou a equipe de Oscar Niemeyer na construção da nova capital do país, Brasília, e em outros projetos, inclusive fora do Brasil. Seus últimos anos de vida são marcados por um longo processo de isolamento e demência mental, que culminou em sua morte na casa onde morava – Sobradinho-DF –, em 1984, fora da cidade que ajudou a fazer.

Assim como Samuel Rawet e sua família, muitos russos, poloneses e alemães integraram o fluxo migratório do primeiro quartel do século XX no Brasil. Além de ter de abandonar um mundo conhecido, em que dominavam os códigos culturais de expressão, esses imigrantes, com variadas razões para sua condição, chegaram a um mundo não controlável, um novo país. Mesmo tendo consciência de que é uma vida nova a ser forjada, suas identidades são fragilizadas no confronto com as novas relações sociais que precisam ser estabelecidas no país de acolhimento. Esse processo doloroso de adaptação para o imigrante é algo marcante na obra de Samuel Rawet, sobretudo nos contos presentes no livro *Contos do imigrante*, de 1956, dentre eles o conto “Gringuinho”, foco deste estudo.

O conto “Gringuinho” foi publicado, originalmente, em fevereiro de 1953, no suplemento literário do Diário de Notícias, no Rio de Janeiro, e republicado no primeiro de muitos livros que o autor publicaria. Muito aclamado pela crítica, o conto ainda foi incluído em antologias de destaque como *O conto brasileiro contemporâneo* (1975), organizada por Alfredo Bosi, e *Os cem melhores contos brasileiros do século* (2000), organizada por Italo Moriconi.

A narrativa tem início com um menino, imigrante judeu, adentrando sua casa, chorando, temendo ser punido pela mãe por, naquele dia, ter agredido sua professora na escola, após ter sido castigado por ela com uma régua. O leitor é informado de que esse tratamento de insultos e exclusão é corriqueiro na vida do personagem no ambiente escolar, onde os colegas não fazem questão de serem agradáveis ao garoto, nem mesmo a professora:

Chorava. Não propriamente o medo da surra em perspectiva, apesar de roto o uniforme. Nem para isso teve tempo a mãe. Quando muito uns berros em meio à rotina. Tiraria a roupa; a outra, suja, encontraria no fundo do armário, para a vadiagem. Ao dobrar a esquina tinha certeza de que nada faria hoje. Os pés, como facas alternadas, cortavam o barro pós-chuva. A mangueira do terreno baldio onde caçavam gafanhotos, ou jogavam bola, tinha pendente a corda do balanço improvisado. Reconheceu. Fora sua e restara da forte embalagem que os seus trouxeram (RAWET, 1998, p. 253).

O personagem, como se observa, não chorava por medo de um castigo, mas por uma sobrecarga de sentimentos contraditórios instalada por sua condição de imigrante, indicada pela corda no balanço que “fora sua e restara da forte embalagem que os seus trouxeram”. É por meio dos pensamentos e das emoções do personagem que o leitor compreende os conflitos que assolam o menino e que Samuel Rawet quer explicitar.

Em sua *Introdução a uma poética da diversidade* (2005, p. 17), Édouard Glissant classifica o (i) migrante em três tipos: o “migrante armado” ou o fundador; o “migrante familiar”, aquele que se fixa com seus costumes, histórias e fotografias e o “migrante nu” ou os escravos, arrancados de suas vidas, famílias, lares, pátrias, que é a mais dolorosa e traumática forma de imigração. Ao ser transportado, sequestrado, ‘o migrante nu’ era colocado no navio negreiro separado do seu povo, falantes da mesma língua, assim, “o ser se encontrava despojado de toda espécie de elementos de sua vida cotidiana, mas também, e sobretudo, de sua língua” (GLISSANT, 2005, p. 19).

Nessa concepção de (i) migrante glissantiana, o personagem do conto em estudo seria o “migrante familiar”, uma vez que seu contexto de chegada está fixado na ideia de construir uma nova vida com seus familiares no país. Entretanto, ele também assume características do “migrante nu”, pois está deslocado da sua própria história, com sua identidade cultural fragilizada, ancorando-se apenas nos “rastros resíduos” das lembranças e, em função disso tudo, sofre. A impossibilidade de ubiquidade desse sujeito traz, como consequência, o não pertencimento a nenhum desses lugares.

No artigo “Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração”, as psicólogas Ivy Daure e Odile Reveyard-Coulon,

apoiando-se em Grinberg e Grinberg (1986), descrevem o movimento migratório em três etapas:

- A decisão de imigrar, com o anúncio da viagem aos familiares e aos amigos, os projetos associados à imigração e a tonalidade emocional em torno da imigração.
- A viagem imigratória em termos de passagem entre os dois mundos, as emoções da viagem e os eventuais encontros e descobertas.
- A chegada no país de adoção, as emoções despertadas nesses primeiros momentos, as perspectivas, as dificuldades que se apresentam e o contato com os nativos (DAURE; REVEYRAND-COULON, 2009, p. 417.).

Na esteira das autoras, todas as etapas reúnem carga simbólica importante, evidenciada em manifestações comportamentais e emocionais diversas, como as tensões causadas pelo sentimento de ‘não pertencimento’, as queixas de não se situar nem aqui nem lá. Em “Gringuinho”, o protagonista está imerso em um “caos-mundo” intrapessoal que o coloca em suspense, num entre-lugar, atravessado por um isolamento angustiante:

Ninguém na rua. Os outros decerto não voltaram da escola ou já almoçaram. Ninguém percebeu-lhe o choro. [...] A mãe de lenço à cabeça estaria descascando batatas ou moendo carne [...] Nem o rosto enfiara para ver-lhe o ar de pranto e a roupa em desalinho (RAWET, 1998, p. 253).

Esse isolamento que cerca o personagem é decorrente da impossibilidade de participação social enfrentada por ele, engendrada a partir da noção de imprevisibilidade da relação mundial (globalização) que, segundo Glissant, cria e determina a noção de caos-mundo. Engendra-se, no protagonista da narrativa, um bloqueio que torna mais sólidos seus sentimentos de solidão e abandono. Ele não vê interesse de ninguém por sua angústia, nem mesmo na figura da mãe, e repudia tudo. No caso do herói da narrativa, o processo de mudança está sendo doloroso, mesmo que já se tenham passado uns meses “era-lhe estranha a sala, quase estranhos, apesar dos meses, os companheiros” (RAWET, 1998, p. 253).

A antropóloga Chiara Pussetti, no texto “Identities in Crisis: immigrants, emotions and mental health in Portugal” pontua que

A sua “não colocação social” torna o imigrante num ser simultaneamente invisível e opaco, porque incomodamente presente, intimidativo enquanto símbolo das margens, do que a sociedade tenta excluir e pretende não ver; é o criminoso, o ilícito, o irregular e, portanto, o bode expiatório de qualquer problema social (PUSSETTI, 2010, p. 97).

Para a autora, essa condição corsária em que o imigrante é posto o obriga a demonstrar, continuamente, sua inocência diante da sociedade de acolhimento, que o vê como intruso. O espaço que ocupa é o da invisibilidade social e moral. Esse peso carregado pelo imigrante atravessa toda a narrativa do conto “Gringuinho”, transformando-o em duas fatias, narradas em anacronias por um narrador onisciente, cuja tônica é expor, em primeiro plano, o turbilhão de sentimentos que constitui o personagem.

Ajeitou sobre a cama o uniforme. A lição não a faria. Voltar à mesma escola, sabia impossível também. Por vontade, a nenhuma. Antigamente, antes do navio, tinha seu grupo. Verão, encontrava-se na praça e atravessando o campo alcançavam o riacho, onde nus podiam mergulhar sem medo (RAWET, 1998, p. 254).

Em meio à desolação do presente, um relicário de lembranças do passado. Essa temporalidade fendida marca o conto em estudo e põe o protagonista em dois polos contrastantes: o antes, de felicidade em seu país “antes do navio”, e o agora, de tristeza e solidão no país de acolhimento, em que não consegue ocupar espaço nenhum. O protagonista é colocado numa situação pendular, entre dois tempos: o real e o seu próprio, em um ritmo que o movimenta para frente e para trás, sem poder se fixar.

Essa alternância entre passado e presente é lugar de desconforto para o personagem. Para além disso, a não linearidade narrativa, resultante da descontinuidade temporal acelerada, contribui para intensificar o drama do protagonista, cuja condição de estrangeiro vem com a alcunha de Gringuinho, que dá título ao conto. O apelido pejorativo, usado pelos colegas para insultá-lo, oblitera a presença do que constitui a identidade do sujeito: o nome próprio; e é responsável também pelo despedaçamento do eu, cindindo-o entre o ser-para-si e o ser-para-o-outro.

A vergonha e a humilhação sofridas por quem é estigmatizado podem reverter numa fonte de força e de resistência (GOFFMAN, 1978). O personagem do conto em análise, diante da humilhação e vergonha – “Gringuinho burro” – ensaia uma reação e parte para a violência física: primeiro com o colega Caetano, filho da diáspora africana que rejeita o imigrante, e, depois, com a professora que quis castigá-lo com uma régua:

“Ah! É o gringuinho!” [...] Parecia um bicho encolhido, jururu, paralisado... “Fala gringuinho”. Solo. “Fala gringuinho”. Coro. “Fala gringuinho”. Novamente as vozes atrás da carteira. Da outra vez correria como acuado em meio a risos. Recolhido no quarto desabafou no regaço da mãe. [...] Em meio à gritaria (RAWET, 1998, p. 255).

O que o conto “Gringuinho” traz à cena é a dificuldade e o sofrimento de quem precisa lidar com o preconceito diário que fere sua identidade. No caso do personagem, com a substituição do nome por um apelido. Esse apelido, odiado pelo herói da narrativa, é um lembrete incômodo da condição de inferioridade e menosprezo a que o imigrante é submetido, atuando também como barreira sólida de isolamento e subalternização.

O protagonista se fecha na mudez. E a escola e demais espaços no novo país se convertem em ambientes de tortura e exclusão para ele. O garoto Gringuinho tem dificuldade com a língua, como se percebe no trecho que segue:

Nem às figuras se acostumara, nem às histórias estranhas que lia aos saltos. *Fala gringuinho*. Viera de trás a voz, grossa, de alguém mais velho. *Fala gringuinho*. Insistia. Ao girar o pescoço na descoberta da fonte fora surpreendido pela ordem de leitura. Olhou os dentes aguçados insinuando-se no lábio inferior como para escapar. Explicar-lhe? Como? (RAWET, 1998, p. 254).

A perda da língua impõe ao personagem uma das mais desestruturantes sensações. Ele está sendo excluído pela língua, não consegue se expressar. Isso fomenta seu sentimento de impotência e inferioridade, restando-lhe apenas o recuo: “Mudo curvou a cabeça como gato envergonhado por diabrura. Era-lhe fácil a lágrima” (RAWET, 1998, p. 254).

Percebe-se, pela leitura do conto, que Gringuinho é um sujeito que está em pêndulo em dois mundos, recluso numa prisão invisível, situado à margem, impossibilitado de exercer suas atividades sociais. Esse “Terceiro Espaço”, nos termos de Homi Bhabha (2013), que se estabelece nesse contexto, torna-se lugar de “proliferação subalterna da diferença”, em que todos negociam algum ponto e em alguma medida, onde “as disjunções de tempo, geração, espacialização e disseminação se recusam a ser nitidamente alinhadas” (HALL, 2006, p. 85), permanecendo opacas e indistintas e, por isso mesmo, nunca serão imunes às tensões e aos conflitos, ainda que na esfera introspectiva como no conto de Samuel Rawet.

Essa incomunicabilidade latente que toma corpo dentro do texto é o retrato do deslocamento linguístico e social do imigrante que Samuel Rawet se propõe a dizer. Gringuinho, como imigrante, não consegue adentrar na teia da sociedade em que está inserido, pois ela refuta o diferente. Sua solidão e a sensação de abandono e fragilidade são ainda reforçadas na figura do irmão bebê, que, mesmo com seu “blá-blá” infantil, consegue estabelecer uma comunicação e o personagem Gringuinho, não.

Blá-blá! A poça de urina se principiava a irritá-lo e após esperneios o irmão arrematou em choro arrastado. Agitou o chocalho novamente, com indiferença, olhou a rua. O matraqueado aumentara o choro. Não percebeu a

entrada da mãe. Sem olhá-lo recolheu o irmão no embalo. Tirou da gaveta a fralda seca, e entre o ninar e o gesto de troca passou-lhe a descompostura. Insistiu no pedido do armazém. Ele tentou surpreender-lhe o olhar, conquistar a inocência a que tinha direito. Depois gostaria de cair-lhe ao colo, beijá-la e contar tudo, na certeza de que lhe seria dada a razão (RAWET, 1998, p. 255).

Um sofrimento angustiante que paralisa o leitor. O personagem é consumido pela tristeza. Sua mãe também parece sofrer, como evidenciam o fato de ela passar do ninar à descompostura, a falta de paciência e a não percepção do filho.

O conto é construído com frases curtas, aceleradas e com poucos parágrafos, assim como muitos textos de Samuel Rawet, o que proporciona ao texto maior dinâmica, além de força e profundidade a cada acontecimento que é narrado.

Entrecortada por acessos aos pensamentos presentes e passados do protagonista, a narrativa atualiza o que parece ser a tônica da obra de Samuel Rawet: uma sobrecarga de um necessário pensar, de um desespero surdo.

O conto é encerrado de forma vaga, não há um desfecho ou solução, ou mesmo perspectiva de resolução, para o conflito vivido pelo personagem, que continua excluído. Constitui-se, por isso, um círculo em aberto, em elaboração, à espera de uma pena qualquer que o feche. Esse final, que parece querer continuar, metaforiza a esperança do próprio imigrante de um dia encontrar-se consigo mesmo... aqui ou lá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

DAURE, I; REVEYRAND-COULON, O. Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração. **Psicol. clin.** vol.21 no.2 Rio de Janeiro 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v21n2/11.pdf>>. Acesso em: 01 jul 2019.

GLISSANT, É. **Introdução à uma poética da diversidade**. Trad. Enilce Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro; DP & A, 2006.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PUSSETTI, C. Identidades em Crise: imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal. **Saúde Soc.** São Paulo, v.19, n.1, p.94-113, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n1/08.pdf>>. Acesso em 01 jul 2019.

RAWET, S. **Contos do imigrante**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RESUMO

Os processos migratórios, intensificados nos últimos anos, acabam provocando certa fragilidade identitária no imigrante, pois lhe é exigida constantemente uma negociação permanente entre sua cultura autóctone e a nova cultura em que está inserido. Nesse hibridismo, embora muito se tenha a ganhar, o imigrante vê-se num momento totalmente instável, de perda de identidade. É nesse momento de transformações, moldadas no “liquidificador modernizante do ocidente”, na metáfora do mosaico, que a literatura aparece como um portal que permite lidar com a história desses espaços, desse novo sujeito. Sob esse viés, o estudo pretende analisar o conto “Gringuinho”, de Samuel Rawet, buscando observar como é descrito o sentimento de pertencimento do imigrante no novo país e o impacto da mudança em sua identidade cultural. Para tanto, buscamos ancoragem nos pressupostos teóricos de Stuart Hall, Renato Ortiz, Chiara Pusseti, entre outros autores de relevância para o estudo.

Palavras-chave: Imigração; Identidade Cultural; Literatura; Samuel Rawet.

ABSTRACT

The migratory processes, intensified in recent years, end up causing a certain identity fragility in the immigrant, because he is constantly required to carry out a permanent negotiation between his autochthonous culture and the new culture in which he is inserted. In this hybridity, although much is to be gained, the immigrant finds himself in a totally unstable moment, of identity loss. It is in this moment of transformation, shaped by the “modernizing blender of the West”, in the metaphor of the mosaic, that literature appears as a gateway that allows dealing with the history of these spaces, of this new subject. From this point of view, this study aims to analyze the short story “Gringuinho”, by Samuel Rawet, seeking to observe how the immigrant’s feeling of belonging in the new country and the impact of the change in their cultural identity is described. To do so, we seek anchoring in the theoretical assumptions of Stuart Hall, Renato Ortiz, Chiara Pusseti and other relevant authors for the study.

Keywords: Immigration; Cultural Identity; Literature; Samuel Rawet.

Les réalités post-migratoire des réfugiés syriens: une recension des écrits

*Mariá Boeira Lodetti
Stéphanie Arsenault
Lucienne Martins Borges*

1 INTRODUCTION

Se trouvant dans un contexte de guerre depuis 2011 et face à l'impossibilité de rester dans un milieu où leur vie est constamment menacée, de nombreux Syriens sont contraints de quitter le lieu où ils ont construit leur vie. Selon le dernier rapport du Haut-Commissariat des Nations Unies pour les réfugiés (HCR), en 2020, il y avait 6,7 millions de réfugiés syriens (UNHCR, 2021). En mai 2022, la plupart de ces personnes se trouvaient en Turquie (3,762 millions), au Liban (839 086), en Jordanie (674 458), en Iraq (257 954) et en Égypte (140 789) (UNHCR, 2022).

Les Syriens qui quittent leur pays sont constamment mis en contact avec des éléments d'une nouvelle société qui sont différents de ceux qu'ils connaissaient auparavant. Ce changement engendre de grands bouleversements de vie et des rencontres interculturelles. En plus du changement d'environnement, les façons de faire et d'être qui prédominent dans la société d'accueil ne ressemblent souvent pas à celles du pays d'origine des immigrants. L'intégration dans une nouvelle société ne se passe pas de la même manière pour tous. Plusieurs éléments influencent ce processus, tels que les facteurs d'ordre personnel, culturel, environnemental et sociétal. Ainsi, il faut prendre en compte l'incidence des différentes étapes du processus migratoire de ces personnes afin de mieux comprendre leur intégration.

En ce sens, selon Legault et Fronteau (2008), le processus migratoire comprend un "ensemble de phénomènes, émotifs et physiques, affectant l'individu à partir du moment où il prend la décision de migrer" (p. 44). Il est possible de concevoir ce processus en trois différentes étapes, soit les étapes pré-migratoire, migratoire et post-migratoire. Cette division peut varier selon l'auteur et elle n'est qu'un exercice de catégorisation afin d'analyser plus en profondeur ces temporalités, car elles se chevauchent de manière dynamique.

L'étape pré-migratoire commence alors que l'immigrant est encore dans son pays d'origine. Les raisons pour lesquelles une personne émigre varient énormément. Généralement, lorsque nous parlons de réfugiés, comme dans le cas de la population syrienne, la décision de partir est prise dans un contexte

difficile. Selon Hassan, Kirmayer et Ventevogel (2016), le contexte de guerre en Syrie a engendré une situation de pauvreté et de négligence des besoins fondamentaux. La préparation du départ et la projection dans la nouvelle société sont souvent absentes étant donné que les personnes fuient leur pays, probablement sans pouvoir y revenir (MARTINS-BORGES, 2013).

Par la suite, selon Vatz Laaroussi (2019), la période migratoire comprend le voyage et l'installation dans la société d'accueil. Pour Legault et Fronteau (2008), cette étape correspond au processus d'adaptation des immigrants dans une nouvelle société. Dans le cas des réfugiés, le temps de voyage peut s'avérer très long et incertain, notamment pour les réfugiés syriens. Dans leur cas, les déplacements répétés caractérisent le parcours de ces réfugiés et une bonne partie d'entre eux a été victime de violences comme des massacres, assassinats, exécutions, prises d'otage, tortures, viols, exploitations des enfants (HASSAN et al., 2016).

Après le voyage, la période d'installation se construit toujours en deux dimensions, soit la dimension intérieure – liée aux émotions, aux désirs et aux peurs – et la dimension extérieure – liée aux situations, conditions et circonstances (LEGAULT; FRONTEAU, 2008). Pour la société d'accueil, c'est le temps de mettre en place les démarches en lien avec l'accueil des immigrants, comme les séances d'information sur le fonctionnement des services et de la société en général ainsi que l'accompagnement dans l'aide aux inscriptions à l'école, la recherche de logement, etc. (VATZ LAAROUISSI, 2019).

Par la suite, sans que cela soit linéaire, c'est l'étape post-migratoire qui se concrétise. La manière dont l'immigrant a vécu l'étape pré-migratoire et migratoire influence énormément l'étape post-migratoire et son processus d'intégration. L'immigrant va faire face à différents enjeux. En se concentrant sur la réalité québécoise, Vatz Laaroussi (2019) nomme des enjeux liés à l'intégration, comme l'accès à l'emploi, la reconnaissance de diplôme, le revenu, l'apprentissage et l'usage du français québécois, la nécessité de la maîtrise de l'anglais, la présence ou l'absence des réseaux ethniques et religieux, la construction d'un réseau transnational, la participation sociale ainsi que le fait de subir certains comportements xénophobes et discriminatoires.

Dans le cadre de cet article, nous présentons une recension des écrits des cinq dernières années (2016 – 2020) concernant les réalités post-migratoires des réfugiés syriens établis dans une nouvelle société. Les résultats qui seront présentés dans cet article ont soutenu et orienté la construction d'un projet de recherche s'intéressant à l'intégration des réfugiés syriens dans la ville de Québec¹.

2 MÉTHODOLOGIE

La recherche documentaire a été faite dans différentes bases de données, soit Web of Sciences, PsycINFO, Sociological Abstract, Social Sciences full text et Érudit. Les mots-clés utilisés étaient *integrat* OR resettlement OR settlement*

OR acculturation OR inclusion croisés avec *syrian refug**. De plus, des ressources secondaires, comme les sites de regroupements de chercheurs de l'ÉDIQ, du SHERPA et du CERDA, ont été consultées afin d'explorer plus en profondeur la réalité du Québec.

3 RESULTATS DE LA RECENSION DES ÉCRITS ET DISCUSSION

Les études recueillies font référence aux réalités vécues par les réfugiés syriens établis dans différents États, à savoir le Canada, les États-Unis, le Brésil, l'Islande, l'Allemagne, la Suède, la Norvège, l'Écosse, l'Irlande, la Turquie et la Jordanie. Au total, 57 études ont été retenues. La majorité des études recensées ont été réalisées au Canada. Cela peut se justifier par le fait que le Conseil de recherches en sciences humaines (CRSH) a lancé en 2016 un appel spécial de subvention pour les recherches sur les réfugiés syriens qui ont pour but d'élaborer de meilleures pratiques aidant leur installation et intégration (CRSH, 2016).

Différents éléments sur la réalité post-migratoire des réfugiés syriens sont ressortis. Ces éléments ont été codifiés et divisés en différentes thématiques qui s'influencent en tout temps. Une nuance est apportée aux éléments qui font référence à la première année d'installation et à la période suivant l'installation. Les thématiques ressorties, lesquelles font l'objet des différentes sections à venir, sont les suivantes : 1) maîtrise de la langue de la société d'accueil, 2) réseaux sociaux, 3) rôles sociaux et familiaux, 4) emploi et revenu, 5) recherche de logement et vie en logement, 6) santé et bien-être, 7) appartenance culturelle et 8) caractéristiques de la ville d'accueil. Les recommandations des études sont soulevées dans la conclusion de l'article.

3.1 Maîtrise de la langue de la société d'accueil

La langue est un des facteurs suscitant le plus de discussions lorsqu'on parle de l'intégration des réfugiés syriens dans une nouvelle société. Concernant la première année d'installation, les études mettent en évidence le fait que la maîtrise de la langue dans la société d'accueil est souvent la clé pour accéder à l'emploi, créer des contacts avec les natifs et encourager la mobilité locale (AGRAWAL; SANGAPALA, 2020; AHMAD et al., 2020; HASAN; MITSCHKE; RAVI, 2018; KYRIAKIDES et al., 2019). Les études démontrent que la majorité des réfugiés syriens ne maîtrisaient pas la langue du pays d'accueil au moment de leur installation. Dans l'étude d'Ahmad et al. (2020) s'intéressant à 1924 réfugiés syriens établis en Ontario, au Québec et en Colombie-Britannique, trois personnes sur quatre avaient besoin d'un interprète pour communiquer pendant la première année. Al-Salem (2020) remarque que la cohorte de réfugiés syriens accueillis au Canada depuis 2015 se caractérise par des niveaux de compétences linguistiques des langues officielles du pays plus bas que d'autres cohortes de

réfugiés établis auparavant. Agrawal (2019) apporte une nuance à ces données, en affirmant que les réfugiés parrainés par le secteur privé² ont de meilleures compétences linguistiques que ceux pris en charge par l'État.

Concernant la période suivant l'installation, la langue est considérée comme étant le principal obstacle à l'intégration (ĆATIBUŠIĆ; GALLAGHER; KARAZI, 2021; SHNEIKAT; ALRAWADIEH, 2019). Les réfugiés syriens considéraient que la maîtrise de la langue de la société d'accueil leur donnait plus de possibilités d'accès à l'emploi (OKENWA-EMEGWA et al., 2019; SEYIDOV, 2021), aux contacts avec la population native (HANLEY et al., 2018; SEYIDOV, 2021) et à la participation et à l'engagement dans la société d'accueil (AKAR; ERDOGDU, 2019; MARTZOUKOU; BURNETT, 2018; RENNER et al., 2020). L'utilisation de différentes technologies afin d'apprendre la nouvelle langue et de surmonter les difficultés liées à celle-ci a été mentionnée par deux études comme étant des facilitateurs (ĆATIBUŠIĆ et al., 2021; VERONIS; TABLER; AHMED, 2018). Ćatibušić et al. (2021), affirment que presque tous les participants de leur recherche qualitative (effectuée sur 26 réfugiés syriens en Irlande) utilisaient quotidiennement Google Translate ou des sites Web d'apprentissage arabe-anglais pour apprendre l'anglais. De plus, une nuance touchant l'âge a été soulevée dans les études. Dans le contexte allemand, les réfugiés syriens étaient âgés, plus ils considéraient difficile d'apprendre la langue du pays d'accueil (EL KHOURY, 2019). De leur côté, Gürsoy et Ertaşoğlu (2019) affirment que les hommes et les plus jeunes réfugiés établis en Turquie étaient plus aptes à communiquer avec la population locale. La question de l'âge était alors considérée un facilitateur dans cette étude.

3.2 Réseaux sociaux

Les connexions sociales sont centrales lorsqu'on parle d'intégration (DROLET et al., 2018). Les réfugiés syriens sont confrontés à plusieurs pertes tout au long de leur parcours migratoire. Immigrer dans un nouveau pays implique la reconstruction d'un nouveau réseau social. Nous avons constaté que les recherches sur l'installation des réfugiés ont mis en évidence le peu de contact des réfugiés avec la population native (AGRAWAL; SANGAPALA, 2020; ĆATIBUŠIĆ et al., 2021; CHEYNE-HAZINEH, 2020; DROLET et al., 2018; MANGRIO; CARLSON; ZDRAVKOVIC, 2020; OUDSHOORN; BENBOW; MEYER, 2020). Par exemple, les réfugiés syriens établis en Irlande ont trouvé que les Irlandais étaient très sympathiques dans la rue, mais avaient tendance à rester entre eux à la maison (ĆATIBUŠIĆ et al., 2021). En ce sens, les recherches indiquent la nécessité d'interventions communautaires, comme des activités sociales et culturelles, afin de renforcer le réseau de soutien social et leur permettre la construction de liens avec la population locale (AHMAD et al., 2020; AKAR; ERDOGDU, 2019; ĆATIBUŠIĆ et al., 2021; EL KHOURY, 2019; MARTZOUKOU; BURNETT, 2018; SEYIDOV, 2021; YOHANI et al., 2019). À titre d'exemple, l'étude qualitative de Boeira-Lodetti et Martins-Borges (2020), portant

sur les réfugiés syriens demeurant au sud du Brésil, souligne que les liens établis avec les Brésiliens étaient essentiels pour l'accès à différents types d'aides et de soutiens sociaux, facilitant énormément leur intégration.

Les études suggèrent que la discrimination, le racisme et l'islamophobie sont souvent des problèmes qui mènent les réfugiés à s'éloigner de leur société d'accueil (AKAR; ERDOGDU, 2019; BAGCI; CANPOLAT, 2020; BOEIRA-LODETTI; MARTINS-BORGES, 2020) ainsi qu'à l'exclusion sociale (DROLET et al., 2018). La discrimination a été aussi présente dans les pays de déplacement, notamment en Turquie, au Liban, en Égypte et en Jordanie (BOEIRA-LODETTI; MARTINS-BORGES, 2020). Il est important de mentionner que le déplacement des réfugiés syriens dans les pays voisins était vu initialement comme temporaire, mais, avec le temps, il est devenu définitif. Akar et Erdogan (2019) affirment que ces réfugiés sont de plus en plus perçus comme des personnes venant peupler encore plus la Turquie, ce qui a mené à une augmentation de l'hostilité de la population locale envers ces réfugiés et à des affrontements violents. Ce type d'expérience de discrimination et de racisme mène souvent à l'isolement. L'étude d'Utržan et Wieling (2020) et d'Yalim (2021) avec les réfugiés syriens établis aux États-Unis ainsi que l'étude de Čatibušić et al. (2021) en Irlande ont conclu que les participants se sentaient seuls et marginalisés. Okenwa-Emegwa et al. (2019) affirment que l'isolement et le faible soutien social ont eu des effets négatifs sur le bien-être des réfugiés syriens établis en Suède.

Pour ce qui est de la composition du réseau primaire des réfugiés syriens, ils comptent surtout sur leurs compatriotes pour l'entraide (HANLEY et al., 2018; MANGRIO et al., 2020). Le contact avec les compatriotes permet de conserver une identité sociale existante avant l'immigration (SMEEKS et al., 2017). Dans le contexte jordanien, des auteurs mettent en évidence que la dimension collective de la culture syrienne a aidé les réfugiés syriens à se constituer un réseau de soutien grâce auquel ils pouvaient obtenir de l'aide pour les démarches d'installation et à plus long terme (ALMAKHAMREH; ASFOUR; HUTCHINSON, 2020). Dans le contexte montréalais, Hanley et al. (2018) observent que beaucoup de réfugiés syriens comptent sur un réseau familial ou sur des amis syriens qu'ils ont connus à travers les institutions religieuses, les cours de français et les événements sociaux syriens.

Une autre réalité mentionnée dans les études est le rôle des réseaux sociaux virtuels dans le processus d'installation et d'intégration des réfugiés syriens. Veronis et al. (2018) ont mis en évidence que les plateformes telles que Facebook, WhatsApp, Instagram et Snapchat ont offert des occasions aux réfugiés établis au Canada de maintenir le contact avec d'autres Syriens qui demeurent ailleurs au pays ainsi que de connecter avec les Canadiens pour tisser de nouvelles amitiés. Ces auteurs soutiennent que les réseaux sociaux peuvent offrir des occasions d'échanges culturels pour que les réfugiés en apprennent davantage sur leur pays d'accueil, mais aussi pour que la population locale soit mieux informée sur la Syrie et comprenne ainsi mieux les réfugiés syriens.

3.3 Rôles sociaux et familiaux

Les pertes et les séparations ont exigé une importante réorganisation des rôles familiaux au sein des familles syriennes. L'étude de Dubus (2018) s'intéressant à des femmes âgées réfugiées de la Syrie établies en Islande met en lumière l'importance qu'elles accordent à leur rôle familial. L'auteure affirme que les rôles de soin que ces femmes avaient au sein de la famille étaient cohérents avec le modèle de la culture syrienne qui accorde une grande valeur aux grands-parents et au fait de vivre tous ensemble. Un autre défi mentionné est celui de la grossesse et de la maternité. Ahmed, Bowen et Feng (2017) affirment que la dépression maternelle est récurrente parmi les femmes réfugiées syriennes établies au Canada. Même dans les cas où ce n'était pas une première expérience de maternité, il est possible de penser que l'immigration a engendré un éloignement des personnes qui composaient auparavant le réseau primaire de ces femmes. Cela a grandement réduit le soutien social qu'elles ont reçu, les plaçant dans un état de vulnérabilité, de stress et d'incertitude (AHMED et al., 2017).

Sous un autre angle, l'étude de Čatibušić et al. (2021) a permis de remarquer que les hommes réfugiés syriens étaient davantage ébranlés par les changements de rôles familiaux, puisqu'ils sentaient ne pas pouvoir soutenir leur famille selon les modèles traditionnels. De même, selon Yohani et al. (2019), les changements de rôles familiaux étaient une source de frustration et de détresse, surtout chez les hommes, étant donné qu'un modèle familial patriarcal prédomine dans certaines familles syriennes.

Par ailleurs, l'étude de Senthanaar et al. (2020) se penchant sur des femmes réfugiées syriennes entrepreneuses établies au Canada et l'étude d'Almakhamreh et al. (2020) sur des femmes réfugiées syriennes établies en Jordanie démontrent que le nouveau contexte économique, social et familial a permis à ces femmes de démarrer des projets de travail formel ainsi qu'informel afin de remplir les besoins économiques de la famille. Cela a modifié leur rôle au sein de la famille et de la société. L'étude d'Almakhamreh et al. (2020) soulignent particulièrement la manière dont ces femmes ont transformé ce contexte difficile en occasion de participer à la vie économique et de devenir plus autonomes, résultant en une amélioration de leur état de santé mentale et de leur estime de soi. Les femmes ont pu ainsi composer avec un modèle patriarcal en s'inspirant des normes et des valeurs culturelles collectives plutôt que de les remettre en question.

Kyriakides et al. (2019) soulignent que les rôles sociaux qui donnaient du sens à la vie des réfugiés avant l'immigration sont bousculés dans le contexte d'établissement dans une nouvelle société. De manière plus large, l'expérience d'être un réfugié vient avec son lot de pertes dans les rôles sociaux et familiaux ainsi qu'avec l'interruption des projets de vie. Ces bouleversements sont souvent associés à des effets négatifs sur la santé et le bien-être (SMEEKES et al., 2017).

3.4 Emploi et revenu

Le travail a souvent un lien avec les rôles sociaux. Les auteurs se concentrant sur la période d'installation des réfugiés syriens n'abordent pas toujours l'insertion de ceux-ci dans le marché du travail, même si c'est une sphère très importante dans un contexte d'immigration. Agrawal (2019) remarque qu'au moment de la première année d'installation, les réfugiés syriens établis en Alberta n'étaient pas encore actifs sur le marché du travail et que ceci était lié au fait qu'ils ne maîtrisaient pas l'anglais. Puisque l'emploi est directement lié au revenu, cette recherche a aussi mis en évidence le fait que ces réfugiés étaient très inquiets de la fin de la période de 12 mois. Pendant la première année, les réfugiés pris en charge par l'État ont droit à une aide financière du gouvernement et, dans le cas des réfugiés parrainés par le privé, ce sont les parrains qui sont responsables de fournir leur soutien financier. La recherche d'Agrawal et Sangapala (2020) qui documente l'arrivée des réfugiés syriens à Lethbridge, en Alberta, a constaté que les participants de son étude et ceux établis à Edmonton n'étaient pas préparés à devenir financièrement indépendants à partir du treizième mois de leur arrivée au Canada. Ceci pourrait être en lien avec le fait qu'ils ne se sentaient pas encore préparés à avoir un emploi, par exemple.

Concernant la période post-installation, plusieurs études ont abordé le sujet de l'emploi et du revenu. Elles constatent différents obstacles qui mènent à des difficultés ou à du mécontentement en emploi, comme le manque de reconnaissance des expériences, des compétences et des qualifications antérieures (SILVA-FERREIRA; BOEIRA-LODETTI; MARTINS-BORGES, 2021; ČATIBUŠIĆ et al., 2021; PORRECA et al., 2020), les barrières de la langue (CHEYNE-HAZINEH, 2020; YALIM, 2021), les conditions précaires d'emplois (RENNER et al., 2020; SENTHANAR et al., 2020; YALIM, 2021), l'âge (Okenwa-Emegwa et al., 2019) ainsi que certaines différences culturelles. Celles-ci comptent par exemple les modes de recrutement, la présentation de CV et la notion de la ponctualité (CHEYNE-HAZINEH, 2020). De même, Bridekirk et Hynie (2020) affirment que le fait d'avoir un niveau de scolarité plus élevé avant l'immigration peut amener à plus de frustration chez certains réfugiés syriens qui doivent tout recommencer. Devant tous ces obstacles, certains réfugiés optent pour l'entrepreneuriat, surtout en restauration (BOEIRA-LODETTI; MARTINS BORGES, 2020; SENTHANAR et al, 2020), comme alternative ultime pour la survie (SHNEIKAT; ALRAWADIEH, 2019).

La question de l'emploi est souvent un incontournable lorsque l'on parle de l'établissement des réfugiés dans une nouvelle société. À ce sujet, Koburtay, Refai et Haloub (2020) affirment que, pour les réfugiés syriens, l'emploi a une fonction qui va au-delà de répondre aux besoins financiers, puisqu'il est essentiel dans la redéfinition identitaire au sein de la nouvelle société.

3.5 Recherche de logement et vie en logement

Souvent associée aux conditions financières, la question du logement est également un sujet abordé dans les études. Pour ce qui est de la première année d'installation, la recherche de logement et la vie en logement étaient un grand défi pour les réfugiés syriens (AGRAWAL, 2019). Au Canada, Oudshoorn et al. (2020) soulignent qu'à l'arrivée des réfugiés syriens pris en charge par l'État, ceux-ci ont été installés dans un hôtel ou un motel à prix abordable, pendant les premières journées ou semaines, avant d'être réinstallés dans des établissements pour les réfugiés ou dans un logement à long terme.

Concernant la période après l'installation, Oudshoorn et al. (2020) ont constaté une difficulté liée au fait que les logements plus abordables se retrouvent souvent loin des services et des centres communautaires, ce qui empêchait les réfugiés de participer à des activités aidant leur intégration. En lien avec ceci, le transport et la mobilité étaient des éléments clés dans l'étude de Farber et al. (2018) et de Senthonar et al. (2020) en contexte canadien. Farber et al. (2018) ont souligné que l'inaccessibilité au transport avait plusieurs conséquences sur le bien-être, la solitude, l'ennui, la tristesse et le sentiment d'appartenance.

Mangrio et al. (2020) ont observé que, dans le cas suédois, les réfugiés syriens avaient de la difficulté à trouver un logement stable parce que les propriétaires demandaient souvent des preuves de revenu et la majorité n'avait pas encore d'emploi. De même, El Khoury (2019) affirme que parmi les réfugiés syriens établis en Allemagne, ceux qui vivaient dans des logements privés avaient une meilleure santé mentale que ceux installés dans des établissements du gouvernement.

La question du logement est essentielle, puisqu'elle peut avoir une influence sur la santé mentale, le sentiment de sécurité, le sentiment d'appartenance, la restauration de l'estime de soi ainsi que sur le fait de se sentir « chez soi » (MANGRIO et al., 2020; OUDSHOORN et al., 2020; SEYIDOV, 2021; UTRŽAN; WIELING, 2020).

3.6 Santé mentale et bien-être

Les personnes réfugiées sont souvent associées à des vécus difficiles à potentiellement traumatiques lors des différentes étapes du processus migratoire, notamment dans l'étape pré-migratoire ou durant les déplacements dans les pays voisins. Les conditions émotionnelles fragiles ont une importante incidence sur leur intégration dans leur nouvelle société (AL-SALEM, 2020). Différentes symptomatologies liées aux événements traumatiques ont été aussi remarquées dans plusieurs études (AHMED et al., 2017; GHUMMAN; MCCORD; CHANG, 2016; IBRAHIM; HASSAN, 2016; KAZOUR et al., 2017). Hassan et al. (2016) affirment que plusieurs pertes et deuils, individuels et collectifs, sont des éléments

centraux dans la vie de nombreux réfugiés syriens. Ces pertes sont associées à la patrie, à la famille, à des questions d'identité sociale et professionnelle, au statut socio-économique, à l'instabilité et à l'incertitude ainsi qu'au fait que le conflit syrien n'est toujours pas terminé (SILVA-FERREIRA et al., 2021 ; MANGRIO et al., 2020; RENNER et al., 2020; UTRŽAN; WIELING, 2020; YALIM, 2021). De même, d'autres sentiments ont été constatés dans les études avec les réfugiés syriens, tels que le désespoir (BOEIRA-LODETTI; MARTINS-BORGES, 2020; HASSAN et al., 2016), l'ennui (YALIM, 2021), la peur, l'impuissance et la méfiance (RENNER et al., 2020). Dans l'étude de Gottvall et al. (2019), en Suède, 61,9 % des personnes interrogées avaient des symptômes de dépression et d'anxiété. La majorité de ces personnes étaient des jeunes hommes vivant en colocation et ayant peu de soutien social. Un autre facteur associé aux symptômes de dépression est le haut niveau de scolarité. Selon (EL KHOURY, 2019), le fait d'avoir un haut niveau de scolarité équivalait souvent à avoir de bons emplois et un bon niveau de vie dans le pays d'origine, ce qui a été changé avec l'immigration.

Au Canada, Cullen et Walton-Roberts (2019) affirment que les réfugiés syriens pris en charge par l'État ont une santé plus fragile que les réfugiés parrainés par le privé. Senthonar et al. (2020) et Ahmad et al. (2020) ont fait le même constat en ce qui concerne les femmes réfugiées syriennes prises en charge par l'État en Ontario. Ahmad et al. (2020) soulignent qu'un an après l'installation au Canada, 18 % des 1924 réfugiés syriens avaient des symptômes de dépression, ce qui est moins élevé comparativement à ceux vivant dans les pays voisins de la Syrie ou qui ont un statut de demandeurs d'asile en Europe. En ce sens, Utržan et Wieling. (2020) ont mis en évidence que l'attente du statut de réfugié engendrait un état d'anxiété, d'instabilité et d'incertitude chez les Syriens demandeurs d'asile établis aux États-Unis.

Un autre élément ressortant de la thématique de la santé mentale et du bien-être est le fait que, dans la culture syrienne, les demandes d'aide, surtout en santé mentale, sont souvent stigmatisées et mal perçues (AHMED et al., 2017). En ce sens, Hanley et al. (2018) affirment que les demandes d'aide se restreignent aux cercles familiaux immédiats et aux amis, ce qui exclut la recherche d'aide auprès des services du gouvernement ou des organismes communautaires. Afin de bien répondre aux besoins des réfugiés syriens et de faciliter leur intégration, les chercheurs soutiennent la nécessité de mettre en place des services qui soient accessibles culturellement³ ainsi qu'adaptés à chaque famille (AHMED et al., 2017; AKAR; ERDOGDU, 2019; CHEYNE-HAZINEH, 2020; GOTTVALL et al., 2019; HAJ-YOUNES et al., 2020; MARTZOUKOU; BURNETT, 2018; YALIM, 2021). Ces services doivent bien sûr tenir compte des conditions de santé préalables, des défis engendrés par l'établissement dans une nouvelle société et de tous les déterminants sociaux influençant leur état de santé et de bien-être.

En lien avec le bien-être, l'étude d'Haj-Younes et al. (2020) sur les réfugiés syriens établis en Norvège a constaté que la qualité de vie de ces réfugiés avait augmenté de manière significative un an après leur arrivée.

3.7 Éléments liés à l'appartenance culturelle

Prendre en compte les éléments culturels ayant une fonction de médiation pour les individus est essentiel lorsqu'on parle de l'intégration. Les études recueillies ont mis en évidence des éléments en lien avec la religion, l'alimentation, la transmission intergénérationnelle et l'origine. Ces éléments sont mentionnés dans les recherches sur la période suivant l'installation.

La plupart des recherches ont abordé la religion comme élément central identitaire dans la vie des réfugiés syriens. Des recherches mettent en lumière la relation de gratitude que ces personnes, la majorité étant de confession musulmane, ont envers Dieu pour leur sécurité, leur santé et leur logement. Cette relation avec Dieu permet également une forme de résilience face aux situations difficiles qu'ils ont vécues pendant la guerre, les déplacements et l'établissement dans une nouvelle société qui leur offre de l'espoir pour l'avenir (BOEIRA-LODETTI; MARTINS-BORGES, 2020; OUDSHOORN et al., 2020; HASAN et al., 2018). Tout en jouant un rôle important dans leur intégration, les liens avec les institutions religieuses peuvent constituer une source positive de soutien social (HANLEY et al., 2018). Gürsoy et Ertaşoğlu (2019) rappellent la nécessité d'une sensibilité culturelle de la part des personnes et des institutions du pays d'accueil et entre membres des groupes religieux afin de permettre la construction d'un sentiment de sécurité chez ces réfugiés. Au-delà de la religion, Koburtay et al. (2020) suggèrent que dans les situations où les pays partagent certaines caractéristiques culturelles avec les Syriens, comme la Jordanie, l'intégration semble être facilitée. D'autre part, Martzoukou et Burnett (2018) conclut que les valeurs socioculturelles et les modes de savoir des réfugiés syriens ne doivent pas être perçus comme entrant en conflit avec ceux de la société d'accueil, mais plutôt comme des expériences qui vont contribuer à leur reconstruction dans leur nouveau contexte socioculturel.

Un autre élément est la transmission intergénérationnelle des valeurs culturelles. Lindner et al. (2020) ont constaté que tous les participants vivant dans la région torontoise adoptaient l'arabe ou le kurde comme seule langue parlée à la maison. Ils ont affirmé que cette priorité était associée à la préservation de l'identité culturelle. D'ailleurs, les études de Boeira-Lodetti et Martins Borges (2020) et Ćatibušić et al. (2021) ont remarqué qu'à mesure que les enfants syriens amélioraient leur maîtrise de la langue du pays d'accueil, ils arrêtaient de parler l'arabe à la maison, ce qui était une source d'inquiétude pour les parents.

L'alimentation est un autre élément d'appartenance culturelle en lien avec l'intégration. Porreca et al. (2020) ont souligné que le fait de consommer des aliments associés à la Syrie déclenchait chez les réfugiés établis au Brésil la sensation qu'ils pouvaient garder des liens avec leur culture d'origine malgré les bouleversements. Scagliusi et al. (2018) affirment qu'à travers la nourriture, les réfugiés se reconnaissent en tant que Syriens et les souvenirs rattachés à certains aliments sont centraux pour leur sentiment d'appartenance.

En dernier, la recherche de Joumaa (2020) cherchait à comprendre comment la question des origines était perçue par les réfugiés syriens demeurant en Europe et au Canada. Selon cet auteur, la question très fréquemment posée « tu viens d'où ? » avait un effet négatif de gêne et d'appréhension au jugement chez la plupart des participants de sa recherche. Cela a été particulièrement le cas pour les participants vivant en Europe parce que cette interpellation peut faire remonter chez les Syriens des souvenirs traumatiques en lien avec la guerre. De plus, à la suite de la réponse à cette interrogation, davantage d'autres plus invasives ou de commentaires stéréotypés s'en suivaient. L'auteur élabore comme hypothèse pour expliquer cette différence le fait qu'au Canada et au Québec les modèles politiques d'intégration, le multiculturalisme et l'interculturalisme respectivement, valorisent la diversité et le pluralisme. Tandis qu'en Europe, les modèles d'intégration s'orientent plus vers l'assimilation des immigrants à la culture de la société d'accueil. En conclusion, devoir répondre à cette question donnait souvent la sensation d'être dans un interrogatoire et de ne pas être dans une conversation où quelqu'un demande de façon sincère et en toute curiosité. Il est possible de penser que cet effet négatif de l'interaction ait des incidences sur le processus d'intégration des réfugiés syriens.

3.8 Éléments liés aux caractéristiques de la ville d'accueil

La taille de la ville et le milieu sont d'autres éléments ressortis des études. Haugen (2019) a réalisé une recherche avec des réfugiés syriens parrainés par le privé en milieu rural au Canada. Un des constats, malgré les défis liés au manque d'offres des services formels et financés par le gouvernement, est le fait que les communautés rurales se sont appuyées sur leurs connexions sociales et les réseaux communautaires afin de soutenir les nouveaux arrivants. De même, sachant que les habitants des petites villes sont moins exposés à la diversité culturelle, les parrains des Syriens ont organisé plusieurs activités visant à informer et à impliquer leur communauté dans le processus d'intégration de ceux-ci. En ce sens, Drolet et al. (2018) affirment que les réfugiés syriens établis dans de petites villes en Alberta ont un niveau plus élevé de sentiment d'appartenance.

Memişoğlu et Yavçan (2020) rappellent que l'intégration va bien au-delà des politiques nationales. Les pratiques se font au niveau local et peuvent influencer beaucoup plus la vie des réfugiés que n'importe quel modèle national. Les études ontariennes étaient nombreuses à mettre de l'avant les politiques et pratiques locales, mentionnant fréquemment le cas du Partenariat local pour l'immigration (LIPs) (CULLEN; WALTON-ROBERTS, 2019; DAM; WAYLAND, 2019; WALTON-ROBERTS et al., 2019). Découlant de l'Accord Canada-Ontario, le LIPs est une politique visant au développement des stratégies locales pour l'accueil des immigrants à l'aide de l'engagement communautaire. Ces études font ressortir l'importance de prendre en considération les spécificités – histoire, lieu,

caractéristiques générales des collectivités – de chaque localité pour développer des stratégies d'accueil et d'intégration. Ainsi, Veronis (2019) souligne que les LIPs met de l'avant l'importance du réseau et le potentiel des partenariats intersectoriels dans le développement d'une approche d'intégration fondée sur les besoins et les contextes locaux.

4 CONCLUSION ET RECOMMANDATIONS

Les études recueillies offrent un nombre important de données concernant les réalités post-migratoire des réfugiés syriens établis dans différents pays. De plus, elles amènent des recommandations aux futures recherches dans cette thématique. Premièrement, elles sont nombreuses à soutenir la nécessité de réaliser des études longitudinales (AGRAWAL; SANGAPALA, 2020; DROLET et al., 2018; HAJ-YOUNES et al., 2020; HASAN et al., 2018; OUDSHOORN et al., 2020). Celles-ci permettraient de comprendre si les problèmes et les défis vécus ont évolué (AGRAWAL; SANGAPALA, 2020 ; EL KHOURY, 2019) et d'explorer les effets de la migration à long terme (DROLET et al., 2018). Ainsi, selon Ahmad et al. (2020), c'est à travers l'exploration des conditions sociales qu'il est possible de faire progresser les politiques et les programmes. Ces auteurs soulignent également l'importance de se pencher, au fil du temps, sur l'influence du bien-être et de certains aspects culturels (YALIM, 2021), tels que les pratiques religieuses (HASAN et al., 2018) et l'alimentation (PORRECA et al., 2020), sur les dynamiques d'interactions entre les réfugiés syriens et les populations locales. En ce sens, les études dénotent l'importance de prendre en compte les forces et les limites du contexte où les réfugiés s'établissent afin d'offrir des solutions adaptées au milieu qui peuvent influencer positivement l'intégration des réfugiés syriens.

Ces recommandations apportées par les différentes études sont essentielles à prendre en compte pour les recherches futures. D'une manière plus large, des études rappellent le rôle important et particulier des recherches en travail social pour mieux comprendre les expériences des réfugiés syriens dans leur nouvelle société et reconnaître les éléments structurels et culturels des pratiques politiques qui peuvent opprimer ces personnes (ALMAKHAMREH et al., 2020; DROLET; MOORTHI, 2018). Le fait de mieux comprendre les besoins et les attentes de ces réfugiés concernant leur processus d'intégration pourra améliorer l'offre de services répondant à leurs besoins plutôt que de leur offrir seulement des services qui encouragent une « intégration » de la culture dominante (DUBUS, 2018).

De cette manière, cette recension des écrits pourra inspirer des réflexions dans le domaine du travail social et d'autres disciplines allant dans le même sens que Drolet et al. (2018) qui mettent de l'avant le fait de rester politiquement conscients et engagés en vue d'une pratique critique et réflexive basée sur le bien-être des individus dans les collectivités.

NOTES

¹ Cette recension a été réalisée dans le cadre d'une recherche doctorale en travail social intitulée les expériences d'intégration des réfugiés syriens dans la ville de Québec.

² Au Canada, il existe deux principales modalités de réinstallation des réfugiés. La première est la procédure de prise en charge par l'État, où le réfugié est recommandé au Canada par le HCR. Le gouvernement s'occupe de l'accueil et de l'installation de ces personnes. La deuxième modalité est le parrainage privé (ou collectif), c'est-à-dire que le réfugié est parrainé par des organismes communautaires ou religieux ou par un groupe de deux à cinq personnes de la société civile (ARSENAULT, 2020). Ce sont eux qui s'occupent des services d'installation servant à couvrir les besoins de base et de l'accompagnement dès leur arrivée, et ce, pour une période minimale de douze mois (WALTON-ROBERTS et al., 2019).

³ Les services accessibles culturellement sont ceux qui comprennent, de façon qualitative et processuel, la culture comme en étant un élément central dans l'établissement des liens avec les usagers afin de mieux adapter l'offre des services (CAMPINHA-BACOTE, 2002).

RÉFÉRENCES BIBLIOGRAPHIQUES

- AGRAWAL, S.; SANGAPALA, P. Does community size matter in the settlement process? The experience of Syrian refugees in Lethbridge in Alberta, Canada. **Journal of International Migration and Integration**, v. 22, n. 2, p. 653-672, 2021. <https://doi.org/10.1007/s12134-020-00761-6>
- AGRAWAL, S. Canadian Refugee Sponsorship Programs: Experience of Syrian Refugees in Alberta, Canada. **Journal of International Migration and Integration**, v.20, p. 941-962, 2019. <https://doi.org/10.1007/s12134-018-0640-7>
- AHMAD, F. et al. Depression-level symptoms among Syrian refugees: findings from a Canadian longitudinal study. **Journal of Mental Health**, v. 30, n. 2, p. 246-254, 2021. <https://doi.org/10.1080/09638237.2020.1765998>
- AHMED, A.; BOWEN, A.; FENG, C. X. Maternal depression in Syrian refugee women recently moved to Canada: a preliminary study. **BMC pregnancy and childbirth**, v. 17, n. 1, p. 1-11, 2017. <https://doi.org/10.1186/s12884-017-1433-2>
- AKAR, S.; ERDOĞDU, M. M.. Syrian refugees in Turkey and integration problem ahead. **Journal of International Migration and Integration**, v. 20, n. 3, p. 925-940, 2019. <https://doi.org/10.1007/s12134-018-0639-0>
- ALMAKHAMREH, S.; ASFOUR, H. Z.; HUTCHINSON, A. Negotiating patriarchal relationships to become economically active: an insight into the agency of Syrian refugee women in Jordan using frameworks of womanism and intersectionality. **British Journal of Middle Eastern Studies**, p. 1-19, 2020. <https://doi.org/10.1080/13530194.2020.1836609>
- AL-SALEM, R. E. A new link in the chain? Arabic-language citizenship education courses and the integration of resettled Syrian refugees in Canada. **Refuge: Canada's Journal on Refugees**, v. 36, n. 1, p. 14-29, 2020. <https://doi.org/10.25071/1920-7336.40535>

- ARSENAULT, S. **Mieux comprendre l'accueil des réfugiés pris en charge par l'État dans les régions du Québec à travers le regard des intervenants qui les accompagnent**. 14. ed. Québec: Édiqscope, 2020. 51 p. Disponible sur : <[https://www.ediq.ulaval.ca/sites/ediq.ulaval.ca/files/uploads/EDIQSCOPE_No14%20\(VF\).pdf](https://www.ediq.ulaval.ca/sites/ediq.ulaval.ca/files/uploads/EDIQSCOPE_No14%20(VF).pdf)>. Accédé le 8 mai 2022.
- BAGCI, S. C.; CANPOLAT, E. Group efficacy as a moderator on the associations between perceived discrimination, acculturation orientations, and psychological well-being. **Journal of Community & Applied Social Psychology**, v. 30, n. 1, p. 45-58, 2020. <https://doi.org/10.1002/casp.2421>
- BOEIRA-LODETTI, M.; MARTINS-BORGES, L. Significations, facteurs de risque et facteurs de protection attribués au processus migratoire par les réfugiés syriens à Florianópolis (Brésil)[synthèse en français]. **Alterstice-Revue Internationale de la Recherche Interculturelle**, v. 9, n. 1, p. 107-108, 2020. Disponible sur : <https://www.journal.psy.ulaval.ca/ojs/index.php/ARIRI/article/view/BoieraLodettiSynth%E8seFR_Alterstice9%281%29>. Accédé le 8 mai 2022.
- BRIDEKIRK, J.; HYNIE, M. The Impact of Education and Employment Quality on Self-rated Mental Health Among Syrian Refugees in Canada. **Journal of Immigrant and Minority Health**, v. 23, n. 2, p. 290-297, 2021. <https://doi.org/10.1007/s10903-020-01108-0>
- CAMPINHA-BACOTE, J. The process of cultural competence in the delivery of healthcare services: A model of care. **Journal of transcultural nursing**, v. 13, n. 3, p. 181-184, 2002.
- ĆATIBUŠIĆ, B.; GALLAGHER, F.; KARAZI, S. Syrian voices: an exploration of the language learning needs and integration supports for adult Syrian refugees in Ireland. **International Journal of Inclusive Education**, v. 25, n. 1, p. 22-39, 2021. <https://doi.org/10.1080/13603116.2019.1673957>
- CHEYNE-HAZINEH, L. Creating new possibilities: Service provider perspectives on the settlement and integration of Syrian refugee youth in a Canadian community. **Canadian Ethnic Studies**, v. 52, n. 2, p. 115-137, 2020.
- CONSEIL DE RECHERCHES EN SCIENCES HUMAINES [CRSH]. Gouvernement Du Canadá. **Recherche ciblée**: Arrivée, réinstallation et intégration des réfugiés syriens. 2019. Disponible sur : <https://www.sshrc-crsh.gc.ca/funding-financement/programmes-programmes/syrian_refugee-refugie_syrien-fra.aspx>. Accédé le 8 mai 2022.
- CULLEN, B. T.; WALTON-ROBERTS, M. The role of local immigration partnerships in Syrian refugee resettlement in Waterloo Region, Ontario. **The Canadian Geographer/Le Géographe canadien**, v. 63, n. 3, p. 374-390, 2019. <https://doi.org/10.1111/cag.12558>
- DAM, H.; WAYLAND, S. V. Syrian refugee resettlement: A case study of local response in Hamilton, Ontario. **The Canadian Geographer/Le Géographe canadien**, v. 63, n. 3, p. 360-373, 2019. <https://doi.org/10.1111/cag.12560>
- DROLET, J.; ENNS, R.; KREITZER, L.; SHANKAR, J.; MCLAUGHLIN, A. M. Supporting the resettlement of a Syrian family in Canada: The social work resettlement practice experience of social justice matters. **International Social Work**, v. 61, n. 5, p. 627-633, 2018. <https://doi.org/10.1177/0020872817725143>

- DROLET, J.; MOORTHI, G. The settlement experiences of Syrian newcomers in Alberta: Social connections and interactions. **Canadian Ethnic Studies**, v. 50, n. 2, p. 101-120, 2018. <https://doi.org/10.1353/ces.2018.0017>
- DUBUS, N. Arriving old: A qualitative study of elder refugee women's self-perceptions of the first year of resettlement. **Journal of Gerontological Social Work**, v. 61, n. 4, p. 393-410, 2018. <https://doi.org/10.1080/01634372.2018.1457124>
- EL KHOURY, S. J. Factors that impact the sociocultural adjustment and well-being of Syrian refugees in Stuttgart–Germany. **British Journal of Guidance & Counselling**, v. 47, n. 1, p. 65-80, 2019. <https://doi.org/10.1080/03069885.2018.1520196>
- FARBER, S.; MIFSUD, A.; ALLEN, J.; WIDENER, M. J.; NEWBOLD, K. B.; MONIRUZZAMAN, Md. Transportation barriers to Syrian newcomer participation and settlement in Durham Region. **Journal of Transport Geography**, v. 68, p. 181-192, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.jtrangeo.2018.03.014>
- GHUMMAN, U.; MCCORD, C. E.; CHANG, J. E. Posttraumatic stress disorder in Syrian refugees: A review. **Canadian Psychology/Psychologie Canadienne**, v. 57, n. 4, p. 246, 2016. <https://doi.org/10.1037/cap0000069>
- GOTTVALL, M.; SJÖLUND, S.; ARWIDSON, C.; SABOONCHI, F. Health-related quality of life among Syrian refugees resettled in Sweden. **Quality of Life Research**, v. 29, n. 2, p. 505-514, 2020. <https://doi.org/10.1007/s11136-019-02323-5>
- GÜRISOY, E.; ERTAŞOĞLU, L. D. Syrian refugees' perception of barriers and bridges towards integration into Turkish society. **Language, Culture and Curriculum**, v. 32, n. 2, p. 128-141, 2019. <https://doi.org/10.1080/07908318.2018.1542000>
- HAI-YOUNES, J. et al. Changes in self-rated health and quality of life among Syrian refugees migrating to Norway: a prospective longitudinal study. **International journal for equity in health**, v. 19, n. 1, p. 1-9, 2020. <https://doi.org/10.1186/s12939-020-01300-6>
- HANLEY, J. et al. The social networks, social support and social capital of Syrian refugees privately sponsored to settle in Montreal: Indications for employment and housing during their early experiences of integration. **Canadian Ethnic Studies**, v. 50, n. 2, p. 123-148, 2018. <https://doi.org/10.1353/ces.2018.0018>
- HASAN, N.; MITSCHKE, D. B.; RAVI, K. E. Exploring the role of faith in resettlement among Muslim Syrian refugees. **Journal of Religion & Spirituality in Social Work: Social Thought**, v. 37, n. 3, p. 223-238, 2018. <https://doi.org/10.1080/15426432.2018.1461045>
- HASSAN, G.; KIRMAYER, L. J.; VENTEOGEL, P. (ed.). **Culture, Contexte du conflit, Santé mentale et Bien-Être Psychosocial des Syriens: rapport sur la santé mentale et le soutien psychosocial à l'intention du personnel travaillant auprès des syriens touchés par le conflit armé**. Canadá: Haut Commissariat Des Nations Unies Pour Les Réfugiés., 2016. 68 p. Disponible sur : <https://cerda.info/wp-content/uploads/2018/09/Culture_contexte_Santementale-Syriens-francais-4fev2016.pdf> Accédé le 8 mai 2022.

- HAUGEN, S. "We feel like we're home": the resettlement and integration of Syrian refugees in smaller and rural Canadian communities. **Refuge: Canada's Journal on Refugees/Refuge: revue canadienne sur les réfugiés**, v. 35, n. 2, p. 53-63, 2019. <https://doi.org/10.7202/1064819ar>
- IBRAHIM, H.; HASSAN, C. Q. Post-traumatic stress disorder symptoms resulting from torture and other traumatic events among Syrian Kurdish refugees in Kurdistan Region, Iraq. **Frontiers in psychology**, v. 8, p. 241, 2017. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00241>
- JOUMAA, A. A. «Tu viens d'où?»: réponses, mémoires et identités de réfugiés syriens. **Mémoire (s), identité (s), marginalité (s) dans le monde occidental contemporain**. Cahiers du MIMMOC, n. 22, 2020. <https://doi.org/10.4000/mimmoc.3973>
- KAZOUR, F. et al. Post-traumatic stress disorder in a sample of Syrian refugees in Lebanon. **Comprehensive Psychiatry**, v. 72, p. 41-47, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.comppsych.2016.09.007>
- KOUBURTAY, T.; REFAI, D.; HALOUB, R. The role of cultural pressures and group favouritism in shaping Syrian refugees' identity in the Jordanian work environment. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 79, p. 24-35, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2020.08.002>
- KYRIAKIDES, C.; MCLUHAN, A.; ANDERSON, K.; BAJJALI, L. Status eligibilities: The eligibility to exist and authority to act in refugee–host relations. **Social Forces**, v. 98, n. 1, p. 279-302, 2019. <https://doi.org/10.1093/sf/soy109>
- LEGAULT, G.; FRONTEAU, J. Les mécanismes d'inclusion des immigrants et des réfugiés. **L'intervention interculturelle**, v. 2, p. 44-66, 2008
- LINDNER, K.; HIPFNER-BOUCHER, K.; YAMASHITA, A.; RIEHL, C. M.; RAMDAN, M. A.; CHEN, X. Acculturation through the lens of language: Syrian refugees in Canada and Germany. **Applied Psycholinguistics**, v. 41, n. 6, p. 1351-1374, 2020. <https://doi.org/10.1017/S0142716420000454>
- MANGRIO, E.; CARLSON, E.; ZDRAVKOVIC, S. Newly arrived refugee parents in Sweden and their experience of the resettlement process: A qualitative study. **Scandinavian Journal of Public Health**, v. 48, n. 7, p. 699-706, 2020. <https://doi.org/10.1177/1403494819893535>
- MARTINS-BORGES, L. Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 21, p. 151-162, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1980-85852013000100009>
- MARTZOUKOU, K.; BURNETT, S. Exploring the everyday life information needs and the socio-cultural adaptation barriers of Syrian refugees in Scotland. **Journal of documentation**, 2018. <https://doi.org/10.1108/JD-10-2017-0142>
- MEMIŞOĞLU, F.; YAVÇAN, B. Beyond ideology – a comparative analysis of how local governance can expand national integration policy: the case of Syrian refugees in Istanbul. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 48, n. 3, p. 503-523, 2020. <https://doi.org/10.1080/1369183X.2020.1819780>

- OKENWA-EMEGWA, L. et al. Prevalence and predictors of low future expectations among Syrian refugees resettled in Sweden. **Heliyon**, v. 5, n. 10, p. 1-6, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2019.e02554>
- OUDSHOORN, A.; BENBOW, S.; MEYER, M. Resettlement of Syrian refugees in Canada. **Journal of International Migration and Integration**, v. 21, n. 3, p. 893-908, 2020. <https://doi.org/10.1007/s12134-019-00695-8>
- PORRECA, F. I.; UNSAIN, R. F.; CARRIERO, M. R. ; SATO, P. de M.; ULIAN, M. D. ; SCAGLIUSI, F. B. Dialogues and tensions in the eating habits of Syrian refugees living in Sao Paulo, Brazil. **Ecology of Food and Nutrition**, v. 59, n. 2, p. 175-194, 2020. <https://doi.org/10.1080/03670244.2019.1681419>
- RENNER, A. et al. Syrian refugees in Germany: perspectives on mental health and coping strategies. **Journal of Psychosomatic Research**, v. 129, p. 1-9, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2019.109906>
- SCAGLIUSI, F. B.; PORRECA, IMAMURA, F.; ULIAN, M. D.; SATO, P. de M.; UNSAIN, R. F. Representations of Syrian food by Syrian refugees in the city of São Paulo, Brazil: An ethnographic study. **Appetite**, v. 129, p. 236-244, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2018.07.014>
- SENTHANAR, S.; MACEACHEN, E.; PREMJI, S.; BIGELOW, P. Entrepreneurial experiences of Syrian refugee women in Canada: A feminist grounded qualitative study. **Small Business Economics**, v. 57, n. 2, p. 835-847, 2021. <https://doi.org/10.1007/s11187-020-00385-1>
- SEYIDOV, I. On social integration process with refugees in Turkey: how can NGOs be more effective?. **International Journal of Inclusive Education**, v. 25, n. 1, p. 7-21, 2021. <https://doi.org/10.1080/13603116.2019.1673955>
- SHNEIKAT, B.; ALRAWADIEH, Z. Unraveling refugee entrepreneurship and its role in integration: empirical evidence from the hospitality industry. **The Service Industries Journal**, v. 39, n. 9-10, p. 741-761, 2019. <https://doi.org/10.1080/02642069.2019.1571046>
- SILVA-FERREIRA, A. V.; BOEIRA-LODETTI, M.; MARTINS-BORGES, L. (2021). Recomeço: O sofrimento psíquico na imigração involuntária e a política de inclusão nas universidades brasileiras. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 29, p. 141-158, 2022. <https://doi.org/10.1590/1980-858525038800063>
- SMEEKES, A.; VERKUYTEN, M.; ÇELEBI, E.; ACARTÜRK, C.; ONKUN, S. Social identity continuity and mental health among Syrian refugees in Turkey. **Social psychiatry and psychiatric epidemiology**, v. 52, n. 10, p. 1317-1324, 2017. <https://doi.org/10.1007/s00127-017-1424-7>
- UNHCR. **GLOBAL TRENDS: forced displacement in 2020**. Copenhagen: UNHCR Global Data Service, 2021. 72 p. Disponível sur : <<https://www.unhcr.org/60b638e37/unhcr-global-trends-2020>>. Accédé le 8 mai 2022.
- UNHCR; Government of Turkey. Operational Data Portal - Refugee Situation. **Situation Syria Regional Refugee Response**. 2022. Disponível sur : <<https://data2.unhcr.org/en/situations/syria>>. Accédé le 22 mai 2022.

- UTRŽAN, D.r S.; WIELING, E. A. A phenomenological study on the experience of Syrian asylum-seekers and refugees in the United States. **Family process**, v. 59, n. 1, p. 209-228, 2020. <https://doi.org/10.1111/famp.12408>
- VATZ LAAROSSI, M. Les dynamiques d'intégration et d'inclusion des personnes et des familles immigrantes et réfugiées: une responsabilité partagée. Dans RACHÉDI, Lilyane; TAÏBI, Bouchra. (dir.). **L'intervention interculturelle** (3e éd., p. 54-79). Montréal: Chenelière Éducation, 2019.
- VERONIS, L. Building intersectoral partnerships as place-based strategy for immigrant and refugee (re) settlement: The Ottawa Local Immigration Partnership. **The Canadian Geographer/Le Géographe canadien**, v. 63, n. 3, p. 391-404, 2019. <https://doi.org/10.1111/cag.12559>
- VERONIS, L.; TABLER, Z.; AHMED, R. Syrian refugee youth use social media: Building transcultural spaces and connections for resettlement in Ottawa, Canada. **Canadian Ethnic Studies**, v. 50, n. 2, p. 79-99, 2018. <https://doi.org/10.1353/ces.2018.0016>
- WALTON-ROBERTS, M.; et al. Syrian refugee resettlement and the role of local immigration partnerships in Ontario, Canada. **The Canadian Geographer/Le Géographe canadien**, v. 63, n. 3, p. 347-359, 2019. <https://doi.org/10.1111/cag.12561>
- YALIM, A. C. The impacts of contextual factors on psychosocial wellbeing of syrian refugees: findings from Turkey and the United States. **Journal of Social Service Research**, v. 47, n. 1, p. 104-117, 2021. <https://doi.org/10.1080/01488376.2020.1717717>
- YOHANI, S.; KIROVA, A. ; GEORGIS, R.; GOKIERT, R.; MEJIA, T.; CHIU; Y. Cultural brokering with Syrian refugee families with young children: An exploration of challenges and best practices in psychosocial adaptation. **Journal of International Migration and Integration**, v. 20, n. 4, p. 1181-1202, 2019. <https://doi.org/10.1007/s12134-019-00651-6>

RÉSUMÉ

Dans le cadre de cet article, nous présentons une revue des écrits des cinq dernières années (2016 – 2020) sur les réalités post-migratoires des réfugiés syriens établis dans une nouvelle société. Les résultats qui seront présentés dans cet article ont subventionné et guidé la construction d'un projet de recherche portant sur l'intégration des réfugiés syriens à Québec. La recherche bibliographique a été effectuée dans plusieurs bases de données, à savoir Web of Sciences, PsycINFO, Sociological Abstract, Social Sciences full text et Érudit. Les mots-clés utilisés étaient *integrated* OU *reinstallation* OU *acculturation* OU *inclusion* croisée avec *refugee syrian*. De plus, des ressources secondaires, telles que les sites Internet des groupes de recherche EDIQ, SHERPA et CERDA, ont été consultées pour approfondir la réalité québécoise. Ces recommandations faites par les différentes études sont essentielles à prendre en compte pour les recherches futures. Plus largement, les études soulignent le rôle important et particulier de la recherche en travail social pour mieux comprendre les expériences des réfugiés syriens dans leur nouvelle société et reconnaître les éléments structurels et culturels des pratiques politiques qui peuvent opprimer ces personnes. Une meilleure compréhension des besoins et des attentes de ces réfugiés par rapport à leur processus d'intégration peut améliorer la fourniture de services qui répondent à leurs besoins plutôt que de leur offrir uniquement des services qui favorisent une « intégration » de la culture dominante.

Mots clés : réfugiés syriens ; revue de littérature; accueillir; insertion sociale.

RESUMO

No contexto deste artigo, apresentamos uma revisão dos escritos dos últimos cinco anos (2016 – 2020) sobre as realidades pós-migratórias de refugiados sírios estabelecidos em uma nova sociedade. Os resultados que serão apresentados neste artigo subsidiaram e orientaram a construção de um projeto de pesquisa com foco na integração de refugiados sírios na cidade de Quebec. A pesquisa bibliográfica foi realizada em várias bases de dados, nomeadamente Web of Sciences, PsycINFO, Sociological Abstract, Social Sciences full text e Érudit. As palavras-chave utilizadas foram integrat OR reassentamento OR assentamento OR aculturação OR inclusão cruzado com refúgio sírio. Além disso, recursos secundários, como os sites dos grupos de pesquisa EDIQ, SHERPA e CERDA, foram consultados para aprofundar a realidade de Quebec. Essas recomendações feitas pelos vários estudos são essenciais para serem levadas em consideração para pesquisas futuras. Mais amplamente, os estudos apontam para o importante e particular papel da pesquisa em serviço social para melhor compreender as experiências dos refugiados sírios em sua nova sociedade e reconhecer os elementos estruturais e culturais das práticas políticas que podem oprimir essas pessoas. Uma melhor compreensão das necessidades e expectativas desses refugiados em relação ao seu processo de integração pode melhorar a oferta de serviços que atendam às suas necessidades ao invés de apenas oferecer-lhes serviços que estimulem uma “integração” da cultura dominante.

Palavras-chave: refugiados sírios; revisão de literatura; acolhimento; inserção social.

ABSTRACT

As part of this article, we present a review of the writings of the last five years (2016 – 2020) on the post-migration realities of Syrian refugees established in a new society. The results that will be presented in this article subsidized and guided the construction of a research project on the integration of Syrian refugees in Quebec. The bibliographic search was carried out in several databases, namely Web of Sciences, PsycINFO, Sociological Abstract, Social Sciences full text and Érudit. The keywords used were integrat OR resettlement OR settlement OR acculturation OR cross-inclusion with Syrian refuge. In addition, secondary resources, such as the websites of the EDIQ, SHERPA and CERDA research groups, were consulted to learn more about the Quebec reality. These recommendations made by the various studies are essential to take into account for future research. More broadly, the studies highlight the important and unique role of social work research in better understanding the experiences of Syrian refugees in their new society and recognizing the structural and cultural elements of political practices that may oppress these people. A better understanding of the needs and expectations of these refugees in relation to their integration process can improve the provision of services that meet their needs rather than only offering them services that promote an “integration” of the dominant culture.

Keywords: Syrian refugees; literature review; welcome; social integration.

O estudo da migração desde uma perspectiva *Ch'ixi*

Ismael Eduardo Schwartzberg Arteaga

1 INTRODUÇÃO

Este texto apresenta as ideias principais de uma experiência *sentipensante*, como acadêmico e como ser humano que reflete sobre sua própria experiência como imigrante, uma experiência total entre o pensar e o sentir na qual não existe separação e, sim, momentos nos quais o olhar se torna mais focalizado e crítico sobre alguns aspectos, e o sujeito pesquisador faz parte do contexto que estuda.

Em minha experiência como imigrante situa-se a razão da pesquisa que realizei no mestrado sobre as lógicas de existência que grupos de bolivianos e bolivianas reproduzem em São Paulo¹ e que decidi repensar a partir do conceito não colonial do *Ch'ixi*, aforismo aymará que a socióloga e ativista boliviana Silvia Rivera Cusicanqui² teorizou, proporcionando uma ferramenta conceitual que permite ter uma perspectiva crítica sobre a ideia de mestiçagem, de sincretismo, de hibridismo cultural, e pensar a realidade das pessoas que têm a identidade *ch'ixi*. Isto é, uma identidade manchada, justaposta, consequência do fato colonial, uma identidade que coexiste em dimensões de pensamento e tempos diferentes, reinventando o passado no presente, com novas características que se adaptam a contextos, territórios e espaços distintos.

E a metodologia que utilizei em minha pesquisa foi a da sociologia da imagem, uma proposta metodológica que também Rivera Cusicanqui (2015) vem elaborando para desconstruir a ideia hierarquizada que considera a escrita como principal meio de conhecimento. Trata-se de uma metodologia que não é só uma análise de imagem nem só de fotografias: utiliza-as, principalmente, em todos os sentidos que permitam visualizar e apresentar uma descrição densa, produto de uma profunda relação do pesquisador com seu entorno. Uma “artesanía intelectual” advinda do construto da experiência individual, que, com um olhar focalizado, crítico, vê seu entorno como fonte de pesquisa, em que a própria experiência do pesquisador faz parte do conhecimento.

Por isso, o texto é escrito em primeira pessoa porque minha experiência é a experiência de quem está dentro do campo de estudo, que não faz observação participante porque já participa do contexto, que vive a experiência migratória e que convive não só como um pesquisador que estuda um fenômeno social, mas que reproduz sua existência no contexto migratório que estuda.

Com estas considerações, divido o texto em: primeiro, as reflexões que surgiram em meu trabalho de pesquisa, tanto na parte teórica como

metodológica, a partir de minha experiência *sentipensante* (FALS BORDA, 2009); em seguida, apresento o conceito do *ch'ixi* para finalizar com o resumo de um capítulo da minha dissertação, no qual explico como se reconhece esse conceito nas lógicas de existência de bolivianos e bolivianas que moram em São Paulo.

2 O ESTUDO DA MIGRAÇÃO A PARTIR DE UMA SOCIOLOGIA DA IMAGEM

Como explica o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad (1998), a migração é um fato social total, ou seja, engloba um processo de partida e de chegada, não podendo haver imigração sem emigração. Portanto, as características do contexto histórico, social, econômico do país de origem e as razões pelas quais as pessoas decidem adquirir o status de emigrante, ao deixarem seu local de origem para adquirir um novo status, não podem ser ignoradas na análise da chegada a um país de acolhimento com um contexto econômico, jurídico, social e linguístico diferente.

Entendo também que cada processo migratório gera um habitus migratório que é fruto de suas próprias características e lógicas. Ignorá-lo seria ignorar a historicidade dos sujeitos, seu passado, sua memória, suas práticas culturais e organizacionais. Portanto, há que se considerar uma perspectiva teórica que reconheça a heterogeneidade e a diversidade cultural.

Uma leitura fundamental para me situar teoricamente frente ao meu objeto de estudo foi a entrevista que o Colectivo Situaciones e o Colectivo Simbiosis Cultural (2011) realizaram com Silvia Rivera Cusicanqui sobre as oficinas têxteis da cidade de Buenos Aires, Argentina. Na parte introdutória, eles afirmam algo que penso estar acontecendo também no Brasil: visibilidade-invisibilidade:

muitas vezes a visibilidade é usada de forma invisível. Tanto mostrar como tornar visíveis as oficinas têxteis a partir de um determinado ponto de vista faz com que o seu significado se enquadre, os estereótipos ganham mais peso e, por fim, os preconceitos são ratificados (COLECTIVO SITUACIONES/COLECTIVO SIMBIOSIS, 2011: s/p.).

O meu trabalho também foi baseado na proposta da socióloga argentina Veronica Gago que analisa a migração de bolivianos em Buenos Aires a partir de uma perspectiva extramoral, porque abandona o registro metafísico da moralidade. O “extramoral”, como explica a autora, significaria “abandonar o registro metafísico (no sentido de uma metafísica ocidental que separa o ser em uma instância espiritual ativa e uma material passiva a saber - governar) da moralidade (seja do trabalho ou dos costumes decentes ou, numa versão ética, do bom selvagem)” (GAGO, 2014. p.25).

A autora propõe que

o desafio é pensar formas variáveis de comunidade que seja ao mesmo tempo transnacional, que esteja em trânsito, que misture economias e que administre de maneira precisa um saber-fazer e uma riqueza comunitária que está em permanente tensão entre exploração e reinvenções do popular (GAGO, 2014, p.126).

Minha condição de imigrante boliviano e pesquisador da migração boliviana representou uma posição vantajosa para desenvolver o trabalho, pois me permitiu entrar em espaços em que as situações podiam ser presenciadas “de dentro” do grupo, sem ser visto como um estranho. Isso possibilitou que as pessoas se expressassem livremente.

No entanto, surgiu o conflito de como separar a situação pessoal do papel do pesquisador, como sistematizar as informações das conversas informais como informações relevantes e como explicar aos meus interlocutores que o que eu estava fazendo em minha pesquisa era algo importante para dar uma percepção mais ampla do que a comunidade boliviana representa, de suas próprias lógicas de organização, de seus diversos processos migratórios e diversas experiências familiares e pessoais.

Para isso, foi importante que as pessoas que me relataram ou expressaram seus conhecimentos, suas experiências, conhecessem minha percepção e até mesmo o meu posicionamento político sobre aspectos que estavam intimamente relacionados à situação social dos/as imigrantes bolivianos/as, o que, ao longo do tempo, gerou uma *relação significativa* com muitas das pessoas que conheci.

Como indiquei, utilizo a sociologia da imagem como metodologia na qual a memória, a história oral e a fotografia tornam-se importantes fontes de conhecimento para a construção de uma perspectiva analítica contra-hegemônica, como outra versão da realidade e da história. E, para isso, considerei o livro de Silvia Rivera Cusicanqui “Sociologia da imagem: miradas ch’ixi da história andina” (2015). Nesta obra, a autora explica que a transição da oralidade para uma metodologia mais ampla, como a sociologia da imagem, surge como uma necessidade da experiência do *Taller de Historia Oral Andina* (THOA). Nesse espaço, os resultados eram investigados, editados e devolvidos às comunidades com as quais se dialogou, e isso se deu por meio de comunicação não escrita: performance teatral, radiodrama, vídeo e exposição fotográfica.

A linguagem não verbal, para Rivera Cusicanqui, possui vários aspectos que a diferenciam da perspectiva antropológica e indica o seguinte:

[...] la sociología de la imagen sería entonces muy distinta de la antropología visual, en tanto que en esta se aplica una mirada exterior a lxs ‘otrxs’ y en aquella el/ la observador/a se mira a sí mismx en el entorno social donde habitualmente se desenvuelve. En la antropología

visual necesitamos familiarizarnos con la cultura, con la lengua y con el territorio de sociedades otras, diferentes a la sociedad eurocéntrica y urbana de la que suelen prevenir lxs investigadorxs. Por el contrario, la sociología de la imagen supone una desfamiliarización, una toma de distancia con lo archiconocido, con la inmediatez de la rutina y el hábito. La antropología visual se funda en la observación participante, donde el/la investigador/a participa con el fin de observar. La sociología de la imagen, en cambio, observa aquello en lo que ya de hecho participa; la participación no es un instrumento de servicio a la observación sino su presupuesto, aunque se hace necesario problematizarla en su colonialismo/elitismo inconsciente (RIVERA CUSICANQUI, 2015, p. 21).

A sociologia da imagem não busca registrar ou classificar o outro para fazer uma representação dele a um público acadêmico. Ao contrário, considera todas as práticas de representação como foco de seu interesse. Esta seria a totalidade do visual incluindo a memória que se torna visível através da oralidade e suas formas narrativas (RIVERA CUSICANQUI, 2015)

Na sociologia da imagem, o/a pesquisador/a não é alheia/o ao objeto de estudo, não é observador participante de um fenômeno social no qual não está imerso. Na perspectiva da sociologia da imagem, o autor sabe que está dentro do espaço do fenômeno social, seu status é igual aos dos outros com os quais se relaciona ou com os quais dialoga, na construção de seu próprio conhecimento.

3 O CONCEITO *CH'IXI*: UMA PROPOSTA EPISTEMOLÓGICA CONTRA-HEGEMÔNICA PARA O ESTUDO DA MIGRAÇÃO

Cusicanqui explica o *Ch'ixi* como uma zona de contato na qual dois opostos se encontram, reproduzindo cada extremidade no impacto. Não vindo a fundir-se em algo novo, mas, sim, a coexistir, não se repelem nem se contradizem, complementam-se, em constante dinamismo. O *Ch'ixi* é algo que é e não é ao mesmo tempo. Para expor isso, a autora utiliza a teoria das cores e indica que o *Ch'ixi* é como a cor cinza, que dá a impressão, quando observada à distância, de ser outra cor. Mas, quando essa cor cinza pode ser observada mais de perto, percebe-se que, na realidade, a fusão não existe totalmente e, sim, que há uma justaposição de pontos pretos e brancos, tão próximos um do outro que, à distância, dão a sensação de uma única cor cinza (RIVERA CUSICANQUI, 2010).

Esse cinza a que se refere Rivera Cusicanqui seria a sociedade boliviana, constituída por um complexo processo histórico que resultou em uma mistura, uma fusão que se chama sincretismo ou mestiçagem. No entanto, quando o presente é observado a partir de um profundo conhecimento do passado e não da história oficial, e, sim, da memória coletiva que reconhece as revoltas indígenas e a

resistência subalterna, seria o início para a compreensão da variação social, ou seja, dizer que tanto o sincretismo quanto a mestiçagem seriam parte de uma miragem construída pela violência das políticas de esquecimento e um constante processo hegemônico de recolonização. As contradições do passado permaneceriam sem solução e apareceriam cotidianamente, coexistindo no tempo presente, que Rivera Cusicanqui sintetiza como heterogeneidade multitemporal.

Como explica Cusicanqui, a construção do conceito de *Ch'ixi* vem da ideia de “*Abigarrado*”, elaborada pelo sociólogo René Zavaleta Mercado (1935 – 1984). O filósofo boliviano Luis Tapia é um dos intelectuais mais dedicados ao estudo da obra de Zavaleta Mercado. Em seu livro “A produção do conhecimento local: história e política na obra de René Zavaleta” (TAPIA, 2002), ele indica que há uma noção marxista de formação socioeconômica que pressupõe um dos meios de produção dominar os outros e acaba por rearticular, na totalidade, uma forma que seja funcional ao seu padrão de produção e reprodução expandidas. Esse modo de produção nos tempos modernos seria o modo capitalista (TAPIA, 2002, p.307).

Tapia (2002) observa também que, geralmente, o pressuposto da formação socioeconômica explicaria a existência de vários modos de produção ou de heterogeneidade ao nível do momento produtivo, uma unidade de base e superestrutura, na qual a superestrutura seria aquela que dá unidade à diversidade de modos de produção em nível do Estado. Tapia ainda nota que alguns considerariam que esse Estado, responsável pela unidade no nível da superestrutura, contém elementos de tradições anteriores, refuncionalizados pela sociedade capitalista, que acabam por fazer parte de uma nova qualidade político-social (TAPIA, 2002).

Em sociedades como a boliviana, onde o capitalismo se desenvolveu de forma débil e, conseqüentemente, a transformação e articulação de outras qualidades sociais são altamente parciais, Tapia dirá que a noção de “*abigarrado*” de Zavaleta parece resolver o problema da falta de articulação dos modos de produção e das demais dimensões da vida social, principalmente a política, portanto, o tipo de unidade política que pretende articular no nível do Estado seria inexistente, ou nos termos de Zavaleta, seria aparente (TAPIA, 2002, p.307).

Tapia, ao explicar Zavaleta, indica que “uma formação social *abigarrada* se caracteriza, primeiro, pela coexistência de várias temporalidades ou tempos históricos” (TAPIA, 2002, p.307) no nível do momento produtivo. É importante destacar que tempo histórico e modo de produção não seriam equivalentes, pois, quando Zavaleta se refere ao tempo estacional da agricultura, nesta cabem vários modos de produção.

En una formación social abigarrada no solo coexisten varias relaciones sociales y jurídicas de producción, sino que básicamente se trata de una heterogeneidad de tiempos históricos. Este es un tipo de diversidad profunda, ya que en la medida que existe la diferencia, también hay diferencias

en las estructuras políticas y la cultura general, diferencias que son más o menos irreductibles. Otra característica de una formación social abigarrada es la diversidad de formas políticas y de las matrices sociales de generación (TAPIA, 2002, p.309).

Além disso, na concepção de uma formação social abigarrada, como explica Tapia, há um estado político nacional, ou que se diz nacional, e com características jurídicas formais mais ou menos modernas; por outro lado, há um conjunto de estruturas autárquicas que também seriam diversas e que não corresponderiam à representação local do governo nacional, uma vez que também não são por ele designadas, mas representam a forma de organização endógena e mais ou menos ancestral de vida social. Isto, na maioria das vezes, implica que nesses territórios a separação do político ainda seja vivenciada endogenamente, algo que ocorre ao nível do chamado estado nacional e que se configurou de forma deslocada em relação a essas comunidades, ou com alto grau de exterioridade e em decorrência de imposição (TAPIA, 2002).

Uma formação social seria um processo de unificação que ocorre de duas maneiras: por um lado, é um processo de unificação realizado pelo modo de produção dominante que passa a articular as demais formas produtivas, na medida em que isso transforma ou vai unificando parcialmente as margens onde um tipo de temporalidade ainda se expande. Esse modelo seria o da articulação e unificação real e orgânica, descrita na teoria ocidental do Estado-nação. Por outro lado, na segunda forma, a Formação Social Abigarrada, a unificação é aparente. Tudo o que não foi transformado em termos da estrutura do tempo histórico e da homogeneização da substância social é aparentemente unificado no nível superestrutural do estado político, mas não no nível real da base, exceto de forma violenta e limitada (TAPIA, 2002).

Quando Zavaleta explica que a Bolívia é uma Formación Social Abigarrada dirá:

Si se dice que Bolivia es una formación abigarrada es porque en ella no sólo se han superpuesto las épocas económicas (...) sin combinarse demasiado, como si el feudalismo perteneciera a una cultura y el capitalismo a otra y ocurrieran sin embargo en el mismo escenario o como si hubiera un país en el feudalismo y otro en el capitalismo, superpuestos y no combinados sino en poco, (...) verdaderas densidades temporales mezcladas, no obstante, no sólo entre sí del modo más variado, sino que también con el particularismo de cada región, porque aquí cada valle es una patria, en un compuesto en el que cada pueblo viste, canta, come y produce de un modo particular y habla todas las lenguas y acentos diferentes sin que

unos ni otros puedan llamarse por un instante la lengua universal de todos (ZAVALETA MERCADO, apud RIVERA CUSICANQUI, 2018, p.16).

Cusicanqui indicará que a análise de Zavaleta parte da ideia de estado cêntrico do Estado-nação como objetivo último da unificação social, política e cultural da diversidade.

[...] la disyunción política que este hecho supone es vista por Zavaleta como un bloqueo a la “cuantificación uniforme del poder”, condición imprescindible, según él, para el ejercicio de la democracia y la constitución de una sociedad política nacional. Pero a pesar de este desliz estado céntrico, podemos asumir la idea de lo abigarrado como el pie de un buen comienzo para una reflexión destinada a pensar lo colonial en tiempo presente (RIVERA CUSICANQUI, 2018, p.17).

A partir do conceito de *Formación Social Abigarrada*, Cusicanqui explicará que o conceito de *Ch'ixi* vê na heterogeneidade e nos anacronismos sociais fatos contudentes. O *Abigarrado* é fruto de um passado não digerido que está sendo reproduzido em diferentes espaços e territórios onde o social se reestrutura.

Essa perspectiva é essencial para poder entender que o passado se reinventa e aparece como algo não resolvido, com uma força criativa nas esferas social, econômica e cultural, mas que também se expande para além das fronteiras por meio de processos migratórios.

Esses conceitos podem interpretar o que acontece com os imigrantes que vivem fora do país, mas que, de alguma forma, tentam manter suas formas anteriores de organização social e autonomia econômica ao mesmo tempo que vivem novas experiências. O que determinaria uma aparência do Estado no que diz respeito às formas como se desenrolam os processos migratórios, das idas e vindas de milhares de pessoas que constroem sua existência entre dois ou mais mundos, ou que não entram nos esquemas da formalidade de trabalho, não só por uma razão cultural, mas também por uma razão econômica, de exclusão do Estado, mas, ao mesmo tempo, de autonomia.

O heterogêneo pode ser entendido na perspectiva do *Ch'ixi* a partir do não nacional, quando muitas das práticas econômicas e sociais são reproduzidas fora das fronteiras, [fora] do trabalho familiar e das redes de parentesco como formas de organização do trabalho e que são reproduzidos por décadas sem entrar totalmente em um modo de produção principal. Além disso, articula-se a um mundo festivo, um espaço social onde se ampliam os parentescos, reafirmam-se laços sociais e laborais baseados numa economia moral e de prestígio, constituindo um mercado transfronteiriço.

Pode-se dizer que os processos migratórios carregam essa construção do *Ch'ixi* de seu lugar de existência, pois reproduzem lógicas e estratégias sociais e

econômicas que escapam às leis do Estado, pois vivenciam sua heterogeneidade e sua diferença em relação a outros processos migratórios, pois a especificidade que os caracteriza como um fato social total, estaria muito distante das abstrações que homogeneizam os sujeitos e seus processos migratórios e que se elaboram na burocracia jurídica, intelectual e onde justamente os protagonistas da história são os excluídos.

Como explica Tapia, o *Abigarrado*, para Zavaleta, consiste em entender aquelas articulações não resolvidas dos modos de produção, entendendo aquela heterogeneidade e aquele problema como “tudo o que não foi transformado em termos da estrutura do tempo histórico e da homogeneização da substância social” (TÁPIA, 2002, p.309).

Em sua proposta teórica, que se nutre da noção de *Abigarrado* em direção à epistemologia *ch'ixi*, Rivera Cusicanqui faz um esforço intelectual para desconstruir os binarismos da ciência social hegemônica, sendo sua estratégia utilizar conceitos-metáforas que, ao mesmo tempo, descrevem e interpretam as complexas mediações e constituição heterogênea de sociedades complexas como a boliviana. Afirmará que, nas décadas de 1970 e 1980, o debate intelectual deu como certa a iminente homogeneização ou hibridização cultural das sociedades latino-americanas, mas que, desde meados dos anos 1990, vive-se a multiplicidade de passados não digeridos (RIVERA CUSICANQUI, 2018).

4 O CH'IXI, UMA PERSPECTIVA MAIS PROFUNDA QUE APENAS TRADIÇÃO CULTURAL

Para começar esta parte do texto, devo fazer algumas considerações sobre o conceito de comunidade, o qual deve ser analisado criticamente porque sua utilização, principalmente pela mídia, construiu um imaginário coletivo cheio de preconceitos que se percebem nas atitudes e nos diálogos que acontecem na vida cotidiana entre bolivianos/as e brasileiros/as.

De forma geral, utiliza-se o termo comunidade para designar um grupo de pessoas que têm características ou interesses em comum ou, especificamente, em relação à migração ou lugar de procedência. Neste sentido, todas as pessoas que vêm da Bolívia seriam parte da mesma comunidade boliviana.

Porém, quem define o que seria ou não uma comunidade, nesse caso a comunidade boliviana, é o Estado Brasileiro que, desde um olhar panóptico e civilizatório, tem o poder de nomear, de selecionar, classificar, separar aos grupos de imigrantes segundo seu lugar de origem. Hoje, o termo que se utiliza é o de “comunidade”, antes se dizia também “colônia boliviana” e “coletividade boliviana”; essa mudança nas formas de nomear poderia estar relacionada a mudanças nas políticas públicas e também aos estudos acadêmicos que se fizeram anteriormente sobre os diversos grupos de bolivianos/ as no Brasil.

Na pesquisa que realizei, utilizei o conceito de “comunidade imaginada”, teorizado por Benedict Anderson (2008), no qual o autor explica a transição dos

grandes sistemas culturais dos impérios monárquicos aos estados nacionais como formas de dominação. O autor diz que, nos impérios monárquicos, a religião foi o sistema cultural que mantinha as pessoas em submissão à monarquia; mas, com o surgimento dos estados nacionais, criaram-se novos aparatos culturais para manter a ordem.

Anderson identifica dois aparatos culturais importantes nesse sentido, o jornal e a novela; ambos os aparatos motivaram a percepção do tempo homogêneo, o que se tornou simultaneamente essencial para a construção do imaginário de nação (ANDERSON, 2008).

Sobre o jornal, dirá que se reproduz de forma massiva e, a partir da leitura cotidiana, cria-se a ideia de uma cerimônia simultânea realizada ao mesmo tempo por milhares de pessoas. E sobre a novela, indicará que foi uma forma literária posterior à poesia e ao conto e que traz a ideia de tempo homogêneo ou sentido de simultaneidade nas ações dos personagens e, para os leitores, a ideia abstrata de pertença.

No caso da denominada comunidade boliviana, esta teria então uma dupla concepção: a primeira, criada pelo Estado desde um olhar classificatório, e a outra, através dos próprios sujeitos, grupos, coletivos e instituições os quais produzem o sentido de pertença a partir do festivo religioso.

E um fato que representa esse sentido de pertença se expressa de forma mais visível e se repete há vários anos no Memorial de América Latina, onde se realiza a festa maior da Comunidade Boliviana, em São Paulo. O objetivo principal desta festa é homenagear, com uma entrada folclórica, a devoção que os bolivianos e bolivianas têm às Virgens de Copacabana e de o Urkupiña, como também uma vocação cívica porque se lembra a fundação da Bolívia, o dia 6 agosto de 1825.

A Associação Cultural Folclórica Bolívia Brasil (ACFBB) é a encarregada de realizar o evento, o qual é dividido em 3 categorias: *autóctona*, pesada e leve. A categoria pesada esta constituída pelas denominadas *Morenadas*: distinguem-se das outras agrupações pois, em sua maioria, estão conformadas por donos de oficinas de costuras, empresários da área têxtil, o que atribui uma especificidade importante a estas agrupações porque, na dança, estariam representando, além da estética, as duas faces que caracterizam o processo migratório atual dos/as bolivianos/as no Brasil, o trabalho e a festa.

Um aspecto importante nessa festa é o fato que revela a devoção às duas Virgens, já que, na Bolívia, a devoção tem um caráter regional; assim, a devoção à Virgem de Urkupiña é realizada no estado de Cochabamba, e a devoção à Virgem de Copacabana, no Estado de La Paz, o que é interessante porque, a partir da devoção, se pode identificar a conformação regional da comunidade boliviana.

Assim, evidencia-se que a comunidade boliviana tem maior quantidade de pessoas que vêm de ambos os Estados, Cochabamba e La Paz, e isso se reflete nas formas organizacionais de realizar as festas devocionais e na quantidade de pessoas que estas festas conseguem atingir. Esta situação é explicada pelo padre

Alejandro Cifuentes, que foi coordenador da Pastoral do Migrante na Missão Paz. Ele conheceu vários aspectos significativos que se apresentam atrás do sentido devocional dessas representações da Virgem Maria.

Existe un grupo fiel devoto de la Virgen de Urkupiña, principalmente los cochabambinos pero no solamente ellos. Existe una gran devoción por parte de muchísimas personas que han acompañado, solo que si nosotros vemos aquí en esta comunidad, la migración más antigua parecería que son aquellos fieles de la virgen de Urkupiña, existen muchos médicos, existen muchas familias, que tienen bastantes años aquí, y que son aquellos que han fomentado la devoción a la virgen de Urkupiña, que es algo particular, que es algo que se diferencia de la virgen de Copacabana, para la virgen de Copacabana son más paceños, aunque si existe una convivencia serena y tranquila entre las personas, creo que eso ha ido mejorando y ha ido progresando la cuestión de la devoción, no tanta diferencia como había en cierto momento³.

Cifuentes também explica algumas diferenças que existem na organização dessas festas:

Hoy tenemos también bastantes grupos que participan dentro de nuestra comunidad y es esta siempre la intención de crecer. La fiesta es dada para alguien dos años antes, entonces dos años antes se escoge a los que van a pasar la fiesta, existe esto, la preparación por parte de las familias para llegar a la gran fiesta. La fiesta que es bastante diferente de la virgen de Copacabana, porque aquí la participación y la organización son hechas por familias, en Copacabana son la fraternidades los pasantes, entonces son fraternidades que van pasando la imagen, a diferencia que Urkupiña que son familias.

Como explica Cifuentes, a festa da Virgem de Copacabana é organizada apenas pelas Morenadas, graças à sua estrutura organizacional e poder econômico que são transversalizados pelo aspecto geracional. Isso demonstra as principais diferenças entre os nomes das danças leves e das danças pesadas.

Pode-se compreender como o espaço de trabalho se articula com o festivo; a participação em uma fraternidade, ou grupo folclórico, adquire um significado para além do lúdico ou do estético. É a representação de uma ascensão social, encontrando-se socialmente por outro tipo de lógicas, que não são as da distinção das elites “brancas”, nem bolivianas nem brasileiras.

A mobilidade social – ou status social – se expressaria por meio do papel ou função que um sujeito desempenha em determinado grupo ou fraternidade.

O encontro social seria determinado por outras categorias sociais de distinção, mas que obviamente também seria determinado pelo material e diretamente relacionado com a valorização do trabalho manual, e todo o conhecimento que se adquire em torno do “saber costurar”.

O simbólico não é algo menos real, pois as dimensões simbólicas são indissociáveis da realidade e resultam das concepções e experiências que dela temos. Assim, a prosperidade econômica de um imigrante boliviano/a tem relação direta com a fé que ele/a tem na Virgem. Assim, ética do trabalho e religiosidade, os planos material e espiritual, coexistem e reproduzem o *Ch’ixi*.

Isso responde não apenas a um processo migratório diferente, mas principalmente a uma ética econômica em que não há contradição entre o econômico e o espiritual porque um impulsiona o outro e vice-versa.

Compreender a festa a partir das próprias lógicas que a constituem, é compreender as estratégias que os grupos subalternos desenvolvem em resistência ao poder hegemônico estatal. Estrutura social que se reproduz paralelamente aos ritos de unidade nacional criados pelo Estado. Nesse processo e nesses espaços simbólicos é onde se manifesta o *Ch’ixi*, um constante processo onde se reinventam as relações sociais desde baixo, desde os sujeitos sociais, e não a partir do Estado. Um processo que vai recriando a estrutura social de forma expansiva no âmbito do festivo religioso.

O *ch’ixi* rompe com essa ideia dicotômica de tradição e modernidade e propõe que existem outras formas de modernidade que coexistem em um mesmo tempo e espaço social, que se justapõem, com base em uma temporalidade e formas organizacionais diferentes das propostas pelas ideias eurocêntricas de modernidade; por não estarem totalmente articuladas em uma ideia linear e única de história, ou mesmo a um modo de produção principal, elas mostram essa “*formação social abigarrada*”

É no festivo que se expressa a melhor forma desse *abigarramiento social*, pois as diferenças se exaltam mas, ao mesmo tempo, a estrutura social se reinventa como consequência de uma memória coletiva baseada no longo e curto horizonte da história, onde lutas indígenas, reivindicações simbólicas, como a elaboração teórica contra-hegemônica, têm sido fundamentais.

Assim, as tropas de dançarinos que exibem a elegância de suas vestimentas com tecidos importados da China ou luxuosas jóias de ouro que cobrem pedras preciosas, feitas por artesãos e ourives da rua Buenos Aires ou da rua Los Andes do Bairro Ch’ijini na Zona Gran Poder na cidade de La Paz, descrevem a continuidade de um circuito comercial estendido, que transcendeu o espaço e tempo.

Este circuito comercial, que se estrutura a partir de uma extensa rede de parentesco e laços sociais, expande-se e reafirma-se a cada batismo e casamento. O *Preste*⁴ se refere ao fato de que a amizade se transforma em uma relação social mais comprometida que se expressa no *compadrazgo*, forma específica de uma extensa estrutura social.

Isso significa, para os sociólogos Alfonso Hinojosa (2009) e Germán Guaygua (2003), um *habitus* baseado em matrizes culturais e dinâmicas populacionais, referindo-se ao “macrossistema econômico” que as sociedades andinas desenvolveram no período pré-incaico, chamado “controle vertical de um máximo de pisos ecológicos” (MURRA, 1975), que consistia na troca de produtos de diferentes ecossistemas entre diferentes etnias em um território extenso e que se estruturava verticalmente (HINOJOSA, 2009). Uma estrutura social que se legitima na base moral da reciprocidade, dos acordos verbais e da confiança, importante para manter o prestígio social, bem como obter possíveis benefícios econômicos.

Olhar o *Preste* sair da igreja com a Virgem nos braços para depois receber por horas o abraço e felicitações de centenas de pessoas, além de presentes como bonecos em forma de bichos de pelúcia, mistura na cabeça como uma serpentina ao redor do pescoço, tudo isso expressa o reconhecimento social pelo fato de organizar a festa, o que equivale a um importante esforço econômico.

A comunidade se estrutura a partir do rito. Na performance de dança, os passos e gestos dos dançarinos simbolizam o contrário dos mitos sem base histórica dos escravos negros que foram levados para trabalhar no espaço colonial andino, ou das versões estigmatizadas da escravidão moderna, em que todos/as bolivianos/as imigrantes chegaram para sofrer e para serem explorados pela indústria têxtil.

O ritual festivo expressa o contrário, representa a mobilidade social de milhares de migrantes vindos de diferentes províncias da Bolívia e, principalmente, da região altiplana do lago Titicaca, de pescadores e agricultores que, por falta de incentivos do Estado na reativação do mercado interno, tiveram que emigrar como seus tios, padrinhos, amigos, e iniciar a tão esperada prosperidade na trajetória migratória.

O primeiro passo, trabalhar em uma máquina de costura, na oficina de um tio, primo ou mesmo irmão no melhor dos casos, para, depois de um tempo, comprar suas próprias máquinas, deixar de ser operário para trabalhar por conta própria; e assim por diante, em uma cadeia sem fim que, com o passar das gerações, se traduz em uma forma de existência.

O bem-sucedido imigrante boliviano retornará à cidade de origem, passará alguns dias de férias, dançará em uma fraternidade ou, no melhor dos casos, demonstrará sucesso na jornada migratória, aceitando ser o *Preste*, e organizará a festa. Ele também recrutará novas pessoas que, inspiradas por ele, migrarão para o Brasil em busca de prosperidade. Dessa forma, será dada continuidade à grande cadeia migratória.

No entanto, enquanto a comunidade afetiva vai sendo ampliada e reafirmada por meio da festa, também vão sendo criadas hierarquias, reconhecimento pessoal, interesses individuais se justapõem e se formam grupos privilegiados que buscam ser interlocutores junto às autoridades brasileiras e bolivianas na busca de projeções políticas e econômicas.

Assim, uma quantidade cada vez maior de pessoas migrantes bolivianos/as tornou-se socialmente empoderada a partir da ampliação de uma estrutura social composta por lógicas comunitárias e de reciprocidade que têm a festa e o mercado como núcleos de uma *ensamblaje* (GAGO, 2014); uma estrutura social que se reproduz, cresce e legitima a partir da criação de uma institucionalidade baseada na criação de associações folclóricas, mas que aspiram a ser interlocutores perante as autoridades governamentais.

Nesse processo, surgiram grupos de pessoas que, com experiência, conhecimento, criaram suas próprias instituições e, com essa autonomia, deixaram de depender de ONGs, fundações e outras instâncias que, como interlocutoras, tornam-se tradutoras das necessidades dos subordinados perante o Estado, e que, graças à função ventriloqua e vínculos – baseados em prebendas com alguns interlocutores que ocupam posições-chave de poder em instituições públicas relacionadas à migração e direitos humanos –, tentam manter a dependência dos grupos subalternos migrantes.

NOTAS

¹ Este artigo é parte da minha pesquisa de (mestrado), intitulada *Lógicas Ch'ixi de la migración boliviana en São Paulo – Brasil*, realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Universidade de São Paulo, sob orientação da profa. Dra. Vivian Grace Fernández Dávila Urquidí. Ver mais em: (SCHWARTZBERG, 2018).

² Silvia Rivera Cusicanqui es una intelectual y militante boliviana vinculada al indígena. Fundadora del Taller de Historia Oral Andina (THOA) el año 1983, y autora de varios libros entre ellos: *“Oprimidos pero no vencidos”: Luchas del campesinado aymara y qhichwa de Bolivia, 1900-1980* (1984/2003), *Los Artesanos Libertarios y la Ética del Trabajo* (1988), *Principio Potosí Reverso* (2010), *Sociología de Imagen* (2015), *Un mundo ch'ixi es posible: ensayos desde un presente en crisis* (2018).

³ Entrevista realizada em 02 – 08 – 2016

⁴ O *Preste* é o responsável pela realização da grande festa que se realiza de forma devocional. Esse seria o seu significado já dentro da temática festiva e urbanizada. No entanto, sociologicamente, o *Preste* é uma instituição social baseada na reciprocidade e que decorre de lógicas comunitárias, que em aimará se chama *Ayni*, trabalho comunitário desde que seja retribuído posteriormente. É uma forma de organização comunitária baseada na ética e que possui uma estrutura de rodízio temporário. O *Preste* dentro da organização festiva é a figura principal, o organizador do festival, mas é também a forma como o *ayni* se reestrutura no festivo. O *Preste* está encarregado de administrar a festa e gastar dinheiro significativo, mas também fará isso em troca de outros *Prestes* anteriores que receberam alguma ajuda dele para realizar a festa. Ou seja, se alguém trouxer 40 caixas de cerveja para o festival de um ano x, a pessoa que recebeu essas 40 caixas será moralmente obrigada a devolver as 40 caixas e mais. Se o pagamento da dívida não for cumprido, recebe-se a reprovação social de sua fraternidade ou organização, ou seja, uma punição moral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas, reflexiones sobre el origen y la difusión del Nacionalismo**. México: FCE, 1983.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **Respuestas**. por una antropología reflexiva. México: Grijalbo, 1995.
- COLECTIVO SIMBIOSIS/ COLECTIVO SITUACIONES. **De chuequitas y overlockas**. Un discurso en torno a los taller textiles. Buenos Aires: Tinta Limón/ Retazos. 2011.
- ELIAS, N. Ensayo acerca de las relaciones entre establecidos y forasteros. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**. núm. 104, pp, 219-251. Madrid – España, 2003.
- FERRAROTTI, F. Las historias de vida como método. **Convergencia Revista de Ciencias Sociales**. México: UNAM, 2006
- FALS BORDA, O. **Una sociología sentipensante para América Latina**. Argentina: CLACSO, 2009.
- GAGO, V.. **La razón neoliberal: economías barrocas y pragmática popular**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2014.
- GARCÍA, C. N. **Culturas híbridas, estrategias para entrar y salir de la modernidad**. México: Grijalbo, 1989.
- GEERTZ, C. **La interpretación de las culturas**. Barcelona: Gedisa, 2003.
- GOFFMAN, E. **Estigma: la identidad deteriorada**. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.
- GUAYGUA, G. La fiesta del gran poder: el escenario de construcción de identidades urbanas en la ciudad de La Paz, Bolivia. **Temas Sociales** [online]. 2003, n.24, pp. 171-184. ISSN 0040-2915.
- HINOJOSA, A. **Migración transnacional y sus efectos en Bolivia**. La Paz: PIEB, 2009.
- HALBWACHS, M. **La memoria colectiva**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2004.
- MILLS, C. W.. **La imaginación sociológica**. Traducción de Florentino M. Torner. México: Fondo de Cultura Económica [1959]2009.
- MURRA, J. El control vertical de un máximo de pisos ecológicos en la economía de las sociedades andinas. In: _____. **Formaciones económicas y políticas del mundo andino**. Lima: IEP, 1975.
- POLLACK, M. Memoria, esquecimento, silencio. **Estudos Históricas**. Rio de Janeiro, v. 2, 1989. p. 3-15.
- PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**. v. 15 (1997): JUL./DEZ. ÉTICA E HISTÓRIA ORAL. São Paulo/PUC, 1997.

- RIVERA CUSICANQUI, S. **Un mundo ch'ixi es posible**. ensayos desde un presente en crisis. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.
- RIVERA CUSICANQUI, S. **“Oprimidos pero no vencidos”**: luchas del campesinado ayma y ohechwa, 1900 -1980. Ayaviri: Hisbol, 2003[1984]. Vol. 2 de Serie Movimientos sociales
- RIVERA CUSICANQUI, S. **Las fronteras de la coca . epistemologías coloniales y circuitos alternativos de la hoja de coca**: el caso de la frontera boliviano – argentina. La Paz: IDIS-Ayaviri. 2003.
- RIVERA CUSICANQUI, S. El mito de la pertenencia de Bolivia al mundo occidental. Réquiem para un nacionalismo. **Temas Sociales – Revista de Sociología**, Nº 24. “Medio siglo de la Revolución Nacional de 1952” IDIS. UMSA. La Paz, 2003.
- RIVERA CUSICANQUI, S. **Sociología de la imagen**: ensayos.-1ª ed.- Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.
- RIVERA CUSICANQUI, S. **Sociología de la imagen**. Miradas ch'ixi desde la historia Andina. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.
- RIVERA CUSICANQUI, S. **Memoria, mercado y colonialismo**. Ensayos desde un presente en crisis. 2017. No prelo.
- RIVERA CUSICANQUI, S.; LEHM, Z. **Los artesanos libertarios y la ética del trabajo**. La Paz: THOA, 1988.
- RIVERA CUSICANQUI, S. y EL COLECTIVO. **Principio potosí reverso**. 1ª edición. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 2010.
- SAYAD, A. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.
- SANJINÉS, J. **El espejismo del mestizaje**. La Paz: PIEB, IFEA y Embajada de Francia, 2005.
- SCHWARTZBERG, I. E. A. **Principio potosí reverso**. 1ª edición. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 2010.
- SCHWARTZBERG, I. E. A. **Lógicas Ch'ixi de la migración boliviana en São Paulo – Brasil**. Tese. (Mestrado em Estudos Culturais) Escola de Artes e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 114. 2017.
- SCOTT, J. **Los dominados y el arte de la resistencia**. México: Era, 2000.
- SILVA, S. **Costurando sonhos**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- TAPIA, L. **La producción del conocimiento local**. historia y política en la obra de René Zavaleta. La Paz – Bolivia: Muela del Diablo Editores CIDES-UMSA, 2002.
- ZAVALETA MERCADO, R. Lo nacional-popular en Bolivia. In: _____. **Obra Completa, Tomo II**, pp. 143-379. La Paz, Plural, [1984]2013.

RESUMO

Este texto apresenta as ideias principais de uma experiência *sentipensante*, como acadêmico e como ser humano que reflete sobre sua própria experiência como imigrante, uma experiência total entre o pensar e o sentir na qual não existe separação e, sim, momentos nos quais o olhar se torna mais focalizado e crítico sobre alguns aspectos, e o sujeito pesquisador faz parte do contexto que estuda. Em minha experiência como imigrante situa-se a razão da pesquisa que realizei no mestrado sobre as lógicas de existência que grupos de bolivianos e bolivianas reproduzem em São Paulo e que decidi repensar a partir do conceito não colonial do *Ch'ixi*, aforismo aimará que a socióloga e ativista boliviana Silvia Rivera Cusicanqui teorizou, proporcionando uma ferramenta conceitual que permite ter uma perspectiva crítica sobre a ideia de mestiçagem, de sincretismo, de hibridismo cultural, e pensar a realidade das pessoas que têm a identidade *ch'ixi*. Isto é, uma identidade manchada, justaposta, consequência do fato colonial, uma identidade que coexiste em dimensões de pensamento e tempos diferentes, reinventando o passado no presente, com novas características que se adaptam a contextos, territórios e espaços distintos.

Palavras-chave: Ch'ixi; bolivianos; festas devocionais.

ABSTRACT

This text presents the main ideas of a feeling-thinking experience, as an academic and as a human being who reflects on his own experience as an immigrant, a total experience between thinking and feeling in which there is no separation, but moments in which the gaze it becomes more focused and critical on some aspects, and the research subject is part of the context he studies. In my experience as an immigrant lies the reason for the research I carried out in the master's degree on the logics of existence that groups of Bolivians and Bolivians reproduce in São Paulo and that I decided to rethink from the non-colonial concept of *Ch'ixi*, an Aymara aphorism that Bolivian sociologist and activist Silvia Rivera Cusicanqui theorized, providing a conceptual tool that allows one to have a critical perspective on the idea of miscegenation, syncretism, cultural hybridism, and to think about the reality of people who have the *ch'ixi* identity. That is, a tarnished, juxtaposed identity, a consequence of the colonial fact, an identity that coexists in different dimensions of thought and times, reinventing the past in the present, with new characteristics that adapt to different contexts, territories and spaces.

Keywords: Ch'ixi; Bolivians; devotionals parties.

A pandemia da COVID-19 em territórios de frigoríficos no Brasil e dos EUA

*Allan Rodrigo de Campos Silva
Rida Mahmood*

1 INTRODUÇÃO

Frigoríficos e plantas de processamento de carnes se tornaram focos de infecção por Covid-19 durante a pandemia e se tornaram as primeiras indústrias a sofrer contágios em tão grande escala. Desde o início da pandemia, no primeiro semestre de 2020, foram relatados contágios pela doença em frigoríficos no Brasil, nos EUA, na Europa e na Ásia (MIDDLETON, 2020, BOMBARDI et al., 2021). Frigoríficos são locais onde os vírus são capazes de prosperar e se espalhar. Dentre os fatores considerados fundamentais para o contágio da Covid-19 em frigoríficos, destacam-se as temperaturas e umidades baixas e a presença de superfícies metálicas. O uso constante de água movimenta os detritos e outros materiais para processamento, tornando a área muito suscetível a altos níveis de contaminação. A isso se somam a ausência de ventilação adequada, a proximidade entre trabalhadores em turnos volumosos, o compartilhamento de áreas de alimentação e vestiário, a ausência de equipamentos de proteção individual apropriados e a ausência ou o descumprimento de protocolos de prevenção e controle de doenças infecciosas (DYAL et al., 2020).

Uma pesquisa de 2020, conduzida no interior da maior planta de processamento de carnes da Alemanha (GUENTHER et al., 2020), constatou que a convivência dentro de frigoríficos, por ao menos 3 dias, pode elevar o raio de transmissão do vírus para uma área superior a 8 metros. Essa condição específica tem levado epidemiologistas a se referirem aos frigoríficos como superespalhadores – *super-spreaders* – de doenças infecciosas.

As altas taxas de contágio dos frigoríficos, em alguns casos acima de 50% dos trabalhadores – estes, compostos majoritariamente por populações imigrantes em todo o mundo – estão ligadas também a problemas na ordem do “território da governança” (FERNANDES, 2005), ou seja, nas formas de gestão corporativa dos seus territórios, em diversos níveis da produção do espaço. Diversas pesquisas conduzidas no Brasil e nos EUA já apontam para o fato de que corporações de processamento de carnes exerceram práticas insalubres nos frigoríficos durante a pandemia da Covid-19. Em ambos os países, acumulam-se relatos, denúncias, processos e condenações na justiça

que descrevem as condutas insalubres das corporações controladoras dos frigoríficos (SILVA, 2020a; SILVA, 2020b; YEARBY, 2021).

Nos EUA, até o final de 2020, cerca de 67.000 trabalhadores de frigoríficos haviam sido contaminados pela Covid-19 (LEÓN & KEN, 2021), dos quais 11.000 nos frigoríficos operados pelas companhias JBS e Smithfield (TELFORD, 2020). Até setembro de 2020, duzentos trabalhadores de frigoríficos haviam sido mortos pela doença nos EUA (KINDY, 2020). No entanto, a pesquisa liderada pelo professor Taylor estima que, ao longo da primeira onda, entre março e junho de 2020, o contágio em frigoríficos nos EUA estaria associado a algo entre 236.000 e 310.000 casos da doença e entre 4.300 e 5.200 mortes no país (TAYLOR et al., 2020). Nos EUA, os trabalhadores de frigoríficos são, em geral, imigrantes latino-americanos. Especificamente no estado do Minnesota, aqui tomado como objeto de estudo, os trabalhadores são imigrantes da América Central como México, Honduras e Guatemala; africanos, com destaque para países do leste do continente como Somália e Eritreia, e asiático do sudeste, do Mianmar, Laos, Filipinas e Vietnã (CARRILLO & IPSEN, 2021; LUSSENHOP, 2020).

Já no Brasil, frigoríficos operados pela BRF e pela JBS concentram a maior parte dos espaços de contágio por Covid-19 no setor (MOTA, 2020). Seus funcionários são majoritariamente homens imigrantes, destacadamente venezuelanos, haitianos e senegaleses, assim como alguns homens e mulheres brasileiras. No caso do estado do Mato Grosso do Sul, aqui tomado como objeto de estudo, também são contratados dezenas de indígenas, principalmente dos povos Guarani e Kaiowá.

A cronologia do contágio, em ambos os países, sugere que os frigoríficos atuaram na espacialização subsequente da Covid-19 em seus territórios, atingindo comunidades de trabalhadores imigrantes, indígenas e municípios vizinhos. As características sanitárias específicas, o descumprimento ou ausência de normas sanitárias de prevenção e controle de Covid-19 e a definição da indústria de processamento de alimentos como atividade essencial pelo poder público, em reação à pressão do agronegócio, compõem alguns dos fatores para a produção de espaços de contágio de Covid-19 a partir dos territórios de frigoríficos.

Bombardi e seus colegas (BOMBARDI et al, 2020) já apontaram uma sobreposição entre casos de Covid-19 e a localização de frigoríficos suínícolas em Santa Catarina, em maio de 2020. Heck e seus colegas (HECK et al., 2020) mapearam o contágio por Covid-19, em junho de 2020, nos frigoríficos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande. Nesta época, cerca de 35% dos casos de Covid-19 no estado do Rio Grande do Sul eram de trabalhadores de frigoríficos. Granada e seus colegas descreveram o impacto da pandemia sobre trabalhadores imigrantes em frigoríficos nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com ênfase na análise das condições de moradia em alojamentos coletivos (GRANADA et al., 2021). Nos EUA, a proximidade com uma instalação frigorífica também está diretamente ligada a um aumento na

incidência e mortalidade por Covid-19 nas escalas local e regional (TAYLOR et al., 2020).

Representantes sindicais da indústria de processamento de alimentos no Paraná e em Santa Catarina relataram, em conversas telefônicas, terem percebido o prolongamento do contágio ao longo das redes de relações interconectadas pelos frigoríficos. Em poucas semanas após os relatos dos primeiros casos entre trabalhadores de frigoríficos, os familiares e vizinhos são atingidos. Logo, a doença se espalhou pelo comércio urbano local e alcançou as áreas rurais pelo contato entre produtores e caminhoneiros que transportam ração e animais vivos, ligando as fábricas aos produtores rurais. Em conversa telefônica, outra liderança sindical nos relatou diversos casos de frigoríficos que adotaram protocolos de tratamento preventivo, com ivermectina e cloroquina, para os seus trabalhadores no Paraná e em Santa Catarina. O geógrafo Cantarutti encontrou a mesma situação no frigorífico da GT Foods em Ponta Grossa, Paraná, assim como destaca o papel da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) para a disseminação de um entendimento falso sobre a segurança dos trabalhadores de frigoríficos durante a pandemia, na figura do seu representante técnico, que afirmou reiteradamente que “frigorífico é um local mais seguro que a cidade” (CANTARUTTI, 2020).

Uma vez estabelecida a transmissão comunitária nos frigoríficos, o contágio também pode ocorrer através de mercadorias contaminadas, como carnes e laticínios resfriados e ou congelados. Casos de contágio comunitário por Covid-19, iniciados pelo contato com produtos contaminados na chamada *cold chain* ou cadeia do frio – os circuitos logísticos de produtos refrigerados – foram descritos na China (WEILONG et al., 2021). À guisa de ilustração desta situação geral, em março de 2021, os municípios de Carambeí e Castro apresentavam as maiores taxas de incidência e mortalidade na Mesorregião Centro Oriental do Paraná, à frente da cidade média de Ponta Grossa (EICHELBBAUN, 2020). Ocorre que Carambeí e Castro abrigam diversas instalações da cadeia do frio: fábrica de laticínios da francesa Lactalis, antiga Batavo, frigoríficos da BRF e JBS, em Carambeí, e o frigorífico da Allegra Foods, em Castro¹.

A seguir, apresentamos elementos para compreender como a produção da pandemia impactou de forma particular as comunidades localizadas próximas a frigoríficos nos municípios da região de Grande Dourados, no Mato Grosso do Sul, Brasil, e de Cold Spring e Worthington, no estado de Minnesota, nos EUA. Para além da caracterização epidemiológica dos frigoríficos como *superespalhadores* de doenças entre os seus trabalhadores diretos a partir dos ambientes de trabalho, procuramos apresentar os frigoríficos como responsáveis pela produção de “espaços de contágio” ao longo das suas cadeias produtivas.

2 A PANDEMIA EM TERRITÓRIO DE FRIGORÍFICOS NO MATO GROSSO DO SUL

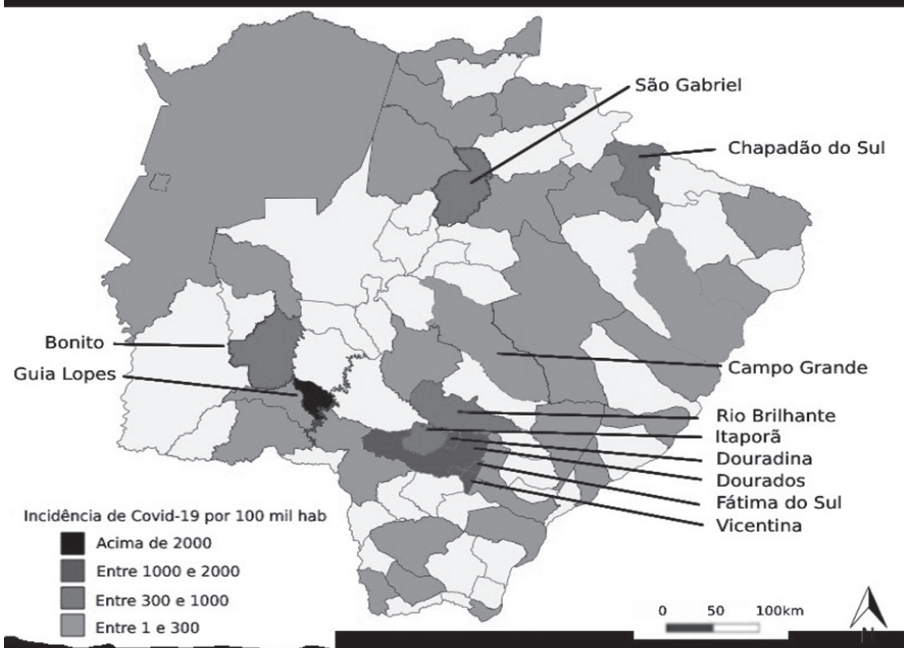
No município de Dourados, Mato Grosso do Sul, vivem aproximadamente 225 mil pessoas, cerca de um quarto da população da capital do estado, Campo Grande, onde vive, aproximadamente, 1 milhão de pessoas. No entanto, na primeira semana de junho de 2020, Dourados ultrapassou a capital no número absoluto de pessoas contaminadas pela Covid-19. Em números relativos, a taxa de incidência da doença em Dourados era 300% maior do que a taxa de Campo Grande (SES-MS, 2020). Na ocasião, seis dos dez municípios do estado com maior incidência da doença se localizavam na Grande Dourados – Douradina, Vicentina, Fátima do Sul, Itaporã e Rio Brilhante.

E o que explica essa discrepância? Dourados é sede de duas plantas frigoríficas, controladas pelas corporações BRF e JBS. Estes frigoríficos surgiram em meio ao processo de reestruturação produtiva causado pela crise dos regimes de acumulação fordista nos anos 1980 (MIZUSAKI, 2007). A unidade da JBS, operada pela sua marca subsidiária Seara, foi incorporada à companhia nos anos 1990 e conta com cerca de 4.200 funcionários, dos quais 400 são imigrantes venezuelanos e 200 são imigrantes haitianos. A unidade da BRF, inaugurada em 2008, emprega cerca de 1.500 trabalhadores. Esta última é uma das unidades voltadas para exportação de carnes de aves para mercados muçulmanos no Oriente Médio e África, por meio da chamada certificação *halal* (SILVA, 2013). Em ambas as plantas, indígenas Guarani e Kaiowá também podem ser encontrados, trabalhando principalmente nas linhas de cortes de carnes, na limpeza e manutenção.

O primeiro epicentro de contágio no Mato Grosso do Sul foi a capital, Campo Grande. Mas logo a região de Dourados assumiu o protagonismo do contágio no estado. Na primeira quinzena de junho de 2020, o contágio por Covid-19 já havia contaminado 1.075 funcionários, em ambos os frigoríficos de Dourados. Naquele momento, os seus trabalhadores compunham mais de 70% dos casos do município (SES-MS). Destes, cerca de 20% eram imigrantes venezuelanos e haitianos (SILVA & FOLLE, 2021). A partir deste contágio, logo os municípios vizinhos, onde esses trabalhadores residem, foram impactados: Itaporã, Douradina, Fátima do Sul, Vicentina, Deodápolis e Rio Brilhante. Assim, ao final de junho de 2020, os casos de Covid-19 entre trabalhadores de ambos os frigoríficos representavam cerca de 65% dos casos na microrregião de Dourados (JAIRA, 2020).

Poucos dias após o primeiro caso no frigorífico da JBS, os casos na região cresceram de forma inédita. O mapa a seguir mostra a incidência total de casos de Covid-19 por 100.000 habitantes no estado do Mato Grosso do Sul, no dia 24 de junho de 2020. A região de Dourados se destaca como epicentro da incidência de Covid-19 no estado, logo atrás do município de Guia Lopes da Laguna, mas ainda à frente de todos os outros municípios em números absolutos.

Incidência de Covid-19 por 100.000 habitantes Mato Grosso do Sul - 24 de junho de 2020



Elaboração: Allan de Campos Silva **Fonte:** SES-MS, 2020.

Em junho de 2020, o município de Guia Lopes da Laguna estava na primeira posição no índice de incidência relativa da Covid-19 no estado, com uma taxa 10 vezes superior à média nacional. A cidade de 10 mil habitantes se tornou o epicentro da doença no estado após um contágio em massa tomar curso no frigorífico de Laguna (Brasil Global). Naquele momento, 90% dos casos de Covid-19 no município eram de trabalhadores do frigorífico. Entre maio e junho de 2020, outros frigoríficos foram interditados no estado do Mato Grosso do Sul após os trabalhadores serem contaminados nos municípios de Bonito (Fribon) e Rochedo (Naturafri). Os contágios em massa também atingiram os frigoríficos localizados em São Gabriel do Oeste (Boibras) e Juti (Frizelo).

O impacto da produção do espaço de contágio por Covid-19 pelos frigoríficos é nítido, mas de difícil mensuração. Mas é certo que a somatória destas dinâmicas de espacialização da doença – local, mesorregional e estadual – foi determinante para o curso da pandemia no Mato Grosso do Sul. Dinâmicas muito semelhantes podem ser observadas – e analisadas uma a uma – nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com um caso paradigmático em São Miguel do Guaporé no estado de Rondônia (GUIMARÃES, 2020).

Os imigrantes haitianos marcam presença na cidade de Dourados ao menos desde 2013, contratados para desempenhar o trabalho de sangria nos frigoríficos

(JESUS, 2020). De acordo com dados do ACNUR, de julho de 2020, Dourados figurou no topo da lista das cidades que mais receberam imigrantes venezuelanos através do Programa de Interiorização, totalizando 2.160 pessoas (DEMÉTRIO, 2020). As atuais migrações venezuelanas para o Brasil, parte de um cenário de deterioração das condições de vida e da escalada autoritária na Venezuela, são, não obstante, expressões de um cenário de colapso do capitalismo contemporâneo. Desde a Operação Acolhida em Roraima, a experiência de ser migrante venezuelano no Brasil atravessa situações de sobrevida e morte (LEITE & CASTRO, 2021).

E, em que pese a crise fundamental do capitalismo global², a exportação de industrializados no Mato Grosso do Sul seguiu batendo recordes, puxada pela exportação de carnes de frango e porcos justamente dos frigoríficos de Dourados. O reencontro dos trabalhadores imigrantes, deslocados em meio às dificuldades de reprodução social, com o capitalismo de crise, em meio à pandemia da Covid-19, trouxe rebatimentos muito particulares às comunidades de imigrantes venezuelanos, haitianos e de indígenas Guarani e Kaiowá em toda a chamada Grande Dourados.

Em conversa telefônica, uma liderança comunitária venezuelana de Dourados relatou algumas repercussões da pandemia sobre a população imigrante da cidade, com especial incidência sobre as mulheres venezuelanas, muitas das quais foram impossibilitadas de manter seus empregos quando as creches são fechadas. A comunidade como um todo passou a recorrer a expedientes assistenciais, tanto do Estado quanto das igrejas, e as separações entre os casais cresceram de forma inédita.

As plantas frigoríficas da JBS e BRF, em Dourados, também estão associadas à espacialização da Covid-19 para territórios indígenas na região (FOSCACHES & KLEIN, 2020). De acordo com o Conselho Missionário Indigenista (CIMI, 2020) e investigação jornalística, conduzida pela Agência Pública (OLIVEIRA, 2020), o primeiro caso de Covid-19 entre indígenas no Mato Grosso do Sul foi registrado em maio de 2020: uma mulher indígena, trabalhadora do frigorífico da JBS de Dourados, habitante de uma aldeia de retomada de Lagoa Rica, no município de Douradina, a cerca de 40 quilômetros de Dourados. Nesta aldeia vivem outros 30 indígenas trabalhadores de frigoríficos.

Em conversa por telefone, o estudante de Geografia³, G., indígena Kaiowá que vive em uma aldeia na região, relata que a Covid-19 chegou à aldeia logo após os primeiros casos na planta da JBS, em Dourados. Germano tem alguns parentes que trabalharam durante a pandemia neste mesmo frigorífico, onde contraiu a doença e pela qual ficou afastado por 15 dias até que se recuperasse, ainda no primeiro semestre de 2020. De acordo com G., que sempre ouve os relatos dos parentes sobre o trabalho no frigorífico da JBS, ali a ocorrência de resfriados é uma constante. Quando a pandemia finalmente atingiu o município de Dourados, os sempre comuns casos de resfriados entre trabalhadores – os ambientes dos frigoríficos contribuem para o contágio de doenças infecciosas o ano inteiro – acabaram se revelando casos de Covid-19.

A JBS fornece transporte para trabalhadores dos seus frigoríficos. No caso da planta de Dourados, os indígenas tomam um ônibus que conecta aldeias aos frigoríficos nos horários que antecedem os turnos às 3 e às 11 horas da manhã. Ainda de acordo com o relato de G., na planta da JBS, o trabalho pesado, sujo e intoxicante é executado, em sua maior parte, por imigrantes venezuelanos e haitianos, acompanhados de algumas poucas mulheres brasileiras. Na seção de lavagem de painéis industriais, a principal crítica é em relação aos produtos de limpeza utilizados, responsáveis por provocar falta de ar nos trabalhadores. Os acidentes e machucados graves nas pernas e braços são outra constante. Afastados por 10 ou 15 dias, os trabalhadores desfalcam as equipes e se veem obrigados a correr atrás de incrementos no ritmo de trabalho, definidos pela gerência, e que são responsáveis por mais acidentes e afastamentos⁴.

As demandas de exportação do mercado global de carnes foram aumentadas significativamente desde 2019, com a eclosão da Peste Suína Africana – outra enfermidade no rol do modo capitalista de produção de doenças – e pela própria pandemia da Covid-19 (EMBRAPA, 2020). O regime de trabalho dos frigoríficos, reconhecidamente ligado à produção do adoecimento dos seus trabalhadores, com a chegada da pandemia, passou a se conectar à produção da morte dos seus trabalhadores e à espacialização da Covid-19 em seus territórios.

A Covid-19 já causou a morte de três indígenas habitantes da Reserva Indígena de Dourados, onde vivem outros 15.000 indígenas Guarani e Kaiowá. A primeira morte registrada na Reserva foi justamente a de uma mulher trabalhadora do frigorífico da JBS. Em que pese o trabalho de bloqueio sanitário auto-organizado pelos indígenas, muitos acabam sujeitos ao trabalho nos frigoríficos (FOSCACHES & KLEIN, 2020). Em 2020, ao menos trinta indígenas da Reserva trabalhavam no frigorífico da JBS (OLIVEIRA, 2020). As lideranças indígenas vêm criticando a JBS e o Estado pela falta de preparo no combate à pandemia: as testagens só começaram a ser realizadas na planta quando a transmissão comunitária já estava estabelecida.

3 A PANDEMIA EM TERRITÓRIOS DE FRIGORÍFICOS NO MINNESOTA, ESTADOS UNIDOS

Os frigoríficos nos Estados Unidos dependem fortemente do emprego de imigrantes e trabalhadores de uma classe socioeconômica mais baixa. Os trabalhadores nessas posições geralmente são mal pagos e temem ser penalizados por revelar sintomas e ficar em casa sem remuneração. De acordo com relato colhido de uma liderança comunitária de Worthington, Minnesota, muitos trabalhadores sofreram cortes salariais, redução de horas e impactos negativos na saúde. Alguns desses trabalhadores vivem em habitações superlotadas e muitos vivem em casas de famílias intergeracionais. Isso dificulta o distanciamento social adequado e aumenta as chances de idosos adoecerem na comunidade. A pandemia trouxe à luz muitas das desigualdades

que os imigrantes enfrentam na sociedade norte-americana, especialmente quando se trata de saúde, revelando que melhorias são necessárias nessas indústrias. Muitos trabalhadores dessas instalações são indocumentados, portanto, as repressões por protestos e licenças médicas seriam mais severas, pois têm menos direitos legais no país.

Em 2021, muitas empresas entraram nos holofotes à medida que as informações sobre a falta de proteção aos trabalhadores se tornaram públicas. Ausência de equipamentos de proteção individual e, muitas vezes, nunca substituídos, de acordo com trabalhadores de um frigorífico da JBS, em Minnesota. Diversos trabalhadores desta fábrica fizeram protestos e paralisações devido a preocupações com a saúde e os salários. Mais tarde no ano, ainda em 2021, quando as empresas começaram a ser repreendidas por organizações como a Organização de Saúde e Segurança Ocupacional (OSHA), elas foram instadas a mudar suas práticas. Isso incluiu a instalação de barreiras físicas entre os trabalhadores, a redução da velocidade do processamento dos animais, a realização de exames de saúde e o pagamento de benefícios para trabalhadores doentes.

As plantas operadas pela JBS nos EUA, por meio de sua subsidiária Pilgrim's Pride, estão ligadas a contágios de Covid-19 nos estados de Colorado, Pensilvânia, Michigan, Nebraska, Texas, Wisconsin, Iowa, Virgínia, Virgínia Ocidental, Utah, Tennessee e Minnesota. A JBS tem sido acusada nos EUA de promover uma cultura do *"work while sick"*, ou seja, incentiva os funcionários a trabalhar, mesmo que doentes (NAVARRO, 2020). Tanto a JBS quanto o Gabinete de Segurança e Saúde Ocupacional dos Estados Unidos (OSHA) não fornecem informações específicas sobre o número total de contaminados e mortos nas plantas da companhia.

As unidades no estado de Minnesota são operadas pela JBS e se localizam nos municípios de Worthington e Cold Spring. O contágio na planta de Cold Spring foi notificado na primeira semana de maio de 2020 e atingiu inicialmente 84 trabalhadores. Menos de uma semana depois, 194 funcionários já haviam sido contaminados (WALSH, 2020). No dia 28 de abril de 2020, o então presidente Trump promulgou um decreto, permitindo o funcionamento dos frigoríficos durante a pandemia, apenas uma semana antes da notificação do contágio na planta de Cold Spring (YEARBY, 2021). Funcionários do frigorífico de Cold Spring relataram que a empresa não seguia os padrões de distanciamento social e encorajava os funcionários a trabalhar, mesmo que doentes (MCCAUSLAND, 2020).

Cerca de 80% dos funcionários da planta de Cold Spring são imigrantes da Somália, que, a partir dos anos 1990, constituíram no estado do Minnesota a mais importante comunidade somali nos Estados Unidos. A comunidade somali de trabalhadores da planta de Cold Spring organizou protestos, exigindo o fechamento da unidade por duas semanas para desinfecção e adoção de melhores protocolos de prevenção e controle no frigorífico (NWOYE, 2020). Não obstante, o contágio na planta de Cold Spring logo foi associado à espacialização

da doença sobre a cidade vizinha de St. Cloud (MCCAUSLAND, 2020), localizada no condado de Stearns, vizinho à região metropolitana de St. Paul e Minneapolis. Este fato pode indicar o papel ativo do contágio no território do frigorífico, na espacialização da doença no estado, a ser analisado e mapeado por esta pesquisa.

Por sua vez, o contágio no frigorífico operado pela JBS na cidade de Worthington, Minnesota, cuja população é de cerca de 13.000 habitantes, foi notificado na primeira quinzena de abril de 2020. Este fato levou ao fechamento do frigorífico no dia 20 de abril. A planta, que emprega cerca de 2.000 pessoas, testou positivo para Covid-19 em 239 dos seus funcionários (HALS & POLANSEK, 2020). Ao contrário do frigorífico de Cold Spring, os funcionários de Worthington têm históricos de imigração bastante heterogêneos. São imigrantes latino-americanos, africanos e asiáticos de nacionalidades muito diversas: México, Guatemala, Mianmar e Eritréia. Este fato teria dificultado a adesão a protestos e à reivindicação coletiva por maior proteção, durante a pandemia. No entanto, a presença de uma organização comunitária teria sido fundamental para sensibilizar os trabalhadores na busca de maior proteção sanitária (BELZ, 2020).

O frigorífico de Worthington está entre outras 153 unidades associadas a condados com altas taxas de contaminação por Covid-19 nos EUA (BAGENSTOSE, 2020). Em abril de 2020, o condado de Nobles, dentro de Worthington, apresentava a maior taxa de contaminação do estado de Minnesota e já registrava ao menos uma morte de funcionário da JBS (LOPEZ, 2020). De acordo com entrevista realizada em julho de 2021 com uma liderança comunitária de Worthington, a espacialização da Covid-19 neste frigorífico estaria ligada também ao aumento de turnos extras de trabalho como resposta à pressão sofrida pela JBS diante do fechamento de uma outra planta, operada pela JBS em Marshalltown, no estado vizinho de Iowa, na primeira quinzena de abril de 2020. O contágio no frigorífico de Worthington estaria relacionado também à espacialização da Covid-19 sobre a cidade média de Sioux Falls, a 100 km de Worthington, no estado vizinho de Dakota do Sul.

Prevenir situações como esta, no futuro, é imperativo. É muito importante reconhecer o contágio precocemente, criando parcerias com as organizações de saúde e segurança. As grandes corporações deveriam se responsabilizar pela saúde dos seus trabalhadores e das comunidades vizinhas. À medida que novas ondas e variantes continuam a atormentar o mundo, os trabalhadores dessas fábricas permanecerão na linha de frente como focos principais de propagação de doenças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do ano de 2020, em todo o mundo foram desenvolvidos protocolos sanitários de prevenção e controle específicos para a Covid-19. No entanto, a ausência ou o descumprimento desses protocolos nos ambientes de frigoríficos contribuíram para a sua atuação enquanto espaços privilegiados na espacialização da doença em seus territórios. As corporações, por sua vez, moveram ações judiciais para garantir o seu funcionamento antes e durante a implementação de protocolos de prevenção e controle para a Covid-19, nem

sempre cumpridos mesmo após a sua aprovação. No Brasil, os frigoríficos permaneceram em funcionamento mediante decisão do Tribunal Regional do Trabalho, em 22 de março de 2020, amparada no decreto presidencial 10.282, de 20 março de 2020 (PRESIDÊNCIA DO BRASIL, 2020a), que os definiu como atividade essencial durante a pandemia. A medida provisória 927, de 22 março de 2020, dispôs sobre as medidas trabalhistas para o enfrentamento da pandemia, sem contudo fazer qualquer menção a protocolos sanitários.

A portaria que determinou as medidas a serem observadas, visando à prevenção, controle e mitigação dos riscos de transmissão da Covid-19 em frigoríficos, foi publicada somente em 19 junho de 2020 (PRESIDÊNCIA DO BRASIL, 2020b). É nesse espaço de tempo, entre o início de maio e meados de junho de 2020, que o contágio em frigoríficos brasileiros toma o seu curso e inicia a sua espacialização. De acordo com a Confederação Brasileira Democrática dos Trabalhadores na Indústria da Alimentação (CONTAC), mesmo após a aprovação dessa legislação sanitária específica, o contágio nos frigoríficos não diminuiu. Em agosto de 2020, aproximadamente 200.000 pessoas – cerca de 25% da força de trabalho dos frigoríficos no Brasil – já haviam contraído a Covid-19 (CONTAC-CUT, 2020).

As disputas sobre o corpo e a vida dos trabalhadores de frigoríficos também ocorreram no campo jurídico. Em diversas ocasiões, decisões judiciais em Tribunais Regionais do Trabalho, ora recusaram, ora acataram o entendimento de que haveria um nexo causal entre o trabalho nos frigoríficos e o contágio pela Covid-19. Em uma ação exemplar, promovida pelo Ministério Público do Trabalho, a JBS contornou a implementação de medidas de prevenção à Covid-19, tais como a testagem em massa, o distanciamento social na linha de produção e a troca diária das máscaras PFF2 ao mesmo tempo em que evitou a inserção do risco biológico da Covid-19 no Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional (PCMSO) e no Programa de Prevenção de Riscos Ambientais (PPRA). Também foi interrompida a possibilidade de emissão de ‘comunicação de acidente de trabalho’ para o caso de infecção por Covid-19 (CONJUR, 2022). A negação do nexo causal entre o trabalho nos frigoríficos e a espacialização da Covid-19, em que pesem as amplas evidências do contrário (MAENO, 2021), é mais uma camada da governança corporativa do território (SANTOS, 2012; FERNANDES, 2005).

Nos Estados Unidos, em abril de 2020, o governo federal também garantiu o funcionamento dos frigoríficos em meio ao contágio acelerado de Covid-19, nas maiores plantas de processamento do país (TELFORD et al., 2020). Os frigoríficos foram definidos pelo então presidente Donald Trump como “infra-estrutura crítica no suprimento alimentar do país”, por meio de decreto que evocava a lei federal de 1950, editada em meio à Guerra da Coreia, o Defense Production Act (VOYTKO, 2020). Na ocasião, Mike Davis (2020) criticou o governo federal norte-americano por não utilizar o mesmo expediente para acelerar a produção de equipamentos de proteção individual, equipamentos estes que as mesmas companhias falharam em fornecer aos seus trabalhadores, em que pese o contágio em suas instalações.

A situação dos frigoríficos em meio à pandemia da Covid-19 também tem sido objeto de reflexão crítica por pesquisadores nos Estados Unidos. Ian Carrillo e Annabel Ipsen (CARRILLO & IPSEN, 2020) entendem que a transformação dos frigoríficos em epicentros de Covid-19 remete à necessidade de enfrentar as precariedades estruturais do agronegócio, que reiteradamente transformam os locais de trabalho em zonas de sacrifício de trabalhadores. Ivy Ken e Kenneth León (LEÓN & KEN, 2020) argumentam que a crise sanitária nos frigoríficos dos EUA é consequência da consolidação de um regime de governança corporativa, orientado por uma política de morte, que consiste em coagir trabalhadores, em maior parte não brancos, a arriscarem suas vidas para manter as esteiras da indústria em funcionamento.

Posicionar frigoríficos no centro da espacialização da doença em seus territórios contrasta com a imagem corporativa da pecuária industrial como um campo sanitariamente seguro e higiênico. Esse reposicionamento acarreta consequências para interpretação das contradições inerentes às identidades do agronegócio no território imaterial. O agronegócio se apresenta a partir das ideias de “segurança sanitária” e “biossegurança”, mas se reproduz por meio da produção de espaços de adoecimento e morte. Em que pesem seus fortes investimentos em tecnologias de biossegurança, os frigoríficos são epicentros na espacialização global da Covid-19.

NOTAS

¹ O frigorífico de Castro já havia entrado no noticiário epidemiológico em 2015 por fazer emergir uma nova cepa do vírus da influenza H1N2, de potencial pandêmico, identificada pela Fiocruz. Em 2020, a secretaria de saúde do Paraná identificou um novo caso da H1N2 em uma trabalhadora de frigorífico de Iporã, na Mesorregião Norte Central do estado. Cf. <<https://www.saude.pr.gov.br/Noticia/Parana-detecta-uma-cepa-do-virus-H1N2>>.

² “O setor com mais admissões de imigrantes em 2020 é o de frigoríficos que atuam com abate de suínos, atividade que admitiu 57% mais e demitiu 5,7% menos imigrantes no primeiro semestre de 2020 em comparação com 2019. Comportamento semelhante foi observado nos setores de abate de aves e nos supermercados, este último em decorrência da troca da alimentação fora de casa pelo consumo em casa. Especificamente para os imigrantes com carteira assinada nesses setores, especialmente no final da cadeia produtiva do agronegócio (frigorífico – abates de suínos, abates de aves), os dados não parecem ser de um ano de crise sistêmica” (CAVALCANTI & OLIVEIRA, 2020).

³ G. é estudante do curso de Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Junto à UFGD, encontra-se também a FAIND (Faculdade Intercultural Indígena), fruto da mobilização do Guarani Kaiowá na luta por autonomia educacional. Neste momento, o financiamento federal da FAIND encontra-se ameaçado. Para saber mais consultar: <https://secure.avaaz.org/community_petitions/en/sindicato_dos_trabalhadores_em_educacao_nas_instit_nenhum_curso_a_menos_na_ufgd/>.

⁴ Cf. <<https://www.eldonews.com.br/jbs-divulga-nota-sobre-morte-de-trabalhador-em-frigorifico-de-nova-andradina>>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELZ, A. 19 cases of COVID-19 confirmed at pork plant in Worthington. **Star Tribune**, April 17, 2020. Disponível em: <<https://www.startribune.com/first-covid-19-case-confirmed-at-pork-plant-in-worthington-minn/569731152/>> Acesso em 31 maio 2022.
- BAGENSTOSE, K. Coronavirus at meatpacking plants worse than first thought, USA TODAY investigation finds. **USA Today News**. 22 apr 2020. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/in-depth/news/investigations/2020/04/22/meat-packing-plants-Covid-may-force-choice-worker-health-food/2995232001/>>. Acesso em 31 maio 2022.
- BOMBARDI et al. Sars-CoV-2, suinocultura intensiva e a agricultura industrializada. **Le Monde Diplomatique Brasil Online**. 26 mai 2020. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/sars-cov-2-suinocultura-intensiva-e-a-agricultura-industrializada>> Acesso em 31 maio 2022.
- BOMBARDI et al. Correspondência espacial entre a suinocultura intensiva e a incidência de COVID-19 nos EUA, Brasil e Alemanha. **Confin [Online]**, 52 | 2021, Acesso em 31 maio de 2022. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/confin/40597>>.
- CARRILLO, I. & IPSEN A. Worksites as Sacrifice Zones: Structural Precarity and Covid-19 in U.S. Meatpacking. **Sociological Perspectives** 1 2021. <https://doi.org/10.1177/07311214211012025>
- CAVALCANTI, L. & OLIVEIRA, W. Os efeitos da pandemia de COVID-19 sobre a imigração e o refúgio no Brasil: uma primeira aproximação a partir dos registros administrativos. **Périplos**, Revista de Pesquisa sobre Migrações. Volume 4 - Número 2, pp. 11-35, 2020.
- CIMI. **Nota do Cimi Regional Mato Grosso do Sul sobre a pandemia de Covid-19 entre os Kaiowá e Guarani**. Disponível em: <<https://cimi.org.br/2020/05/nota-do-cimi-ms-sobre-pandemia-Covid-19-entre-kaiowa-guarani/>>. Acesso em 31 maio 2022.
- CONJUR. **TRT-9 suspende decisões que instituíram medidas sanitárias em frigoríficos**. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2022-abr-05/trt-suspende-decisoes-medidas-sanitarias-frigorificos>>. Acesso em 31 de maio de 2022.
- CONTAC-CUT. **Covid-19: 30% dos casos confirmados no RS são de trabalhadores de frigoríficos**. 2 junho de 2020. Disponível em: <<https://www.cut.org.br/noticias/Covid-19-30-dos-casos-confirmados-no-rs-sao-de-trabalhadores-de-frigorificos-11f4>>. Acesso em 31 maio 2022.
- DEMÉTRIO, N. B. Imigrantes internacionais na região Centro-Oeste e a pandemia de Covid-19. In: FERNANDES, D.; BAENINGER, R. (Coords.); CASTRO, M. da C. G. de.; BALIEIRO, H. G.; ROCHA, J.; BORGES, F.; MAGALHÃES, L. F.; DEMÉTRIO, N.; DOMENICONI, J. (Organizadores). **Impactos da pandemia de Covid-19 nas migrações internacionais no Brasil – Resultados de Pesquisa**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – NEPO/UNICAMP, 2020.
- DAVIS, M. **A peste do capitalismo: coronavírus e a luta de classes**. Boitempo, São Paulo, 2020.
- DYAL, J.W. et al. Covid-19 among workers in meat and poultry processing facilities—19 states, April 2020. **MMWR Morb Mortal Wkly Rep**. 2020; 69: 557–61. <https://doi.org/10.15585/mmwr.mm6918e3> PMID: 32379731

- EMBRAPA. **Coronavírus e Peste Suína Africana aumentam demanda internacional por carne suína brasileira**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/52240968/coronavirus-e-peste-suina-africana-aumentam-demanda-internacional-por-carne-suina-brasileira>>. Acesso em 31 de maio de 2022.
- ENCHEILBAUN, M. **Carambeí lidera ranking de mortes e casos de covid-19**. DCMais. Disponível em: <<https://dcmiais.com.br/parana/carambei-lidera-ranking-de-mortes-e-casos/>>. Acesso em 31 de maio de 2022.
- FERNANDES, B. M. Movimentos sócioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista NERA**, ano 8, n. 6. 2005.
- FERNANDES, B. M. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 197-215. (Geografia em Movimento).
- FOSCACHES, N. KLEIN, T. Dos frigoríficos às plantações de cana: como o agronegócio expôs indígenas à covid-19. **Repórter Brasil**. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/2020/06/dos-frigorificos-as-plantacoes-de-cana-como-o-agronegocio-expos-indigenas-a-covid-19/>>.
- GRANADA et al. Saúde e migrações: a pandemia de Covid-19 e os trabalhadores imigrantes nos frigoríficos do Sul do Brasil. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 207-226, jan./abr. 2021.
- GUENTHER, T. et al. Investigation of a superspreading event preceding the largest meat processing plant-related SARS-Coronavirus 2 outbreak in Germany. **EMBO Mol Med**. 2020 Dec 7; 12(12): e13296.
- GUIMARÃES, L. Justiça do Trabalho determina testagem em funcionários na unidade da JBS em São Miguel do Guaporé. **Notícias Agrícolas**. 2 junho 2020. Disponível em: <<https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/carnes/260646-Covid-19-justica-do-trabalho-determina-testagem-em-funcionarios-na-unidade-da-jbs-em-sao-miguel-do-guapore.html#.YPcpg3VKhIA>>. Acesso em 31 de maio de 2022.
- HALS, T. & POLANSEK, T. Majority of workers' compensation claims of meatpacking workers with Covid-19 denied, including in Minnesota. **Star Tribune**. Set 29 2020. Disponível em: <<https://www.startribune.com/majority-of-workers-compensation-claims-of-meatpacking-workers-with-Covid-19-denied-in-minnesota/572579272/>>. Acesso em 31 maio 2022.
- HECK, F. M. et al. Os territórios da degradação do trabalho na Região Sul e o arranjo organizado a partir da Covid-19: A centralidade dos frigoríficos na difusão espacial da doença. In: **Metodologias E Aprendizado**, 3, 54 - 68. 2020. <https://doi.org/10.21166/metapre.v3i0.1332>.
- JAIRA, T. Dourados ultrapassa Capital em casos e se torna epicentro da Covid-19 em MS. **Campo Grande News**. 2 junho 2020. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/brasil/cidades/dourados-ultrapassa-capital-em-casos-e-se-torna-epicentro-da-Covid-19-em-ms>>. Acesso em 31 maio 2022.

- JESUS, A. D. **Redes da migração haitiana no Mato Grosso do Sul**. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.
- KINDY, K. More than 200 meat plant workers in the U.S. have died of Covid-19. Federal regulators just issued two modest fines. **The Washington Post**. 13 Set 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/national/osha-Covid-meat-plant-fines/2020/09/13/1dca3e14-f395-11ea-bc45-e5d48ab44b9f_story.html>. Acesso em 31 maio 2022.
- KEN, I. & LEÓN, K. Necropolitical Governance and State-Corporate Harms: Covid-19 and the U.S. Pork Packing Industry. **Journal of White Collar and Corporate Crime**, 2021. <https://doi.org/10.1177/2631309X211011037>
- LEITE, A. & CASTRO, M. Migrações venezuelanas, crise da reprodução social capitalista e necropolíticas de fronteira. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHC** Vol.13 Nº26, Janeiro-Junho de 2021.
- LUSSENHOP, J. A remota processadora de carne nos EUA que se tornou o maior foco de Covid-19 no país. In: **BBC Brasil**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52352657>>. Acesso em 31 maio 2022.
- LOPEZ, R. More than 2,200 U.S. meat packing employees sick, 17 dead in Covid-19 outbreaks, report says. **Minnesota Reformer**. Apr 22 2020 Disponível em: <<https://minnesotareformer.com/briefs/more-than-2200-u-s-meat-packing-employees-sick-17-dead-in-Covid-19-outbreaks-report-says/>>. Acesso em 31 maio 2022.
- MAENO, M. COVID-19 como uma doença relacionada ao trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, vol. 46, e54, 2021.
- MCCAUSLAND, P. Coronavirus hot spot in Minnesota connected to surge of cases at meatpacking plant. **NBC News**. May 14 2020. Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/news/us-news/coronavirus-hot-spot-minnesota-connected-surge-cases-meatpacking-plant-n1206176>>. Acesso em 31 maio 2022.
- MIDDLETON, J. Meat plants-a new front line in the Covid-19 pandemic. **BMJ**. 2020 Jul doi: 10.1136/bmj.m2716.
- MIZUSAKI, M. Y. **A territorialização da avicultura em Mato Grosso do Sul: o caso COOAGRI**. Presidente Prudente/SP: FCT/UNESP, 1996. Dissertação (mestrado em Geografia), UNESP.
- MOTA, C. Coronavírus: o avanço silencioso da Covid-19 em frigoríficos do Brasil. **BBC Brasil**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52643096>>. Acesso em 31 maio 2022.
- NASCIMENTO E. et al. Espacialização da Covid-19 no sul do Brasil. **Finisterra**, LV(115), 2020, pp. 27-35.
- NAVARRO, N. Weld County Warned JBS About Its ‘Work While Sick’ Culture A Week Before Shutting Them Down. **CPR News**. Disponível em: <<https://www.cpr.org/2020/04/17/weld-county-warned-jbs-about-its-work-while-sick-culture-a-week-before-shutting-them-down/>>. Acesso em 31 maio 2022.

- NWOYE, C. How a Somali community took on a Minnesota meatpacking plant to contain a Covid-19 outbreak. **Quartz Africa**. Jun 20 2020. Disponível em: <<https://qz.com/africa/1871345/somalis-took-on-a-minnesota-meatpacking-plant-to-stop-Covid-19/>>. Acesso em 31 maio 2022.
- OLIVEIRA, A. **A internacionalização das empresas brasileiras**: o BNDES e o incentivo aos grupos JBS e MARFRIG. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2015.
- OLIVEIRA, R. Contaminação de indígenas em Dourados partiu de frigorífico da JBS. **Agência Pública**. 10 junho 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/06/contaminacao-de-indigenas-em-dourados-partiu-de-frigorifico-da-jbs/>>. Acesso em 31 maio 2022.
- PINA, R. Como frigoríficos propagaram o coronavírus em pequenas cidades do país. **Agência Pública**. 23 junho 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/06/como-frigorificos-propagaram-o-coronavirus-em-pequenas-cidades-do-pais/>>. Acesso em 31 maio 2022.
- PRESIDÊNCIA da República do Brasil. **Decreto Nº 10.282, De 20 de Março de 2020**. Secretaria-Geral / Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 2020a.
- PRESIDÊNCIA da República do Brasil. **Portaria conjunta 19**. Ministério da Economia/ Secretaria Especial de Previdência e Trabalho: Brasília, 2020b.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2012.
- SILVA, A. R. C. **Imigrantes afro-islâmicos na indústria avícola halal brasileira**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- SILVA, A. R. C. O trabalho na indústria avícola brasileira: do normal-terrível aos novos riscos em meio à pandemia de Covid-19. Presidente Prudente, **Revista Pegada** vol.21, n.2. 438 Maio-Outubro/2020. (2020a)
- SILVA, A. R. C. Health Risks for Poultry Workers in Brazil in the Covid-19 Pandemic. **Bulletin of Latin American Research** V.39, Special Issue: Covid-19 in Latin America and the Caribbean. December 2020 Pages 88-91 <https://doi.org/10.1111/blar.13217> (2020b)
- SILVA, J.; FOLLE, F. Imigrantes em frigoríficos e a pandemia: Dourados-MS. **Revista Políticas Públicas & Cidades**. Vol. 2, Nº1, 2021.
- TAYLOR, C. et al. Livestock plants and Covid-19 transmission. **Proc Natl Acad Sci USA**. 2020 Dec doi: 10.1073/pnas.2010115117.
- TELFORD, T. et al. Trump orders meat plants to stay open in pandemic. **The Washington Post**. Apr. 2020. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/business/2020/04/28/trump-meat-plants-dpa/>>. Acesso em 31 maio 2022.
- VOYTKO, L. Trump Says Meat Plants Are ‘Critical Infrastructure,’ Signs Executive Order To Keep Them Open. **Forbes**. 29 Apr 2020. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/lisettevoytko/2020/04/29/trump-says-meat-plants-are-critical-infrastructure-signs-executive-order-to-keep-them-open/?sh=2c5481232bd5>>. Acesso em 31 maio 2022.

VIEGAS, A. Surto de infectados com coronavírus em frigorífico leva Dourados a ter maior número de casos de Covid-19 de MS. **Portal G1**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2020/06/02/surto-de-infectados-com-coronavirus-em-frigorifico-leva-dourados-a-ter-maior-numero-de-casos-de-covid-19-de-ms.ghtml>>. Acesso em 31 maio 2022.

WEILONG, J. et al. Transmission of SARS-CoV-2 via fomite, especially cold chain, should not be ignored. **PNAS**, Vol. 118, No. 11.

WALLACE, R. **Pandemia e agronegócio**: doenças infecciosas, capitalismo e ciência. Tradução: Allan Rodrigo de Campos Silva. São Paulo, Elefante & Igrá Kniga, 2020.

WALSH, J. Covid-19 cases hit 194 at Minnesota meat processing plant. **Star Tribune**. May 12 2020. Disponível em: <<https://www.startribune.com/Covid-19-cases-hit-194-at-pilgrims-pride-plant/570392152/>>. Acesso em 31 maio 2022.

YEARBY, R. Meatpacking plants have been deadly Covid-19 hot spots – but policies that encourage workers to show up sick are legal. **The Conversation**. Feb 26 2021. Disponível em: <<https://theconversation.com/meatpacking-plants-have-been-deadly-covid-19-hot-spots-but-policies-that-encourage-workers-to-show-up-sick-are-legal-152572>>. Acesso em 31 maio 2022.

RESUMO

Neste texto apresentamos elementos para compreender como a produção da pandemia impactou de forma particular as comunidades localizadas próximas a frigoríficos nos municípios da região de Grande Dourados, no Mato Grosso do Sul, Brasil, e de Cold Spring e Worthington, no estado de Minnesota, nos EUA. Para além da caracterização epidemiológica dos frigoríficos como superespalhadores de doenças entre os seus trabalhadores diretos a partir dos ambientes de trabalho, procuramos apresentar os frigoríficos como responsáveis pela produção de “espaços de contágio” ao longo das suas cadeias produtivas.

Palavras-chave: Pandemia de Covid-19; Frigoríficos; Trabalhadores migrantes; Brasil/EUA.

ABSTRACT

In this text, we present elements to understand how the production of the pandemic had a particular impact on communities located near meatpacking plants in the municipalities of Grande Dourados, in Mato Grosso do Sul, Brazil, and of Cold Spring and Worthington, in the state of Minnesota, in the United States. USA. In addition to the epidemiological characterization of meatpacking plants as superspreaders of diseases among their direct workers from the work environment, we seek to present the meatpacking plants as responsible for the production of “contagion spaces” along their production chains.

Keywords: Covid-19 pandemic; meatpacking plants; Migrant workers; Brazil/USA.

South Korea in Ceará

Sarah Lays Saraiva Grangeiro

1 INTRODUCTION

The migratory process of a group of foreigners in another country is not just about more people in that new environment, but about the dynamism between the change and adaptation to a new culture, language and relationships, which in the short term can impact the local society, but that over time these relationships between different groups end up becoming closer (SOARES, 2020).

This movement between people of other nationalities is mainly due to partnerships between companies and universities, which encourage the individual to exchange one country for another in search of professional or academic improvement, so that later he can return to his country and apply his knowledge acquired for the benefit of their nation (TEIXEIRA, 2018).

South Korea has always had friendly relations with Brazil, unlike what happened with other countries with which it had a conflict of commercial interests (RODRIGUES, 2020). The reason for this binational partnership is mainly due to the fact that South Korea is one of Brazil's largest trading partners on the Asian continent. Moreover, the economic relevance of Brazil in Latin America is undisputed (BESERRA, 2021; COSTA, 2010).

In recent years, international relations between South Korea and Brazil have intensified due to the growth of Korean exports to Brazil (KIM, 2020) and the large amount of Korean capital investments in Brazilian territory, especially in the State of Ceará, due to the presence of Pecém Steel Company – CSP (BOMTEMPO; BARBOSA, 2020).

Given the above, the research emerged from the following question: What are the implications of the migratory flow from South Korea in the State of Ceará, especially in the city of São Gonçalo do Amarante and Caucaia?

In this sense, this work has the general objective of analyzing the sociocultural impact that the “boom” of Korean migration in São Gonçalo do Amarante and Caucaia in the State of Ceará brought to the region. In addition, the present research contemplates two specific objectives, they are: a) to investigate the socioeconomic effects caused by the increasing rate of Korean immigrants in the state of Ceará; b) – identify the cultural and behavioral changes in Ceará society due to the insertion of new residents from South Korea in the municipalities.

This research is justified by presenting the social, cultural and economic impacts caused by the inclusion of the Korean population in Ceará territory, bringing with it a new culture, language and lifestyle for the local population.

This article is divided into 5 sections. The first refers to the present introduction, which contextualizes the mentioned research. Section 2 deals with international relations between Brazil and South Korea. Section 3 highlights the history of Korean migration to the State of Ceará. In section 4 it is possible to understand how the South Korean country's culture and customs influenced the state of Ceará. Finally, section 5 brings the conclusions obtained through the accomplishment of the present work together with its academic contributions.

2 THE PARTNERSHIP BETWEEN BRAZIL AND SOUTH KOREA

South Korea has demonstrated to the world how strategies linked to politics and economy can change an underdeveloped country with poverty and precariousness indices in a developed country and a reference in its education and technology (HADDAD; MENDONÇA; CONSTÂNCIO, 2021). Due to its success internationally, the country has manifested strong influences expanding its trends worldwide (MAZUR; MEIMARIDIS; RIOS, 2021).

As a country with the 10th largest economy in the world, South Korea has had considerable growth in terms of its per capita income, with rates that in recent years of 2.5% (BRASIL, 2021). With trade opening of 63.9% in 2016, 7th largest exporter and 6th largest importer in the world, South Korea is considered one of the largest investors in relation to foreign direct investment, and is portrayed as an important trading partner of Brazil, having potential opportunities for Brazilian exports and imports according to the National Confederation of Industry - CNI (2018).

Beginning their relations in 1959, South Korea and Brazil established relations in the political, economic, social and cultural spheres and, in 2022, completing 63 years of mutual cooperation, the intellectual exchange in the health sector intensified due to the scenario of COVID-19 (KI-MO, 2021).

In addition, relations between South Korea and Brazil have been defined in recent decades, by the application of financial resources originating from Korean multinationals who see in Brazil an investment opportunity that would result in bilateral benefits, especially in the electronics, steel and automobile sectors and oil (MELO, 2018).

Despite the high bureaucracy of the Latin American country, corresponding to obstacles in trade relations between the two nations in 2020, the two countries made commercial transactions equivalent to U\$8.3 billion in 2020, characterized by 47% of products from the manufacturing industry exported from Brazil to South Korea, 31% from the extractive industry and 21% from agriculture, livestock and fisheries (BRASIL, 2021; KIM, 2015).

Table 01 below depicts the main Korean companies that invest in Brazil, highlighting Pecem Steel Company, being the largest Korean investment in Brazil,

a partnership between the Brazilian company Vale S.A. which owns 50% of the steel industry and the Korean companies DongkukSteel with 30% and the Pohang Iron and Steel Company with 20% of tenure retention (ZIEMATH; AGUIAR, 2017).

Table 01: Korean companies investing in Brazil

SECTOR	COMPANY
Automobile	Hyundai
	KIA
Electronic	Samsung
	LG Electronics
Chemicals	CJ
Industry	Hyosung
Machinery	Doosan Infracore
Steel industry	Pecém Steel Company

Source: (ZIEMATH; AGUIAR, 2017)

Meanwhile, Brazilian companies that invest in Korea still show low representation, with the main offices of Vale, Latam Airlines Group, BRF, Goal Intelligent Airlines, Ambev, Odebrecht and H.Stern (ZIEMATH; AGUIAR, 2017).

Regarding the exchange of people, due to the Korean influence in Brazil through k-pop (music), dramas (series and movies), k-food (food), clothing, languages and culture, South Korea, in recent years, received many immigrants in their country in order to experience this new lifestyle (GRANGEIRO, 2022). Consequently, schools and universities have had to adapt to the growing number of foreign students, both in increasing the offer of academic courses conducted in the English language and in the possibility of offering a Korean course before entering the school or university environment (BRASIL, 2012).

3 KOREAN MIGRATION TO CEARÁ

In Latin America, Brazil assumes a leading role in the number of immigrants received in the country and, since the 21st century, Ceará enters the list of states with the highest number of international immigrants, especially more recently and massively those from African countries, China and South Korea (BOMTEMPO, 2019).

Pecem Steel Company- CSP, the project with the largest investment between the two countries, was the first integrated steel company in the Northeast, with an estimated production of 3 million tons of steel slabs per year (TELES; AMORA, 2013). This enterprise is located between the municipalities of

Caucaia and São Gonçalo do Amarante - Ceará, according to Figure 01, which has an area of 13,337 hectares, 53.25% of this area belonging to Caucaia and 46.75% to São Gonçalo do Amarante, data provided by Companhia Siderúrgica do Pecém (2022).

Figure 01: Geographic location of CSP



Source 1: Google Maps (2022)

For its construction, the steel mill required a large amount of skilled labor, since it is an extensive and complex work. In its first year of construction, in 2012, 1,200 workers were needed and, as the work progressed, a greater number of employees was demanded, reaching 16,000 employees in 2015 (TELES; AMORA, 2015).

The high immigration rates of South Koreans in Ceará were mainly due to the beginning of operations of the CSP, from 2016, in which this migratory process was instigated for work reasons, since the majority who migrated to Brazil did so part of the team that would work in the steel industry or who were the family of these workers (CRUZ, 2018; SOUSA; TELES, 2019).

4 THE KOREAN INFLUENCE IN THE STATE OF CEARÁ

With the remarkable insertion of Koreans in the northeast region of the country, more specifically in the State of Ceará, an acculturation was naturally generated both by the host culture and the original culture (TASHIMA, 2018).

Among all the differences where they both had to adapt, the greatest difficulty and that which demanded more effort and dedication, especially for immigrants, in this process of “Brazilianization” was in the process of communication, that is, in learning the Portuguese language in order to meet their needs (BLACKMAN; ARENA; BRABO, 2020).

Understanding that the Portuguese language is equivalent to the same difficulty of learning any other foreign language, especially when there is no practice of the language (MELO; GUIMARÃES; COSTA, 2021), many establishments have adopted the option of having their ads in both Portuguese and Korean to attract these immigrants to their establishments (BOMTEMPO; BARBOSA, 2020; CAVALCANTE, 2019; MESQUITA, 2014; MOURA, 2015; SOUSA; TELES, 2019).

In this way, real estate companies took the opportunity to stand out from their competitors, publishing posters in Korean and spreading them at strategic points, especially in Caucaia and São Gonçalo do Amarante, where Koreans are more concentrated due to the proximity to the steel mill, such as can be seen in Table 02.

Table 02: Real estate companies advertising their ventures in Korean



Source: Adapted from Mesquita (2014), Moura (2015) and Sousa; Teles (2019)

Based on the same principle, it became easier to locate merchants and restaurants in the two analyzed municipalities that have been adopting the practice of disseminating their trade in Korean language in order to reach immigrants from South Korea, as shown in Table 03.

Table 03: Advertisement for restaurants and merchants in Korean



Source: Adapted from Bomtempo; Barbosa (2020), Cavalcante (2019), Mesquita (2014) and Sousa; Teles (2019)

Another notable effect of the increase of South Korean immigrants in the State of Ceará, is demonstrated through the increase of commercial enterprises legally registered in the Commercial Board of the State of Ceará - JUCEC, verified that only in the year 2012, when the construction of the CSP began, at least 7 establishments were opened with owners of Korean nationality, observed through Table 04 (BOMTEMPO; BARBOSA, 2020).

Table 04: South Korean enterprises in Ceará since 2012

COMMERCIAL ESTABLISHMENTS	OPENING YEAR	CITY
RESTAURANTE CHO SUN OK LTDA ME	2012	FORTALEZA
M S KIM TRANSPORTADORA ME	2012	SÃO GONÇALO DO AMARANTE
KCC ENGENHARIA E CONSTRUTORA LTDA	2012	CAUCAIA
FIRSTWARE AGENCIAMENTO DE HOTEIS LTDA	2012	CAUCAIA
SOO KUK LEE	2012	CAUCAIA
KCC ENGENHARIA E CONSULTORIA LTDA	2012	CAUCAIA
CHUPRO CONSULTORIA EMPRESARIAL E ADMIN. LTDA	2012	SÃO GONÇALO DO AMARANTE
HS INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA	N/C	FORTALEZA
PAPARAZZI COMÉRCIO DE CONFECÇÕES LTDA ME	N/C	FORTALEZA

Source: JUCEC (Commercial Board of the State of Ceará). Prepared by BOMTEMPO; BARBOSA (2020)

It is noted that among the 9 commercial establishments opened in 2012, according to JUCEC, founded by Koreans in the State of Ceará, 6 of them are located in the same municipalities where CSP is located, that is, municipalities of Caucaia and São Gonçalo do Amarante.

5 FINAL CONSIDERATIONS

Migrating in search of better living conditions, thousands of people move from their home country for this purpose, especially if they come from countries at war, economic crisis, victims of political or religious persecution, wanting a refuge to continue their lives in a more dignified and humane way.

Korean immigrants, although they do not fit into a society that needs permanent refuge, often move to other countries in search of academic specialization or for greater job opportunities due to the quality of labor they have.

In the State of Ceará, the intense migration of Korean citizens has been noticeable, especially in the city of São Gonçalo do Amarante and Caucaia, municipalities that include the Pecém Steel Company, the main attraction due to the steel mill. These included Koreans who already worked in one of the two Korean shareholders responsible for CSP and who were indicated due to their technical level to come work in Brazil.

In addition to the workers themselves, families also migrated as they saw the opportunity to open a small business in the municipality, contributing to increase the family's income and promote their culture and customs to the Brazilian population.

In view of this, and in order to make the lives of Koreans more accessible, many establishments advertise their products and services through publication in Korean, making it increasingly common to find an advertisement in the municipalities under analysis.

Therefore, through this research it can be concluded that not only the lives of Korean immigrants were affected with their coming to Brazil, but also the local society had to adapt in order to maintain a friendly relationship, enduring the Brazilian's fame as "warm people", receptive and charismatic.

In addition, with the entry of the Korean people in Ceará, there were influences of this new culture not only in the social and cultural sphere, but also impacted the economic sector of the region, creating new local enterprises that would satisfy new customers.

BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- BESERRA, L. de F. **The cultural dimensions of hofstede applied to South Korea**: challenges for the Brazilian international negotiator. 2021. 54 f. TCC (Graduate) - Course in Foreign Languages Applied to International Negotiations, Federal University of Paraíba, João Pessoa, 2021. Available at: <[https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20396/1/TCC%20LUIZA %20BESERRA.pdf](https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20396/1/TCC%20LUIZA%20BESERRA.pdf)>. Accessed on: 14 jun. 2022.
- BLACKMAN, C.; ARENA, D. B; BRABO, T. S. A. M. Afro-Antilleans in Porto Velho, Brazil: history, culture and literacy. **Humanities and Innovation Magazine**, v. 7, no. 7, p. 48-62, 07 May 2020. Available at: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2479>. Accessed on: 16 jun. 2022.
- BOMTEMPO, D. C.; BARBOSA, W. A. Mobility and multiscalarity: Korean migration in Ceará. **Space and Geography Magazine**, v. 22, no. 1, p. 249-283, 05 Jul. 2020. Available at: <<https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegRAFIA/article/view/40164/31212>>. Accessed on: 14 jun. 2022.

- BOMTEMPO, D. C. International migration, urban economy and territorialities. **Goiano Geography Bulletin**, Fortaleza, v. 39, p. 1-26, 12 Apr. 2019. Available at: <<https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/55885/32985>>. Accessed on: 14 jun. 2022.
- BRASIL. Ministry of Economy. Foreign Trade Secretariat. **Impact Study: Mercosur-South Korea free trade agreement**. Brazil. 2021. Available at: <<https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/comercio-exterior/publicacoes-secex/serie-acordos-comerciais/arquivos/coreia-do-sul-impact-study.pdf>>. Accessed on: 15 jun. 2022.
- BRASIL. Ministry of Foreign Affairs. Consular Sector. **Living in South Korea: useful information**. Brazil. 2012. Available at: <[https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Seul/pt-br/file/Morando%20na%20Coreia%20do%20Sul%20-%20Informa%C3%A7%C3%B5es%20C3%A9Ateis%20\(July-2012\).pdf](https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Seul/pt-br/file/Morando%20na%20Coreia%20do%20Sul%20-%20Informa%C3%A7%C3%B5es%20C3%A9Ateis%20(July-2012).pdf)>. Accessed on: 15 jun. 2022.
- CAVALCANTE, F. B. S. V. **Real estate production around the Pecém Industrial and Port Complex - CIPP: expectations and contradictions**. 2019. 220 f. TCC (Undergraduate) - Geography Course, Federal University of Ceará, Fortaleza, 2019. Available at: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/45592>>. Accessed on: 16 jun. 2022.
- CNI. **Trade negotiations with South Korea: Brazil's offensive interests**. Brasília. 2018. Available at: <https://static.portaldaindustria.com.br/media/filer_public/5b/1c/5b1c9db0-03e3-471b-bb2c-0421549d37f3/interessesofensivos_coreia_do_sul_web.pdf>. Accessed on: 16 jun. 2022.
- COMPANHIA SIDERÚRGICA DO PECÉM. **Pecém Industrial and Port Complex**. Available at: <<https://www.cspecem.com/pt-br/sobre-a-csp/complexo-industrial-e-portuario-do-pecem/>>. Accessed on: 16 jun. 2022.
- COSTA, J. Brazil and Korea: a relationship under construction. **Liceu Online**, v. 1, no. 1, p. 23-27, 2010. Available at: <https://liceu.emnuvens.com.br/LICEU_ON-LINE/article/viewFile/865/675>. Accessed on: 14 jun. 2022.
- CRUZ, V. A. L. da. **The impacts of the operation of Companhia Siderúrgica do Pecém on the economy of Ceará**. 2018. 43 f. TCC (Undergraduate) - Economics Course, Federal University of Ceará, Fortaleza, 2018. Available at: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/64188/1/2018_tcc_valcruz.pdf>. Accessed on: 14 jun. 2022.
- GRANGEIRO, S. L. S. The influence of Korean entertainment marketing in Brazil. **C@LEA - LEA Class Notebooks**, v. 01, no. 10, p. 87-100, 09 Feb. 2022. Available at: <<https://periodicos.uesc.br/index.php/calea/article/view/3173>>. Accessed on: 15 jun. 2022.
- HADDAD, C. S.; MENDONÇA, J. M.; CONSTÂNCIO, V. Z.. **How South Korea uses its soft power through culture and economy**. 2021. 21 f. TCC (Graduate) - International Relations Course, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2021. Available at: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/20176/4/COMO%20A%20COREIA%20DO%20SUL%20USA%20SEU%20SOFT%20POWER%20POR%20MEO%20DA%20SUA%20CULTURA%20E%20ECONOMIA..pdf>>. Accessed on: 15 jun. 2022.

- KIM, E. **South Korea's export structure and its political and economic vulnerability: an analysis of Brazil as an alternative market.** 2020. 23 f. Monograph (Specialization) - International Relations Course, University of São Paulo, São Paulo, 2020. Available at: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-23032021-081210/publico/Eunjae_Kim.pdf>. Accessed on: 14 jun. 2022.
- KI-MO, L. **Embassy of the Republic of Korea in the Federative Republic of Brazil.** Greetings from the Ambassador. 2021. Available at: <https://overseas.mofa.go.kr/br-pt/wpge/m_6085/contents.do>. Accessed on: 16 jun. 2022.
- KIM, Y. **South Korea – Brazil relations: identification of trade difficulties.** 2015. 24 f. Monograph (Specialization) - International Relations Course, University of Brasília, Brasília, 2015. Available at: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/11383/1/2015_YoungjungKim.pdf>. Accessed on: 15 jun. 2022.
- MAZUR, D; MEIMARIDIS, M; RIOS, D. The streaming market in South Korea: internal disputes and foreign invasion. **New Looks**, v. 10, no. 1, p. 88-101, 30 Jul. 2021. University of São Paulo, USP Agency for Academic Information Management. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2021.175837>. Available at: <<https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/175837/174510>>. Accessed on: 15 jun. 2022.
- MELO, C. da P. S. de; GUIMARÃES, E. M. T.; COSTA, L. R. de L. Learning Portuguese as a second language: challenges and teaching proposals. **Amor Mundi Magazine**, v. 2, no. 6, p. 47-55, 10 Oct. 2021. Publisher Illustration. <http://dx.doi.org/10.46550/amormundi.v2i6.125>. Available at: <<https://journal.editorametrics.com.br/index.php/amormundi/article/view/125/86>>. Accessed on: 16 jun. 2022.
- MELO, M. L. de. **Perception of the population of the city center of Juazeiro do Norte on the expansion of enterprises of Asian origin.** 2018. 22 f. TCC (Graduate) - Administration Course, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, 2018. Available at: <<https://unileao.edu.br/repositoriobibli/tcc/MARIA%20LUANA%20DE%20MELO.pdf>>. Accessed on: 14 jun. 2022.
- MESQUITA, Á. de F. N. **Diagnosis of spatial restructuring and socio-environmental dynamics caused by tourism on the coast of Cumbuco - Caucaia - Ceará - Brazil.** 2014. 158 f. Dissertation (Master's) - Development and Environment Course. Federal University of Ceará, Fortaleza, 2014. Available at: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15642/1/2014_dis_afnmesquita.pdf>. Accessed on: 16 jun. 2022.
- MOURA, M. L. **The challenge of the home in labor migration flows - Project at CIPP.** 2015. 57 f. TCC (Graduate) - Architecture and Urbanism Course, Federal University of Ceará, Fortaleza, 2015. Available at: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40993/1/2015_tcc_mlmoura.pdf>. Accessed on: 16 jun. 2022.
- TELES, G. A.; AMORA, Z. B. Labor Mobility and Metropolization: A Study on the Industrial and Port Complex of Pecém - Ceará – Brazil. **Anales del XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina - 2013 Peru.** Lima, 2013., 2013. v. 1. p. 300-315.
- TELES, G. A.; AMORA, Z. B. Mobility of the workforce and spatial adjustments in the metropolitan area of Ceará. In: ANPEGE NATIONAL MEETING, 11., 2015, Presidente Prudente. **Annals**

- [...]. Presidente Prudente: Enanpege, 2015. p. 2171-2181. Available at: <<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/7/215.pdf>>. Accessed on: 15 jun. 2022.
- RODRIGUES, N. P. **South Korea and Japan: a conflicted past reflected in cooperation policies for gsomia**. 2020. 33 f. TCC (Graduate) - International Relations Course, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2020. Available at: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/14994/1/Nathalya%20Rodrigues-21705783%20%282%29.pdf>>. Accessed on: 14 jun. 2022.
- SOARES, F. M. **50 years of Korea and Brazil: histories, immigration and relations in São Paulo (1963 - 2013)**. 2020. 101 f. Dissertation (Master's) - History Course, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2020. Available at: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/193986/soares_fm_me_assis.pdf?sequence=4&isAllowed=y>. Accessed on: 14 jun. 2022.
- SOUSA, A. A. de; TELES, G. A. Mobilities and territorialities of South Korean migration in Cumbuco, Ceará - Brazil. **Footprint Magazine**, vol. 20, no. 2, p. 201-230, Aug. 2019. Available at: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/6591/pdf#>>. Accessed on: 14 jun. 2022.
- TASHIMA, J. N. **Cultural adaptation of Brazilian immigrants in Japan**. 2018. 349 f. Dissertation (Doctorate) - Social, Work and Organizational Psychology Course, University of Brasília, Brasília, 2018. Available at: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31833/1/2017_JesselynNayaraTashima.pdf>. Accessed on: 16 jun. 2022.
- TEIXEIRA, A. **Success factors of South Korean education**. 2018. 131 f. Dissertation (Master's) - Education Course, La Salle University, Canoas, 2018. Available at: <<https://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/894/1/ateixeira.pdf>>. Accessed on: 14 jun. 2022.
- ZIEMATH, G. G. da S.; AGUIAR, A. G. H. de. **Brazil-South Korea Relations**. International Relations Collection, Brasília, p. 173-200, 2017. Available at: <http://funag.gov.br/loja/download/RELACAO_BRASIL_ASIA_MIOLO_FINAL.pdf#page=173>. Accessed on: 15 jun. 2022.

ABSTRACT

The displacement of people nationally or internationally is part of the history of humanity characterizing some societies. In Brazil, the migration of foreigners is present in the main capitals of the country, including and more recently in the State of Ceará, being intensified from 2012 with the mega construction of Pecém Steel Company, which demanded specialized labor coming from the country Korean. Knowing this, the present research aims to identify the impacts and influences caused by the arrival of these immigrants in socioeconomic and cultural effects for the local population. Through research with a theoretical and empirically validated approach, it was found that the city of São Gonçalo do Amarante and Caucaia evolved in economic aspects due to the increase in entrepreneurship in the region and the investment of Koreans employed here. In social and cultural aspects, the two nationalities had to adapt, including the existence of local businesses advertising their services in both Portuguese and Korean in order to serve both audiences.

Keywords: Ceará; CSP; Influence; Migration South Korea.

RESUMO

O deslocamento de pessoas, de forma nacional ou internacional, faz parte da história da humanidade caracterizando algumas sociedades. No Brasil, a migração de estrangeiros está presente nas principais capitais do país, inclusive e mais recente no Estado do Ceará, sendo intensificada a partir de 2012 com a mega construção da Companhia Siderúrgica do Pecém, o qual demandou mão de obra especializada vindo do país coreano. Sabendo-se disso, a presente pesquisa tem como objetivo indicar quais os impactos e influências ocasionados pela chegada desses imigrantes em termos de efeitos socioeconômicos e culturais para a população local. Através da pesquisa com enfoque teórico e empiricamente validado, constatou-se que os municípios de São Gonçalo do Amarante e Caucaia evoluíram em aspectos econômicos devido ao aumento de empreendimento na região e pelo investimento que coreanos ali fizeram. Em aspectos sociais e culturais, as duas nacionalidades tiveram que adaptar-se, inclusive existindo comércios locais divulgando seus serviços tanto em português como em coreano a fim de atender ambos os públicos.

Palavras-chave: Ceará; Coréia do Sul; CSP; Influência; Migração.

A trajetória migratória de Madalena entre Paraguai, Áustria e Brasil: memórias, redes e lugares

Vanucia Gnoatto; Marcos Leandro Mondardo

1 INTRODUÇÃO

Foi nestes lugares que vim ao mundo, foi daqui, quando ainda não tinha dois anos, que meus pais, migrantes empurrados pela necessidade, me levaram para Lisboa, para outros modos de sentir, pensar e viver, como se nascer eu aonde nasci tivesse sido consequência de um equívoco do acaso, de uma casual distração do destino, que ainda estivesse nas mãos emendar. Não foi assim (SARAMAGO, 2006, p.10).

A epígrafe do presente artigo é um fragmento do livro *As Pequenas Memórias*, do literato português José Saramago (2006). Nele, o autor traz presente as memórias de quando era pequeno e, mais especificamente neste trecho, nos dá ideia de sua mobilidade ainda quando criança. Como esse autor (José Saramago), nossa entrevistada também vivenciou uma mobilidade ainda quando bem pequena e, apesar dos momentos tristes, nos confidenciou pequenas memórias de sua infância até o momento atual de sua vida. Quando dizemos “pequenas” é porque queremos enfatizar que a análise não percorre toda a extensão de sua vida mas, sim, um momento não muito longo de espaço e tempo, relatado durante a entrevista.

O presente trabalho se baseia na análise de alguns fragmentos de memórias da trajetória de vida de uma imigrante nascida no Paraguai, mas que, quando emigrou para o Brasil, optou pela nacionalidade brasileira; era filha de imigrantes brasileiros que emigraram para numa época em que muitos fizeram o mesmo, em busca de oportunidades na atividade agrícola. A trajetória é de Madalena¹. Por meio de suas lembranças, desde a infância até a fase adulta, analisaremos sua mobilidade dentro do Paraguai, depois para a Áustria e para o Brasil. Nesses percursos, pode-se perceber o papel das redes familiares, sociais e o protagonismo das mulheres nos processos migratórios e nas atividades laborais, em especial, na abertura de empresa, caso da informante.

As memórias dessa trajetória foram construídas através de uma entrevista realizada na data de 3 de fevereiro de 2021, na modalidade de história de vida, realizada de forma on-line devido às restrições da pandemia. Como conhecemos Madalena? É importante informar que não a conhecemos presencialmente. O contato dela nos foi passado por uma amiga que temos em comum, que estava colaborando com a nossa pesquisa do doutorado. Como as trajetórias

migratórias que buscávamos não contemplavam nascidos/as no Paraguai, caso da entrevistada, agradecemos a ela, mas ficamos pensando ainda em sua história da qual, como a mesma afirma: “Poderia fazer um livro! [nesse momento, a entrevistada se emociona]. Todo mundo tem bastante coisa que passa na vida”.

Dessa forma, singelamente, este artigo visa contar e analisar a trajetória de vida de nossa entrevistada. No primeiro momento, faremos uma breve discussão sobre o conceito de memória, enfatizando como esta é trabalhada e possibilita a compreensão de uma trajetória de vida e migratória que se constrói em redes. Em um segundo momento, dividido em dois tópicos, trabalharemos as trajetórias migratórias da história de vida analisada. Por fim, retomaremos alguns elementos suscitados através desse estudo.

2 MEMÓRIAS E TRAJETÓRIA MIGRATÓRIA ARTICULADAS POR REDE

As memórias que aqui trazemos referenciam vários lugares que fizeram parte da trajetória migratória de Madalena até o presente momento de sua vida, que, em grande parte, fazem alusão ao Paraguai e partem de um lugar, aqui no caso *Itakyry*. No livro *As Pequenas Memórias*, o imigrante Saramago, por mais que tenha vivido em vários lugares, como a nossa entrevistada, acaba centrando a sua narrativa em Azinhaga. Em sua análise do livro de Saramago, Mondardo (2016) afirma que o autor começa a contar “suas memórias a partir do lugar-mundo que sua memória individual (e coletiva) se recorda, recria, escolhe, seleciona, recorta e inventa, ou seja, a aldeia de Azinhaga”. Aldeia que o fez ‘singular e, ao mesmo tempo, universal, puxou-o pela raiz, fazendo-o, como numa viagem de reencontro, retornar para “acabar de nascer”’ (MONDARDO, 2016, p.146).

Aqui se faz necessário compreender a relação da memória individual com a coletiva. Conforme Halbwachs (1990), a memória individual é também coletiva, ambas dependem uma da outra. Segundo este, “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 1990, p. 25). A lembrança, para este autor ainda, é, em grande medida, “reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente”, que é feita com outras reconstruções elaboradas em períodos anteriores em que a imagem do passado já se apresentou bem alterada. Nora (1993), por sua vez, sustenta que a memória “se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1993, p.9).

A memória é também um fenômeno que, quando construído de uma forma individual, pode ser consciente ou inconsciente. “O que a memória individual grava, recalca, exclui e relembra, é evidentemente o resultado de um trabalho de

organização” (POLLAK, 1992, p. 204). Seguindo essa perspectiva de que memória é trabalho de organização, Bosi (1994), tendo por base Halbwachs, afirma que, na maioria das vezes, o fato de lembrar “não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. Diante disso:

(...) deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p. 55).

Amemória que Madalena vai construindo, ou melhor, que vai trabalhando a partir de sua fala, descreve lugares onde viveu, perdas, dificuldades, alegrias, conquistas, vários trabalhos laborais (campo e cidade), mobilidades que projetam futuro e sonhos. Para Woortmann (2000), a memória sempre funciona no sentido de “trabalhar” o passado para criar o presente e construir o futuro. De acordo com esta autora, “a memória é sempre seletiva; ela não dá presença a um passado genérico, mas a determinados eventos, localizados em determinados lugares no espaço e no tempo, dotados de significado em contextos específicos” (2000, p. 213).

Quanto ao relato de mulheres, como o da nossa entrevistada, concordamos com Tomascheski (2018), que aponta que, para Tedeschi (2009), este está permeado de significados. Conforme este autor, em cada relato percebe-se que existem “habilidades, arte própria de desenvolver a memória, não lembrando uma ou outra imagem, mas evocam, dão voz, fazem falar, dizem de novo o conteúdo de suas vivências” (2009, p.179). Para o autor, ao mesmo tempo em que:

(...) evocam, elas estão vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência. A memória e a conservação de si próprias emergem nos relatos. Ao ouvir a voz das mulheres nos relatos, revivemos momentos cruciais com os mesmos, observamos conversas, histórias que produziam imagens e narrativas de um tempo passado de extrema importância em suas vidas (TEDESCHI, 2009, p. 179 -180).

Como este autor ainda defende, compreender e historiar, por meio de suas memórias, os motivos pelos quais as mulheres migram é explorar os sentidos, os significados, as leituras que elas carregam de suas histórias; através das narrativas podemos compor um leque de significados, que precisam ser analisados, interpretados e visibilizados para a história” (TEDESCHI, 2012, p. 10). As memórias aqui trazidas por Madalena são de uma mulher imigrante que, ao longo do seu percurso de vida, realizou, até o presente momento, diversas mobilidades que, por vezes, foram vistas como recomeços de vida nos lugares onde se estabelecia e fixava residência.

Quanto à migração, ela tem o poder de tornar o indivíduo protagonista de sua história, pois, a partir dessa nova realidade, tem-se a possibilidade e, principalmente, a coragem de atuar numa mobilidade espacial (LOTMAN, 1975), percebendo-a como uma oportunidade de modificar o curso dos acontecimentos, de mudar a sua vida. Vangelista (2010, p.15) destaca que, na literatura grega e no imaginário ligado a ela, ensina-se que “o herói é aquele que rompe e ultrapassa os confins, o que vai além do horizonte, o que cria uma descontinuidade não só entre espaços, mas inclusive entre presente e o futuro”, para ele e para o seu grupo. Assim sendo, “a mobilidade é então o núcleo, o sentido da narração, o que leva o protagonista para o meio da História” (VANGELISTA, 2010, p. 15).

Ao analisar a trajetória migratória do piemontês Jean-Pierre Baridon, através das anotações do sujeito, Vangelista (2010) observa que, após ter feito algumas experiências migratórias, ter trabalhado em diversos ofícios, migrando com a sua família e um pequeno grupo de Valdenses para o Uruguai, tendo fundando ali a colônia dos Valdenses, para ele “a distância não parece ser medida tanto pelos quilômetros, ou pelas dificuldades do caminho, mas pelas relações conhecidas ou potenciais que os lugares de emigração proporcionam” (VANGELISTA, 2010, p. 11). Para Baridon e para muitos e/immigrantes, o que possibilita e determina a migração para determinado lugar, assim como a permanência, são os pontos de referência que possuem e as oportunidades que oferecem. Se estas não lhe são favoráveis, o sujeito volta a migrar.

Esses pontos de referência seriam as redes de contatos que os imigrantes possuem. Conforme Assis (2007, p. 751), “desde o momento da partida, a escolha de quem vai migrar, os motivos da migração, a permanência ou o retorno ocorrem de forma articulada numa rede de relações que envolvem gênero, parentesco e geração”. Ainda segundo a autora, “a migração, articulada pelas redes sociais, também vai deixando de ser vista apenas como decisão racional de um indivíduo para ser encarada como uma estratégia de grupos familiares, de amizade ou de vizinhança em que as mulheres inserem-se ativamente” (ASSIS, 2007, p. 751).

Segundo Santos, “pertencer à rede social implica oportunizar recursos e informações, o que permite ao migrante amenizar as dificuldades de sua travessia, desde sua partida até a hospedagem no local de destino e a garantia

do emprego” (2021, p.57). Ainda para a autora, as redes se formam através de relações sociais que se dão no espaço. A “rede é sobretudo uma relação social, que prescinde do território como lugar do seu acontecimento e movimento” (SANTOS, 2012, p. 69).

Na mesma linha, conforme Saquet e Mondardo (2008), na atualidade, as migrações formam uma “experiência integrada” do espaço, que somente é possível se os migrantes estão organizados em rede, por meio de várias relações que, por muitas vezes, abrangem o local e o global. Nos territórios de origem e de destino, existem múltiplas relações e vínculos criados pelos migrantes quando realizam suas trajetórias e quando se reterritorializam. Assim, na migração, a construção dos territórios “passa por uma dinâmica em redes que conectam diferentes nós interligados através do vínculo e dos contatos estabelecidos” (SAQUET; MONDARDO, 2008, p. 120).

Na história de vida que aqui analisaremos, perceberemos a presença das redes ao longo de todo o percurso migratório. Para maior compreensão sobre a atuação das redes na história de vida analisada, construímos a Tabela 1, tipificando-as.

Tabela 1: Redes nas mobilidades de Madalena

Tipo de redes	Descrição das redes e quando aparecem
Familiar	Familiares do pai de Madalena que a acolhem, sua mãe e irmã em Tirol, Itapúa, Paraguai.
Social	Ajuda dos amigos do esposo para a mudança da família para Santa Terezinha de Itaipu, Paraná, Brasil.
Familiar Transnacional	Nas emigrações temporárias para dois estados da Áustria, intermediadas pelos irmãos do esposo, residentes naquele país, que forneceram informações de oportunidades e acolhida.
Familiar Transfronteiriça	Na emigração para o Brasil para a casa da mãe em Santa Terezinha de Itaipu, Paraná. Ponto de referência durante o período pré e pós-parto de Madalena.
Econômica transfronteiriça	No transporte e comercialização, através da vendedora, da produção da pequena fábrica de Madalena para o Paraguai. País, consumidor de 60% da sua produção.

Fonte: Dados da entrevista.

Na Tabela 1, podemos verificar: a) redes constituídas por parentes ou conhecidos, sendo familiares, ou que possibilitaram a mobilidade dentro do Paraguai; b) redes sociais transnacionais, no caso das migrações da entrevistada

para realizar trabalhos temporários na Áustria; c) como redes transnacionais e transfronteiriças que possibilitam a emigração para o Brasil e a comercialização da produção. Dessa forma, tendo essa base teórica que reflete sobre os conceitos que perpassam essa trajetória, buscaremos conhecê-la e analisá-la.

3 “SÃO LEMBRANÇAS ASSIM...”: PEQUENAS MEMÓRIAS DA INFÂNCIA

A nossa entrevistada, que vivenciou várias migrações, já vem de um contexto familiar em que a mobilidade era frequente. Ela é filha de pais imigrantes que deixaram o Brasil, junto com os seus pais, e partiram em busca de novas oportunidades na atividade agrícola no Paraguai. No caso, ainda, dos avós maternos da informante, estes vivenciaram um retorno para o Brasil em busca de terras em Rondônia, dentro também de um contexto em que muitos migravam para a Região Norte com esse mesmo objetivo.

As memórias dessas migrações dos seus pais e avós foram lhe narradas, em grande parte, ainda quando era criança e passaram a fazer parte de sua história. Para Rouso (2006), a memória é definida como a “presença do passado”, pois “é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional” (ROUSSO, 2006, p. 95). Portanto, a memória é uma construção coletiva. Todavia, ela também tem caráter individual, pois “é o conjunto da personalidade de um indivíduo que emerge da memória. Origem do sentimento de continuidade temporal, condição necessária da representação da unidade do Eu” (CANDAUI, 2012, p. 61).

Sobre a emigração de brasileiros ao Paraguai, esta se insere dentro de um período histórico em que algumas situações necessitam ser consideradas para que possamos compreendê-las. Albuquerque (2005) elenca cinco processos importantes que se articulam e explicam os volumes da imigração brasileira no país vizinho: 1) a aproximação geopolítica entre os dois países; 2) o movimento migratório que acontece de forma espontânea; 3) a política de estímulo à imigração brasileira feita pelo governo do Paraguai; 4) as mobilidades populacionais para a construção de Itaipu; e 5) o intenso comércio fronteiriço que ocorreu naquele período.

O que motivou a saída da maioria dos emigrantes brasileiros foi, além da questão política dos dois países e do interesse do governo paraguaio na colonização da Região Leste do seu país, o processo de modernização agrícola no interior do Brasil, mais especificamente, nos estados do Sul, empreendido como política de Estado. Esse processo, que se acentua na década de 1970, ocorre em um contexto em que, nessa região, a grande maioria da população estava em pequenas propriedades, constituída por famílias numerosas, que, antes mesmo

do processo de modernização, já enfrentavam dificuldades para permanecer em suas propriedades ou para adquirir novas terras, devido aos altos custos. Diante dessa realidade e devido aos baixos custos para a aquisição de terras e estabelecimento no Paraguai, este país tornava-se atrativo.

Segundo Bárbara (2005), o movimento migratório de brasileiros para o Paraguai classifica-se em três períodos históricos. O primeiro, na década de 1960, constituído por imigrantes originários do Norte e Nordeste do Brasil. Posseiros, que passaram pelos estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, eles prepararam o terreno para a expansão da fronteira agrícola capitalista. O segundo ocorreu na década de 1970, em que o Paraguai recebeu um grande número de camponeses, que migraram do Paraná, Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Foram atraídos pela terra, que era bastante fértil e chegava a ser cinco vezes mais barata que no Brasil. Já o terceiro movimento migratório intensifica-se na década de 1980, tendo relação com o retorno de milhares de famílias brasileiras à sua terra natal.

Nessa realidade, no ano de 1984, no distrito de Santa Teresa, no Departamento de Caaguazú, Paraguai, nasce Madalena. Ainda pequena, seus pais migram para o distrito de Itakyry, no Departamento de Alto Paraná. A população do distrito de Itakyry, como nos informa a entrevistada, era constituída, naquela época, por 90% de paraguaios, havendo um percentual baixo de imigrantes brasileiros, ao contrário do distrito de Santa Teresa, cuja população de imigrantes brasileiros naquele período era bastante significativa. Como descreve a entrevistada, seus pais, com muitas dificuldades, vendiam o excedente do que produziam de alimentos em sua pequena propriedade para poderem pagar as prestações dos 15 hectares de terras que adquiriram.

Sobre as pequenas lembranças do tempo em que viveu em Itakyry, memórias de quando era criança, a entrevistada nos descreve o lugar onde morou como plano e de terra de areia, no qual poderia brincar fazendo “montinhos de areia”. Como Madalena recorda: “A gente plantava algodão, o meu pai sempre costumava, quando era época de pouca chuva, limpar, rastelar e fazer montinho, queimar a vegetação e, assim que caía a chuva, já estava pronto para plantar”. Conforme foi crescendo, ela também foi se inserindo nos trabalhos da roça. A entrevistada se recorda de ter ajudado na colheita de algodão quanto tinha sete anos: “Eu ajudava a colher, eu não aguentava levar o saco para casa, mas eu colhia. Eu me lembro que um dia eu colhi tanto, que eu puxava o saco para um lado e caía para o outro, e não deixava ninguém pôr a mão”.

Quanto à sua casa, descreve-a como muito simples e de chão batido. Um ano antes de acontecer uma tragédia na família, Madalena e seus familiares passam a morar na casa nova: “Nossa! Era aquela casa! Era uma casa nova de madeira, só que era um assoalho simples e naquele ano, após a colheita, ele [pai] iria pôr um [assoalho de madeira] beneficiado [a], mas isso não chegou a acontecer”. O assoalho de madeira beneficiada que iria ser colocado após a colheita, não pode ser colocado, pois seu pai foi assassinado, crime do qual não se sabem as motivações e sem punição dos culpados e que ainda

hoje é vivo na memória de Madalena. Quanto ao assassinato, não entrou em muitos detalhes e nem nós nos sentimos à vontade para perguntar-lhe sobre o ocorrido, apenas deixamos que o silêncio predominasse e seguimos o roteiro da entrevista.

As memórias desse período em Itakyry não são muitas, mas em grande parte estão ligadas a situações em que seu pai se faz presente, nos mostrando o quanto ela deseja evitar que se esqueça o tempo em que esteve com o seu pai. Esse retorno ao passado, como Mondardo observa em Saramago, “não é imparcial, mas cheio de intencionalidades, de escolhas, de objetivos” (MONDARDO, 2016, p.152). A memória, como Candau argumenta, nos dá a ilusão de que “o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança” (CANDAU, 2012, p. 16).

Com o assassinato de seu pai, sua mãe passa a enfrentar dificuldades para sustentar a família, o que a motiva a emigrar com as filhas para o distrito (município) de Tirol, no Departamento de Itapúa, para ficar mais próxima do sogro. Diante disso, Madalena, com 8 anos, faz a sua segunda migração para outro departamento (estado) dentro do Paraguai.

Ela [mãe] foi para outro lugar, é uma colônia bem retirada. Então, a minha mãe foi para lá, foi bem difícil [...]. Ela continuou na agricultura, só que lá tem bastante alemães da Alemanha, que têm propriedade grande. Daí, naquela época eles procuravam famílias para ficarem nas terras e plantarem o que queriam. Às vezes por um aluguel muito acessível, barato, tinha pessoas que nem pagavam nada, só de ficar ali cuidando, ficavam satisfeitas (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Aqui percebemos que a migração é motivada não somente por questões econômicas, mas também por questões sociais ligadas à presença de referências em outro espaço. A mãe de Madalena, como não tinha nenhum familiar próximo que lhe pudesse ajudar, migra para um local onde viviam os familiares do esposo, a fim de buscar o auxílio desta rede. Para Tedesco (2010), as redes acabam organizando e influenciando os comportamentos individuais. Estas se formam, se dinamizam e, ao mesmo tempo, migram, se alteram e se movimentam, havendo trocas e laços; doações e débitos cortam territórios, trabalham como nós, conectados por horizontes de várias dimensões e se fortificam devido às demandas, distâncias, ausências, falta de relação entre os imigrantes. Desse modo, as redes tornam-se fortes com o agrupamento regional e de descendência. Unem-se devido aos objetivos comuns e intenções que se cruzam (TEDESCO, 2010).

Ali mesmo, em Tirol, a mãe da entrevistada acaba se casando com seu cunhado e passa a trabalhar como arrendatária em terras de propriedade de alemães. A prática de arrendamento de terras de imigrantes por outros imigrantes, descrita pela entrevistada, foi bastante frequente nesse período.

Alguns que realizavam esta prática, por este tempo, não precisavam pagar a renda, e outros, como no caso acima, ficavam mais para cuidar das terras desses proprietários estrangeiros.

Quanto ao distrito de Tirol, Madalena sente um choque de realidade pela diferença na geografia desse espaço comparado ao anterior. Ela o apresenta como muito estranho, de terra vermelha, que quando chovia não tinha como sair de casa com o chinelo, devido ao barro. Então, devido à falta de um calçado fechado, o recurso era caminhar descalça pelas estradas em dias de chuva quando ia à escola. Nestes dias, no início da manhã, a entrevistada e sua irmã encontravam uma estrada embarrada e no fim da mesma manhã, devido ao sol, poderiam encontrar uma estrada seca ou ainda embarrada. Apesar disso, a vida ali para ela era muito tranquila. No colégio, na localidade onde vivia, Madalena cursou apenas até o sexto ano. Em casa, afirma que ajudava bastante o padrasto na roça, sendo o seu braço direito nas atividades do campo.

4 “LÁ COMEÇAMOS DO ZERO, DE NOVO”: MEMÓRIAS DE LUGARES E RECOMEÇOS ENQUANTO ADULTA

Madalena foi vivendo ali parte de sua infância, adolescência e juventude até se casar, aos 17 anos, com um rapaz do mesmo distrito. Após o casamento, passaram a residir próximo aos pais do esposo, fazendo, assim, a sua terceira migração. Porém, devido a atritos com a sogra, Madalena e esposo tiveram que emigrar, para ela pela quarta vez.

Fomos morar em outro canto da terra [...]. Pegamos a nossa casinha de madeira, colocamos em cima do caminhão e fomos morar do outro lado da terra [...]. Lá começamos do zero, de novo. Tínhamos dois anos de casados, por aí. Começamos no meio do potreiro, grama alta. Daí naquele dia que fomos, choveu bastante, não tínhamos energia elétrica [...]. Foi assim... (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Em seu relato, Madalena frisa as dificuldades encontradas e o fato de começar do nada a vida em um novo lugar, sem muita estrutura. Ali, seu esposo passou a trabalhar fora como pedreiro e Madalena cuidava da casa, dos animais e do entorno. Nesse tempo, Madalena teve que enfrentar experiências tristes e difíceis, como um aborto espontâneo e o suicídio de seu padrasto. Como a mesma relata:

Daí, de repente engravidei, e [...] nada de experiência, não sabia como era, a mãe pouco falava. Daí, um dia eu tive muitas dores, hoje eu sei que são contrações. É que uma semana antes aconteceu o suicídio, eu vi a situação [...].

Só que eu não tinha certeza se eu [es]tava grávida ou não, daí depois o médico falou: ‘O teu feto parou, vamos deixar mais uns dias para ver o que acontece’. Mas daí já vinha dores e dores. Daí a cunhada levou a gente no hospital, não tinha um centavo em casa, nada de dinheiro e ela falou assim: ‘Não se preocupe com isso que a gente dá um jeito’. Depois disso a gente foi para a Europa (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

As lembranças do ocorrido a chocaram de tal forma que provavelmente levaram à perda do seu primeiro filho. Nesse momento em que o casal não possuía muitos recursos financeiros, o apoio de familiares foi muito importante e é também por meio destes que, após as perdas e tragédia familiar, surge para eles uma oportunidade de trabalho na Áustria. Isto se deu através dos irmãos do marido que já moravam e trabalhavam naquele país: “Eles já moram muitos anos lá [...]. Daí por causa deles, ele teve chance e eu fui junto”. Nesse caso, vale ressaltar o papel das redes familiares, mantidas pelos vínculos transnacionais dos irmãos do marido de Madalena com os familiares que estavam no Paraguai.

Essas redes podem se apresentar de múltiplas formas. Conforme Cavalcanti e Parella, no contexto atual, o desenvolvimento de novas tecnologias na área do transporte e comunicação, entre outros fatores, acelerou a diversificação e multiplicação de conexões transnacionais. A tecnologia, sem dúvida é um feito diferencial, que delimita “un ‘antes’ y un ‘después’ en la configuración de redes y conexiones transnacionales y en sus impactos, así como en la tensión entre localidad y globalidad” (CAVALCANTI; PARELLA, 2013, p. 11).

Para Pedone, “las formas, la articulación y el funcionamiento que adquieren las redes con el tiempo influyen en las trayectorias espaciales y en las estrategias migratorias de los trabajadores” (2000, p. 3). Ainda segundo esta autora:

Desde esta postura, la migración laboral se concibe como un proceso de construcción gradual de una red. Las redes conectan individuos y grupos distribuidos en diferentes lugares, lo que optimiza sus oportunidades económicas al ofrecer la posibilidad de desplazamientos múltiples. En efecto, al reconstruir las trayectorias espaciales se verifica que, a veces, no hay un único punto de destino y que existen en los lugares recorridos intermedios que se constituyen en diversos referentes para los migrantes (PEDONE, 2000, p. 3).

Assim, “as redes sociais tornam-se um recurso precioso, pois constituem o capital social que auxilia pessoas com poucos recursos, pouca experiência profissional e baixo nível de escolaridade na migração de longa distância” (ASSIS, 2007, p. 752), situação em que Madalena e seu esposo se encontravam naquele

período de suas vidas. A entrevistada ainda nos relata que, nos locais onde trabalhou, havia também a presença de imigrantes de outros países, exercendo, como ela, diversas atividades laborais, e que, provavelmente, através das redes, realizavam migrações.

Por três anos, entre 2005 até 2008, o casal emigrou para a Áustria para trabalhar de forma temporária por três meses, exercendo diversas atividades na hotelaria e na atividade leiteira.

Trabalhei de tudo um pouquinho. Também tirei leite. Teve uma temporada que eu fiquei num hotel. Eu era ajudante de serviços gerais, ajudante na cozinha, na parte de pratos e essas coisas na cozinha. Daí, quando não tinha coisa para fazer, eu ia para os quartos. Eu amava arrumar os quartos (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Quando a entrevistada nos relata que trabalhou em tudo um pouco percebemos a impossibilidade das mulheres imigrantes de escolherem o trabalho que irão realizar. Porém, como Guizardi et al. (2020) nos sugerem, aqui aparece a potência feminina na capacidade de fazer de tudo. O elemento do trabalho, presente em grande parte da entrevista de Madalena, aqui é destacado com mais intensidade como se justificasse a sua condição de imigrante, de estar em outro país e ausente em relação aos seus no país de origem.

Sayad, estudioso argelino, defende a tese de que é o trabalho quem “faz ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; e é ele, quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante, que decreta a sua negação ou que empurra para o não-ser” (SAYAD, 1998, p.56). Evidencia-se que o trabalho torna o homem e a mulher sujeitos de sua própria história; quando se torna escasso ou é pouco valorizado, leva ao surgimento do emigrante. Ao fim desses três anos de migrações temporárias, a entrevistada e seu esposo avaliam os custos de tais mobilidades e constatam que o retorno financeiro não era tão vantajoso, o que leva o casal a permanecer fixo no país de origem após o terceiro ano em volta de viagem..

Quanto a este período de sua vida, Madalena o descreve como: “Uma experiência muito diferente, a cultura, o ambiente, o clima, é tudo muito diferente. Eu quero um dia ir de novo com a minha família”. Ao tornar presentes as memórias sobre este período em que viveu na Áustria, seu tom de voz muda e percebemos sua alegria e o desejo de descrever os lugares, as pessoas, as paisagens e as emoções sentidas. Lowenthal afirma que “toda consciência do passado está fundamentada na mesma. Através das lembranças recuperamos a consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos ontem e hoje e confirmamos que já vivemos um passado” (LOWENTHAL, 1998, p.83). Relembrar o passado é fundamental para o nosso sentido de identidade: saber quem somos confirma o que somos. “Nossa continuidade depende inteiramente da memória; recordar experiências passadas nos liga a nossos *selves* anteriores,

por mais diferentes que tenhamos nos tornado” (LOWENTHAL, 1998, p.83). A experiência vivida nesta migração por esta jovem de vinte e poucos anos a marcou profundamente e faz parte de sua identidade.

Sobre os lugares em que morou e trabalhou de forma temporária na Áustria – cidades de Au, Mellau, Uga-alp, no estado de Vorarlberg, e cidade de Montafon, no distrito de Bludenz, estado de Vorarlberg – a entrevistada recorda, dentro do imaginário feminino, as montanhas, montanhas verdes, a natureza que brotava sem ninguém semear e surgia após o gelo descongelar. Recorda, ainda, a cultura, as músicas, do povo, segundo ela, bastante acolhedor, de escalar montanha, das experiências de viajar de avião, a ansiedade pela viagem, saudade dos familiares que ficaram, e contrasta e sente a diferença na limpeza dos ambientes internos e externos, algo que, para ela, era muito difícil de conservar no Paraguai, devido ao lugar em que morava, campo de terra vermelha.

Para ilustrar o período em que esteve naquele país, solicitei-lhe fotos que me foram prontamente enviadas. Escolhemos a que melhor mostra o contraste entre a geografia de ambos os países, Áustria e Paraguai. Optamos pela foto do hotel onde ela trabalhou em uma temporada de inverno.

Figura 1: Hotel UGA ALP de Damüls (2006)



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Quando retorna em definitivo para o Paraguai, não mais trabalhando de forma temporária na Áustria, alguns anos depois, estando em Tirol, Madalena, com 26 anos e grávida, acaba recebendo a visita de um agente que encaminhava papéis para fazer a documentação de filhos de brasileiros residentes no Paraguai, algo muito comum, segundo entrevistados, nesses distritos fronteiriços com o Brasil. Ali existem, ainda hoje, irregularidades na documentação de imigrantes e uma demanda por documentos brasileiros, por parte dos filhos de imigrantes para se buscar serviços públicos no país de origem dos pais. No caso de Madalena, por necessitar de um acompanhamento médico, resolveu providenciar a documentação brasileira, o que lhe permitiu fazer o seu pré-natal em Foz do Iguaçu, no estado do Paraná. Anteriormente, até tentou buscar atendimento médico no seu país, mas preferiu adquiri-lo além-fronteiras.

Entre os nossos entrevistados em pesquisas anteriores e atuais, a busca por serviços públicos de saúde nos municípios fronteiriços brasileiros foi relatada como algo bastante recorrente. Em sua pesquisa junto aos “brasiguaios²”, Marques (2009) constatou que as principais motivações para se buscar atendimento médico no Brasil estão ligadas à gratuidade do serviço, à precariedade da saúde pública do Paraguai, à ausência de documentos paraguaios e à existência de documentos brasileiros e, da parte de alguns entrevistados, ao bom atendimento no Brasil (MARQUES, 2009). É importante ressaltar que, atualmente, a disponibilidade e qualidade dos serviços, segundo entrevistados, são melhores e, dependendo do caso, até melhores que no Brasil, porém, particulares.

Os meses se passaram e, estando próxima de ter sua filha, a nossa entrevistada vem com a mãe para o Brasil, sem saber que esta vinda levaria a mais uma migração. Como a mesma nos relata:

A minha mãe veio de mudança para Santa Terezinha [de Itaipu] e eu vim com a mudança dela e o meu marido ficou no Paraguai, na nossa casa. Eu ia ficar ali só até a minha pequena nascer, e depois eu ia voltar para o Paraguai, mas não foi isso o que aconteceu. Quando ela nasceu, o médico já logo detectou um problema de saúde [...]. Pela doença rara e tudo, o médico falou: ‘Vai ter que ter acompanhamento pelo resto da vida, remédio controlado’. Daí o meu marido falou: ‘Então se é isso, nós vamos vir morar para cá (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Madalena aproveita-se dessa rede familiar, na qual a sua mãe é a referência, para buscar atendimento no Brasil. Segundo Santos, “Táticas e estratégias são acionadas entre os membros da rede, possibilitando que pessoas circulem e habitem em diferentes lugares, fundando um uso do território que não se conforma aos limites físicos das fronteiras nacionais” (SANTOS, 2021, p.55).

Como a entrevistada, muitos imigrantes paraguaios, brasileiros ou filhos de brasileiros, nascidos no país vizinho, buscam apoio de familiares residentes na região de fronteira brasileira. Um ponto de acolhida e referência para serviços, como saúde e educação e, em seguida, acabando retornando para o Paraguai, realizando um movimento de circularidade entre os dois países Marques (2009). No caso dos paraguaios, em pesquisa com um grupo de mulheres paraguaias de classe média baixa na fronteira entre Brasil e Paraguai, Guizardi et al constataam que “el desplazamiento en busqueda de cuidado medico del lado brasileño constituye una de las estrategias de movilidad transfronteriza: las mujeres se mueven a partir de la percepción de una (des)ventaja relativa de protección social pública de salud en Paraguay” (GUIZARDI, et al, 2020, p.514).

Nestas situações, como as mesmas autoras defendem, a proximidade com a fronteira se apresenta como uma “oportunidade”, como também no caso da entrevistada e seu esposo. Porém, neste mesmo caso vemos que o casal, diante da necessidade de um acompanhamento médico especializado maior, em 2010, decide emigrar para o Brasil. Madalena nem retorna mais para o Paraguai. Com a ajuda de alguns amigos, o esposo traz a mudança e o casal se estabelece de forma definitiva em Santa Terezinha de Itaipu.

A gente decidiu, porque não tinha outra escolha [...]. [Esposo:] ‘Não, fica aqui eu vou para lá [Paraguai] buscar a mudança’. Eu nem fui junto fazer a mudança. Ele foi sozinho com uns amigos dele, carregaram tudo e trouxeram para cá. Caí de paraquedas aqui no Brasil, dez anos já (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Desde pequena, a filha de Madalena faz uso de remédios controlados e, com isso, segundo ela, leva uma vida tranquila. Nos primeiros tempos da família no Brasil, surgiram desafios e dificuldades. A inserção no mercado de trabalho era difícil por não serem conhecidos. Porém, puderam contar com a solidariedade de vizinhos com cestas básicas, algo que amparou a família naquele momento. Neste tempo, também acontece algo que mudaria a situação econômica da família.

Daí surgiu aquilo de [...] eu pensava assim [...], porque no Paraguai a gente estava no sítio, sempre trabalhava na roça, sempre inventava alguma coisa. Aí a gente [es]tava um tempo aqui, eu falei: ‘Vou ter que inventar alguma coisa’. O meu marido logo conseguiu serviço de servente de pedreiro. No começo foi difícil, ninguém conhecia. [Nos] primeiros tempos, assim, a gente vivia de doações, de cestas [...]. Um dia eu falei: ‘Vou ter que inventar alguma coisa também [...]’. Um dia passou um carro de som

anunciando que iriam promover curso de lingerie na cidade e o meu marido falou: ‘Vamos lá na reunião, vamos ver o que acontece, como que é’. Daí eu me inscrevi, escutamos o cara explicar (Entrevista realizada *online* na data de 03/02/2021).

Madalena, agora morando na cidade, vivencia outra experiência diferente daquela do campo em que sempre “inventava” algo para fazer, que provavelmente poderia ajudar no sustento familiar do casal. Esta situação, segundo a sua fala, a deixa inquieta pelo tempo ocioso que agora ela passa a ter e porque certamente sabia que a renda do esposo não seria o suficiente para o sustento da família na cidade. Então, diante da proposta do carro de som, vê uma luz para buscar uma fonte de renda para a família.

O curso era somente de videoaulas, com duração total de 8 horas. A empresa prometia comprar as peças, o que, de fato, não acontecia. Atualmente, Madalena vê isso como algo positivo, pois, a seu ver, se a empresa cumprisse com aquilo que ela prometeu, ela estaria ainda hoje dependente dela, produzindo só para ela. Madalena começou a aprender fazendo e foi se reinventando sozinha. Aos poucos, as costuras foram aumentando e as vendas também, remetendo à necessidade de contratação de costureiras, culminando no surgimento de uma pequena empresa. Quanto ao seu esposo, como a mesma descreve: “A gente cresceu e aí chegou num ponto que não dava mais certo ele trabalhar de pedreiro e eu com a costura, então ele começou a trabalhar junto”. Assim, o trabalho, que era de exclusividade da esposa, passa ser tocado junto, pelo casal, e segue ainda hoje.

5 RELAÇÕES DE MADALENA COM O PARAGUAI, PAÍS DE ORIGEM

Como a nossa entrevista se deu de forma on-line, devido à pandemia, questionamos a entrevistada para buscar saber como a empresa lidou com a realidade da Ponte da Amizade fechada, entre 18 de março a 15 de outubro de 2020, sendo que 60% das vendas de sua produção são para o Paraguai e que apenas os caminhheiros poderiam cruzar a fronteira. E Madalena nos relatou as estratégias utilizadas para superar esse momento que poderia levar ao fechamento da pequena fábrica.

Foi uma experiência diferente de novo, porque eu fiz amizade com um monte de caminhoneiros, antes não tinha contato de caminhheiros. As mulheres pediam as coisas e não tinha como passar, só os caminhheiros passavam, por Foz [do Iguaçu] e por Guaíra também. Daí eu mandava pelos caminhheiros (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Por meio do telefone, Madalena formou uma rede que possibilitou o transporte de sua produção articulada à outra rede de vendedoras no Paraguai. A entrevistada, como no caso estudado por Guizardi *et al* (2020), embora em situações diferentes do grupo analisado pelas autoras, soube utilizar-se de estratégias para que a sua atividade laboral pudesse ser desempenhada e chegasse ao país vizinho. Com isto, Madalena conquistou confiança e credibilidade junto às suas clientes e, por outro lado, também tinha essa reciprocidade da parte delas, fator que possibilitou que a produção da sua firma pudesse circular pela fronteira, sendo comercializada no Paraguai.

E hoje já tem a possibilidade de ir lá para o Paraguai, ir numa casa de banco e transferir dinheiro ou depositar dinheiro. As pessoas que são de confiança, que eu já conhecia há muito tempo, mandavam mercadoria e elas depositavam ou depositavam antes. Até teve uma [vendedora] que, entrou na pandemia, começou a vender. Ela um dia me mandou um comprovante, ela falou: 'Olha, [Madalena] eu depusitei tanto para garantir mercadoria'. Então, assim, as mulheres depositavam o dinheiro antes de eu mandar [pausa]. Eu posso dizer que foi o melhor ano para nós, financeiramente foi o melhor ano (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Com isto, a entrevistada soube como e empreender em um dos períodos mais difíceis economicamente em nível mundial e, principalmente, em uma região de fronteira que foi muito prejudicada na questão do comércio, em especial, Ciudad de Leste, onde este ramo econômico era mais forte. Para Madalena, o ano de 2020 foi o melhor ano para a sua pequena fábrica.

Indo mais para o fim de nossa entrevista, questionamos Madalena se, para ela, era melhor Paraguai ou Brasil, se poderia haver um retorno ao país de origem, algo muito comum nessa região de fronteira, onde o ir e vir entre os dois países é constante. Em resposta, concluiu que prosperar financeiramente seria mais difícil no Paraguai e que se sente em casa em Santa Terezinha de Itaipu, onde não teve dificuldade para se adaptar e por isso não pensa em retornar.

A gente trabalha a semana inteira aqui e não suja o chão, só tem sujeira de linha e resto de tecido, não tem sujeira. Se eu vou para o Paraguai, eu estranho muito [...]. Não é que eu não gosto de ir para lá, considero muito o lugar que eu cresci lá [...]. Considero muito o povo de lá, tem as clientes, pessoas que eu vou visitar, muito hospitaleiras e tudo, tem a cunhada, [risada] (Entrevista realizada on-line na data de 03/02/2021).

Segundo Madalena, a atividade que exerce atualmente não seria possível de ser realizada onde morava no Paraguai devido à dificuldade de manter tudo limpo em uma região de terra vermelha. Chama nossa atenção o fato de que em vários momentos de sua entrevista a limpeza é constantemente frisada em

sua fala como uma preocupação. Porém, ela expressa em sua fala, um vínculo estreito com o Paraguai, país em que nasceu e no qual viveu até os 26 anos, onde vivem as suas clientes e familiares, como a cunhada com quem compartilha saberes via redes sociais de internet em torno do cultivo de orquídeas.

Eu e ela [cunhada] começamos a nos interessar por cultivar orquídeas praticamente ao mesmo tempo, eu não sabia dela e ela não sabia de mim. Daí um dia ela começou a postar [...] a gente divide experiências [...]. Eu fiz, tipo, um curso na internet [...] sobre cultivo e eu aprendi como fazer e comecei a comprar, e é uma terapia muito gostosa sabe, ver as plantinhas ali, agora eu estou ensinando as vizinhas. É muito gratificante! (Entrevista realizada *online* na data de 03/02/2021).

Em todo o seu relato, Madalena traz elementos do imaginário feminino ligado ao cuidado com a casa, filhas, plantas, a relação com as vizinhas, a limpeza de ambientes, a dimensão do trabalho que apareceu muito forte e as estratégias utilizadas para superar os obstáculos e seguir com o seu negócio. Os lugares e os sentimentos, que a eles se refere, estiveram frequentemente presentes em sua fala. Para Tomascheski, “Nota-se como a memória feminina é construída a partir da significação dos espaços e lugares vividos” (TOMASCHESKI, 2018, p. 80). Quanto ao lugar das mulheres migrantes, Tedeschi, afirma que:

É o espaço onde elas conseguem e podem construir laços de familiaridade e sociabilidade. Por isso, as referências sociais e afetivas presentes nas memórias que contribuem, antes de qualquer coisa, para que elas se agreguem com maior facilidade aos novos espaços culturais e sociais onde vão viver e atuar (TEDESCHI, 2012, p. 10).

Com base nessas vivências em vários lugares, Madalena nos narrou a sua história de vida em cada um deles. Em *As Pequenas Memórias*, Mondardo percebe que Saramago narra as “vivências de um lugar que, ao mesmo tempo que parecem estar congeladas em algum lugar da memória, foram eivadas juntamente com outros lugares, noutros modos de viver e de sentir” (MONDARDO, 2016, p.147).

Em forma de síntese das trajetórias migratórias de Madalena entre Paraguai, Áustria e Brasil, elaboramos uma linha do tempo que contempla os lugares de estadia.

Linha do tempo da história de vida da entrevistada e suas migrações em diferentes lugares



Fonte: Dados da entrevista.

Nos novos espaços, como Madalena frisa constantemente em seu relato, teve que começar de novo, mas não partia do nada para recomeçar e, sim, das experiências por onde passou e viveu, como no caso de muitas mulheres migrantes. Do trabalho no campo e doméstico, teve que partir para buscar trabalho no campo e em outros serviços, em uma migração transoceânica para um continente de onde partiram os seus antepassados. Em busca de saúde da filha, Madalena realiza uma migração transfronteiriça para o país de seus pais e, para complementar a renda da família, passa a produzir por conta própria e se torna administradora de seu próprio negócio. Neste processo, foi aprendendo e intercambiando saberes aprendidos ao longo das mobilidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “TODO MUNDO TEM BASTANTE COISA QUE PASSA NA VIDA...”

O exercício que nos propusemos acima foi o de perceber, através da análise da trajetória de uma imigrante, as implicações dos processos migratórios na vida dos sujeitos envolvidos. As memórias da entrevistada nos possibilitaram compreender os seus percursos dentro de um contexto onde se inserem a emigração de brasileiros ao Paraguai, emigração internacional para a Europa e a emigração para o Brasil ou de retorno a este país para muitos brasileiros em busca de serviços públicos ou por outras motivações.

Constata-se também nas migrações da entrevistada a presença de diversas motivações, como o desejo de seu pai de ser proprietário de terra, a perda violenta de um membro da família, desavenças familiares, busca por novas oportunidades de trabalho e experiências de vida e a busca pela saúde dos dependentes, mostrando que o fator econômico não é o único determinante para levar alguém a emigrar.

Eis as *Pequenas Memórias* dos lugares em que Madalena: os lugares em que viveu, seja no Paraguai, país de origem, como da trágica e violenta perda do pai, da casa nova, das brincadeiras de criança, da migração para junto dos avós paternos, da escola, do trabalho na roça, do casamento e das suas mobilidades, da perda trágica do padrasto e do filho. Ou, idas e vindas entre Paraguai e as cidades da Áustria dentro da mobilidade do trabalho, onde paisagens e culturas diferentes marcaram nossa informante. E por fim, as memórias da mobilidade que levou à busca de saúde para a filha no Brasil e, com ela, a possibilidade de poder investir de forma autônoma em uma pequena confecção. Todas essas *Pequenas Memórias*, narradas pela nossa entrevistada, são permeadas de emoções, marcas, lugares, paisagens, sonhos, desafios, perdas trágicas, recomeços, enfim, outros tantos elementos que nos levam a pensar na complexidade e no desafio de trabalhar com a fonte oral, mais especificamente na modalidade de história de vida.

Em seus relatos, vemos como estas mobilidades vão se dando através de redes sociais e familiares, que vão ganhando também dimensão transnacional e transfronteiriça, possibilitam a emigração a inserção laboral, auxiliam na

permanência nos locais de destino, na busca por serviços públicos e gratuitos, na inserção no mercado de trabalho e, por fim, no transporte e comercialização da produção da pequena confecção.

Por fim, é necessário destacar, dentro dessas mobilidades, a agência da mulher no trabalho, seja nas atividades no campo, no trabalho doméstico, no trabalho temporário, em serviços gerais realizados por muitas delas em outros países, à frente de pequenos negócios, no cuidado da casa e entornos, e dos filhos. A entrevistada é uma imigrante que empreende no país de destino e se insere neste espaço fronteiriço, que lhe traz oportunidade, bem como a circulação e comercialização de sua produção lhe possibilitam a manutenção de vínculos com o país de origem.

NOTAS

¹ O nome Madalena é fictício para preservar o anonimato da fonte.

² O termo “brasiguai” surge como uma denominação dada por um político a um grupo de brasileiros retornados do Paraguai no final da década de 1980 para o estado do Mato Grosso do Sul (WAGNER, 1990). Este grupo apropriou-se desta identidade para exigir do governo brasileiro o direito a terra. O termo, atualmente é empregado a diferentes grupos. Albuquerque (2005) apresenta várias definições atribuídas ao termo “brasiguaios”, a primeira ideia a do imigrante brasileiro pobre que não conseguiu ascender socialmente e acabou regressando ao Brasil. A segunda ideia refere-se aos grandes fazendeiros brasileiros residentes no Paraguai. A terceira, aos filhos de imigrantes que nasceram e possuem cidadania paraguaia. A quarta, aos imigrantes brasileiros e seus descendentes que falam um idioma fronteiriço e misturam características culturais das duas nações. A última definição atribui o termo brasiguai a todos imigrantes brasileiros no Paraguai. Quanto a esta utilização dessa denominação, Sprandel (2006) alerta para o potencial homogeneizador do termo “brasiguaios”, que engloba pessoas de diferentes grupos sociais e situações legais diferentes. Já Baller (2014) constata que houve um “alargamento das definições” quanto ao termo “brasiguai”, podendo ele abranger qualquer pessoa que vive no campo ou que tenha alguma atividade no Paraguai. O que fica claro para o autor “é que as mudanças do significado acompanharam o desdobramento do processo histórico pelo qual esse grupo vem passando, ao longo de sua historicidade, desde o século XX”. Leandro Baller defende que o termo “é manejado conforme a necessidade das pessoas que vivem e fazem parte das fronteiras do Brasil com o Paraguai. O termo passa a ser conveniente, quando se busca auxílio social em um ou outro País” (BALLER, 2014, p.161).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai**. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) –Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

ASSIS, G. de O. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p.745-772, 2007.

- BALLER, L. **Fronteira e fronteiriços: a construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014)**. 2014. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.
- BÁRBARA, M. S. Brasiguaios: território e jogo de identidades. In: PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. (Orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 333-346.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTI, L.; PARELLA, S. El retorno desde una perspectiva transnacional. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 21, n. 41, p. 9-20, jul./dez. 2013.
- GUIZARDI, M.; TORRALBO, H. G.; CONTRERAS, E. L. Dialécticas de la oportunidad: estrategias femininas de movilidad, cuidado y protección social entre Paraguay y Brasil. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, v. 65, n. 240, p. 487-526, sep./dic. 2020.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LOWENTHAL, D. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, (17), nov. p.63-201, 1998.
- MARQUES, D. H. F. **Circularidade na fronteira do Paraguai e Brasil: o estudo de caso dos “brasiguaios”**. 2009. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- MONDARDO, M. L. Dos lugares que vim ao mundo: Na trilha de uma geografia saramaguiana. In: GOETTERT, J. D.; MARSCHNER, W. (orgs). **Transfazer o espaço: ensaios sobre literaturas nômades em metamorfoses de espaços, tempos e sujeitos andarilhos**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2016. p. 145-158.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Les lieux de mémoire. I La République, Paris, Gallimard, 1984, pp. XVIII – XLII. Editions Gallimard 1984. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, (10), dez, 1993.
- PEDONE, C. Globalización y migraciones internacionales. Trayectorias y estrategias migratorias de ecuatorianos en Murcia, España. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de nº 69 (49), 2000.
- POLLAK. M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, [s.n.],v.5, nº 10, p. 200-212. 1992.
- ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 93-102.
- SANTOS, G. A. dos. Redes e território: reflexões sobre a migração. In: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. da (Orgs.). **Redes, sociedades e territórios**. 3. ed. rev. e ampl. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021. p. 53-80.

- SAQUET, M. A.; MONDARDO, M. L. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista NERA**, v. 11, n.13, p. 118-127, jul./dez. 2008.
- SARAMAGO, J. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SAYAD, A. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SPRANDEL, M. A. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. **Estudos Avançados**, v. 57, n. 20, p. 137-156, ago. 2006.
- TEDESCHI, L. A. Limites de gênero, limites do mundo: memórias de mulheres agricultoras e a luta por direitos sociais. *In.*: **HISTORIA ORAL: Revista da Associação Brasileira de História Oral**, v. 12 n. 1-2, jan.-dez. 2009. – Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral.
- TEDESCHI, L. A. Mulheres de fronteiras: migrações, memória e gênero. *In.*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10, 2012. Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis, 2012, p.1 -12.
- TEDESCO, J. C. **Estrangeiros, extracomunitários e transnacionais: Paradoxos da alteridade nas migrações internacionais Brasileiros na Itália**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.
- TOMASCHESKI, E. **“Dos lugares deixados, aos lugares chegados”**: histórias de mulheres brasiguaias do Assentamento Itamarati-MS. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2018.
- VANGELISTA, C. Mobilidade social e espacial como objetos da história. *In.*: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, MIGRAÇÕES: MOBILIDADE SOCIAL E ESPACIAL, 19, 2010. São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: Oikos, 2010.
- WAGNER, C. **Brasiguaios: homens sem pátria**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990
- WOORTMANN, E. F. Identidades e memórias entre teuto-brasileiros: os dois lados do oceano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre: ano 6, n°14, p. 205-239, 2000.

RESUMO

O presente artigo visa analisar as memórias de uma trajetória de vida de uma imigrante nascida no Paraguai, mas atualmente de nacionalidade brasileira e residente no município de Santa Terezinha de Itaipu, Paraná. Trabalharemos a trajetória considerando desde o seu ponto de partida e mobilidades no Paraguai, emigrações temporárias à Áustria, até sua emigração e estabelecimento no Brasil, buscando identificar o papel das redes sociais e a agência da mulher no trabalho em diferentes setores. Partimos de uma teorização breve sobre a memória e rede para, após, em uma descrição um pouco mais empírica, situar a sua trajetória. A metodologia utilizada é a história oral, na modalidade de história de vida. Por meio desta trajetória identificamos motivações presentes nas mobilidades, como o desejo de ser proprietário de terra, a perda violenta de um membro da família, desavenças familiares, busca por novas oportunidades de trabalho, experiências de vida e a busca pela saúde dos dependentes, mostrando que o fator econômico nem sempre é preponderante para emigrar.

Palavras chave: Mulher; Migração; Memória; Trabalho; Redes.

ABSTRACT

This article aims to analyze the memories of a life trajectory of an immigrant born in Paraguay, but currently of Brazilian nationality and resident in the municipality of Santa Terezinha de Itaipu, Paraná. We will work the trajectory considering from her point of departure and mobilities in Paraguay, temporary emigrations to Austria, to her emigration and establishment in Brazil, seeking to identify the role of social networks and the agency of women at work in different sectors. We start from a brief theorization about memory and network to, afterwards, in a slightly more empirical description, situate her trajectory. The methodology used is oral history, in the modality of life history. By means of this trajectory we identify motivations present in the mobilities, such as the desire to own land, the violent loss of a family member, family disagreements, the search for new work opportunities, life experiences, and the search for the health of dependents, showing that the economic factor is not always preponderant for emigrating.

Keywords: Woman; Migration; Memory; Work; Networks.

Um desafio à escola brasileira: relações sociais inclusivas entre alunos bolivianos e brasileiros

*Fabio Martinez Serrano Pucci
Maura Pardini Bicudo Vêras*

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo* objetiva apresentar um dos relevantes aspectos da inserção de contingentes estrangeiros na sociedade receptora, no caso, a presença de bolivianos no que tange à educação formal de seus filhos em escolas da cidade de São Paulo. Embora o Brasil tenha se constituído com formação multiétnica e multicultural, os processos educacionais, também carregados pelas questões étnico-culturais, as relações escolares são complexas e nem sempre obedecem a perspectivas inclusivas: a escola e as relações que nela se desenvolvem trazem diferentes significados atribuídos tanto pelos grupos participantes, pelo corpo docente e diretivo, imbuídos de diretrizes do Estado, portadores da cultura oficial e nacional, e igualmente por segmentos diversos, constitutivos da população, em geral, imigrantes e também aqueles antes excluídos como negros, escravos, moradores de áreas rurais, e estrangeiros em situação irregular.

Um campo de pesquisa profícuo se desenha, pois, quanto a tais tensões no caso dos imigrantes em São Paulo, cidade caracterizada por grande fluxo migratório, especialmente nos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX. A imigração boliviana para a capital paulistana tem início na década de 1950 (SILVA, 1997), principalmente jovens que vinham estudar ou trabalhar. Na década de 1970, a demanda por mão de obra, por conta das “obras desenvolvimentistas” do regime militar, atraiu mais imigrantes. Entretanto, somente a partir da década de 1980 esse fluxo ganha maior volume, com a vinda de bolivianos em busca de melhores condições de vida, e que irão compor a mão de obra não qualificada nas confecções de bairros como Brás, Pari e Bom Retiro.

A Constituição Federal de 1988 garante o acesso à educação de qualquer imigrante que esteja em território nacional, ainda que esteja indocumentado¹. Entretanto, há alguma controvérsia na garantia desse direito ainda do ponto de

* Este artigo resulta, em parte, de pesquisa de iniciação científica financiada pelo CNPq e complementada por pesquisa de mestrado financiada pela FAPESP, ambas desenvolvidas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo por Fabio Martinez Serrano Pucci sob a orientação de Maura Pardini Bicudo Vêras.

vista jurídico, e também há barreiras que, embora não legais, impedem o pleno acesso dos imigrantes às escolas. Esse assunto é estudado também por diversos pesquisadores. Entre eles, Magalhães e Schilling (2012), com base teórica em Touraine (1999), propõem analisar a inserção escolar dos bolivianos de forma mais ampla, incluindo sua relação com a comunidade escolar local (alunos e professores), as características dessa trajetória de estudos e o sentido da passagem pela escola brasileira para os(as) bolivianos(as).

Assim, esse é o principal problema apresentado pelas autoras em seu artigo: de que forma podem os imigrantes bolivianos viver junto aos brasileiros nas escolas? E como os brasileiros aceitam essa convivência? Os resultados aqui apresentados derivam-se de pesquisa exploratória e qualitativa realizada como iniciação científica, complementada pela investigação de mestrado de Fabio M S Pucci, ambas orientadas por Maura P. B. Veras, como será explicitado nos aspectos metodológicos apresentados oportunamente neste artigo.

Dada sua relevância, a abordagem da educação em seu cruzamento com o tema da imigração já recebeu a atenção de diversos autores e cenários. Na época em que a imigração esteve fortemente presente no estado de São Paulo, como dito anteriormente, no período da transição para as primeiras décadas do século XX, a preocupação com as vivências e as representações das famílias no novo contexto oportunizou diversas análises, em especial sobre portugueses, italianos, japoneses e alemães (Demartini, 2004).

É importante lembrar que a cidade de São Paulo tem sua história marcada pela presença de imigrantes, não apenas no período colonial com portugueses, mas depois italianos e demais europeus, também com levas maciças de escravos africanos, acentuadamente no ciclo do café, e que moldaram a cidade em seu ambiente construído, hábitos, cultura e sociabilidades (VÉRAS, 2003a). Essas vivências e heterogeneidade exigem uma indispensável atenção para análises do processo educacional. A palavra de Sayad é sempre emblemática:

Não se pode ignorar a particularidade dos países do Novo Mundo que, em razão de sua história singular, são por definição, países de imigração (...) e tem uma relação diferente com os imigrantes [diferente da Europa](...). E ainda: “não se habita impunemente um outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça dessa presença, sem que se sofra, intensa e profundamente, conforme as modalidades de contato, os domínios, as experiências (...) (SAYAD, 2000, pp. 10 e 14).

Ao conceituarmos a educação de forma ampla, incluindo tanto processos informais quanto a escolaridade, identificamos intensas e duradouras formas de contato entre nacionais e estrangeiros. As experiências, expectativas e projetos individuais e familiares convivem cotidianamente nos espaços escolares, a cultura de origem interagindo em cada processo, inclusive de aprendizagem, pois alguns grupos

têm origem rural e baixa escolaridade, outros apresentam repertórios eruditos e assim por diante. Mesmo para grupos da mesma origem, variam os significados da vida escolar e também suas expectativas. Enfim, são aspectos fundamentais para uma análise da educação brasileira. De acordo com Hortas (2013):

As escolas, principais organizações educativas, são hoje espaços de significativos intercâmbios culturais e, como tal, diretamente envolvidas no acolhimento e integração de indivíduos de origens socioculturais diversas. O seu papel é fundamental para a criação e sustentabilidade de uma sociedade multicultural tolerante (HORTAS, 2013, p. 41).

Ainda segundo Hortas (2013), não basta que a escola adote políticas educativas. Ela necessita atuar também nos bairros e núcleos de vizinhança, pois serve a uma comunidade e a um território. Nesse sentido, escolas que atuam em bairros com maior diversidade precisam “promover espaços de convivência intercultural e valorização da diversidade” (HORTAS, 2013, p. 44).

A adoção do “multiculturalismo” enquanto política educativa é uma das soluções adotadas por algumas escolas e diz respeito a “um conjunto de medidas legislativas e ações pragmáticas que têm por fim (alegado ou real) a integração dos diferentes grupos étnicos na sociedade em que estão radicados.” (ROCHA-TRINDADE, 1995, p. 249). Entretanto, Skliar & Duschatzky (2001) alertam criticamente para essa vertente, pois tende a favorecer uma ótica folclórica, na medida em que as práticas “multiculturais” promovidas pelas escolas muitas vezes se traduzem em festejos escolares nos quais se promove o “espetáculo do exotismo”.

Ainda que o “multiculturalismo” seja uma política controvertida, Wieviorka (2006) atenta para esse debate entre “políticas assimilacionistas” e “políticas multiculturais”, colocando em pauta o dilema da educação dos filhos de imigrantes. Ele define o “multiculturalismo” como: “uma política pública inscrita nas instituições, no direito, na ação governamental (ou local) para dar às diferenças culturais ou, ao menos a algumas dentre elas, um reconhecimento no espaço público.” (WIEVIORKA, 2006, p. 152).

Assim, estão implicados na presente discussão, os temas do território de inserção na escola e o debate sobre a educação intercultural, ou, minimamente multicultural. No que se refere ao território, entende-se como crucial a relação da escola no contexto espacial, pois carrega a presença dos imigrantes ali localizados e a cultura do entorno. Do ponto de vista geográfico e culturalista, o território e a territorialidade superam a noção de jurisdição política (poder do Estado); significam abrangência da presença humana e dos lugares como parte de uma totalidade de sujeitos em suas múltiplas relações (SAQUET, 2007). O lugar é, carregado também de identificação do morador (VÉRAS, 2003), mesmo que o imigrante represente algo de (des)territorialização e nova (re)territorialização, quase híbrido, permeado de tensões entre o novo e o antigo sentidos ao longo de processo temporal mais dilatado (HAESBAERT, 2004).

É preciso, pois, ajustar o olhar do pesquisador para captar os diversos sentidos do território dentro de uma cidade capitalista e desigual. Neste sentido, é importante ter presente a questão da alteridade para que se consiga perceber e captar as verdadeiras dimensões da vivência na metrópole. Assim, o observador precisa reunir pedaços, reconstruir espaços fragmentados para compor uma linha interpretativa, que supere a visão cotidiana que pode estar limitada e não crítica (VÉRAS, 2002). A cidade pode ser um “... caleidoscópio de padrões e valores culturais, línguas e dialetos, religiões e seitas, modos de vestir e alimentar, etnias e raças (...)” (IANNI, 1994, s.p). As conceituações específicas, embora circunscritas no limite de um artigo, trazem a reflexão para a reprodução das desigualdades planetárias no espaço urbano e a importância da localização dos sujeitos da pesquisa analisados, como no caso do presente trabalho.

O bairro do Brás, um dos territórios em que se desenvolveu a pesquisa, dentro do contexto da cidade de São Paulo, que sempre apresentou zonas segregadas, representou historicamente o lugar das classes subalternas, pois desde o processo da primeira industrialização em finais do século XIX, recebeu ex-escravos e imigrantes e constituiu-se como abrigo aos recém chegados que ocupavam habitações precárias. O cenário era o da convivência com pequenas fábricas e era berço operário, especialmente até os inícios do século XX. Em décadas seguintes, o bairro recebeu novas levas de imigrantes internacionais e nacionais, especialmente nordestinos. O século XXI veio a apresentar nesse espaço novos contingentes como coreanos, inicialmente nas confecções, no comércio popular e, sobretudo, bolivianos e outras etnias mais recentes como haitianos e africanos.

Como a cultura impregna todas as atividades urbanas e também a territorialidade, como formas de comunicação dos residentes com o entorno, é o seu grupo que dá a consciência da pertinência a um lugar. No caso de imigrantes, quando os deslocamentos lhes agridem, sua identificação e territorialidade lhes são “roubadas”, levam ao estranhamento simbólico. O território ganha sentido vital pela identidade com o lugar, por meio de seus pares, pela memória. Neste sentido, nesse pedaço da cidade convivem imigrantes, setores pauperizados, moradores da precariedade, enfim, segmentos subalternizados diante das desigualdades socioespaciais recorrentes na cidade capitalista.

O tema da alteridade se enlaça à subjetividade e ao território, como processos ligados à vida urbana tais como segregação, etnia, identidades, como já estudado por diversos autores, sempre a evidenciar a luta pelo espaço de diversos segmentos, em destaque pelas etnias (MARCUSE, 1997; WACQUANT, 1995).

Importante identificar, portanto, como os sentidos do território, hoje também como território-rede, além do território-zona, são vividos de formas diferentes por distintas classes sociais, atentando para as camadas subalternas que não possuem as mesmas facilidades para circular entre “mundos diferentes” como o fazem as elites. Pensar a escola em sua relação com o território é identificar a rede de relações dos lugares, da vida e da cultura. No caso de alunos estrangeiros é

significativo e desafiador encarar a situação de moradia, emprego, equipamentos do lugar, a desigualdade social ali expressa, a cultura e as dinâmicas que mobilizam a comunidade (HORTAS et al.2014).

Do ângulo da educação intercultural, desde 1978 a UNESCO tratava, entre outros aspectos do seguinte:

[...] todos os indivíduos e grupos têm o direito de ser diferentes, de se considerarem diferentes e de serem vistos como tal. Contudo, a diversidade de estilos de vida e o direito de ser diferente não podem, em quaisquer circunstâncias, servir de pretexto para o preconceito racial; não podem justificar, de direito ou de fato, qualquer prática discriminatória (UNESCO, 1978, artigo 1o.).

Essas diretrizes se completam com a valorização da educação e da cultura (como patrimônio comum da humanidade para o desenvolvimento dos povos, respeitando o direito de todos os grupos à sua própria identidade cultural – artigo 5º) e que se dê atenção particular especificamente aos grupos raciais ou étnico-sociais ou economicamente desfavorecidos, de forma a garantir-lhes em completa igualdade e sem discriminação “(...) em particular nos domínios da habitação, emprego e saúde, respeitar a autenticidade da sua cultura e valores, e facilitar o seu progresso social e ocupacional, especialmente através da educação” (UNESCO, 1978, artigo 9-o.). A educação intercultural, portanto, exige o reconhecimento de nossa diversidade étnica brasileira, reconhecendo os fatores constitutivos de nossas identidades, sem fixidez nem restrições, pois nossos pertencimentos (raciais, linguísticos, étnicos, culturais, religiosos e nacionais) estão em contínuos deslocamentos, mutações e descontinuidades. Nesse sentido, a cultura nas escolas deve respeitar a diferença pessoal, grupal e cultural.

Na perspectiva relacional, funcional e crítica, a educação intercultural avançou na América Latina, tanto do ponto de vista da produção acadêmica quanto das políticas públicas, embora admita múltiplas leituras (CANDAU, 2012). Importante considerar que vai além de reconhecer, tolerar ou incorporar aquilo que é diferente, mas sim redefinir epistemologicamente e alterar estruturas sociais para que permitam o empoderamento daqueles inferiorizados. A existência de relações de poder que permeiam as relações de cultura e etnia faz refletir sobre conflitos e contestações.

Na sociedade brasileira, multiétnica, com novas e atuais configurações em torno de hibridização cultural, são oportunas as temáticas do multiculturalismo, de modo a reconhecer as diferenças, o que se estende ao âmbito educacional, harmonizando os diferentes grupos no ambiente escolar. Este, portanto, deve se reinventar para responder a tais desafios, inclusive com novos paradigmas pedagógicos, evitando estigmatizações e xenofobia (CANDAU, 2012; 2016).

O tema das relações de alteridade entre bolivianos e brasileiros foi estudado por diversos autores, entre eles, Pucci, Véras(2017 e 2018); o assunto entre escolares, também já foi estudado por Pucci (2011), Oliveira (2012), Gondin;

Pinezi; Menezes (2020). As citadas pesquisas de Pucci e Vêras (2017 e 2018), Oliveira (2012), Gondin; Pinezi; Menezes (2020) adotaram Elias & Scotson (2000) como referência, por meio da configuração *estabelecidos-outsiders*.

Na maioria das investigações, concluiu-se que os bolivianos enfrentam barreiras sociais para a sua inserção escolar e sofrem com a estigmatização por parte dos colegas brasileiros. Por fim, o assunto também já foi abordado sob o ponto de vista dos professores Molinari (2017) e a relação destes com os pais de imigrantes (MIYAHIRA, 2017). Molinari (2017), por exemplo, aborda as estratégias didáticas ao lidarem com as diferenças culturais dos estrangeiros. Outro enfoque busca entender a “relação entre o fracasso escolar e a participação dos pais no processo escolar” (MIYAHIRA, 2017, p. 129). Entre eles, Kohara (2016) enfatiza as caracterizações da precariedade habitacional vividas pelos bolivianos moradores em cortiços do Centro de São Paulo e as repercussões na vida escolar das crianças ali residentes.

Vários fatores podem restringir a aprendizagem. No caso dos bolivianos podem ser elencados: pais que trabalham muitas horas e não podem acompanhar o desempenho escolar dos filhos ou não podem ajudá-los com os deveres de casa, muitas vezes por precária formação educacional; pelo ambiente domiciliar inadequado para os estudos (pois geralmente residem em oficinas de costura, em habitações compartilhadas e na precariedade); a dificuldade de domínio da língua portuguesa; a adaptação a um novo contexto cultural, além da segregação nas escolas e os casos de preconceito. Estes, portanto, figuram como os principais problemas enfrentados para atingir um bom desempenho escolar (KOHARA, 2016).

Em relação à instrução dos pais, estudos revelam que, em geral, há baixo capital cultural da primeira geração (Bourdieu, 1986) que se reflete no fraco desempenho escolar da 2ª geração, como explicita Rocha-Trindade:

[...] os baixos níveis de escolaridade dos progenitores, que condicionam a sua integração profissional e social, e, assim, limitam a criação de condições materiais (alimentação equilibrada, habitação condigna, material escolar adequado etc.) e humanas (tempo disponível para acompanhar a vida escolar, fracas aptidões intelectuais e culturais etc.) indispensáveis a uma aprendizagem bem sucedida; a vulgar situação de não frequência de ensino pré-escolar, que ocorre geralmente pelas razões atrás referidas (ROCHA-TRINDADE, 1995, p. 250).

Segundo Bourdieu, o “capital cultural” pode ser transmitido de uma geração a outra, havendo diferentes acessos entre as pessoas (por causa da família em que nasceram, por exemplo). Isso é explicativo das desigualdades de habilidades e talentos. No caso dos bolivianos, especificamente, como dito, a maioria deles trabalha horas a fio em confecções, em ambientes domésticos superlotados desfavorecendo os estudos e dificultando o acompanhamento escolar dos

filhos. É muito frequente entre eles a conjugação do espaço de trabalho com o de moradia. Assim, costumam viver em ambientes confinados (com as janelas fechadas), barulhentos (com muitas máquinas de costura operando), sem espaço (além das muitas máquinas, colchões e produtos espalhados pela casa), superlotados (muitas famílias vivendo em poucos quartos) e inseguros (a fiação elétrica é precária, havendo risco de incêndio).

Além disso, “o domínio insuficiente da língua de ensino, os estereótipos e os estigmas de natureza psicossocial de que são alvo assumem também significativa importância” (ROCHA-TRINIDADE, 1995, p. 250). Esta autora fez tais observações para a segunda geração de imigrantes de uma forma geral. Mas, elas também são adequadas ao caso da segunda geração de bolivianos no Brasil, pois o domínio insuficiente da língua de ensino² é uma das principais barreiras para o aprendizado e um dos principais motivos da timidez, pois não falam nem espanhol nem português corretamente.

Este artigo contém, além desta introdução, mais três partes: 2- aspectos metodológicos, 3- uma reflexão sobre as relações escolares de aproximação e afastamento, no que se refere à sociabilidade entre alunos, e a presença do preconceito, racismo; e 4- finalmente, as considerações quase conclusivas.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

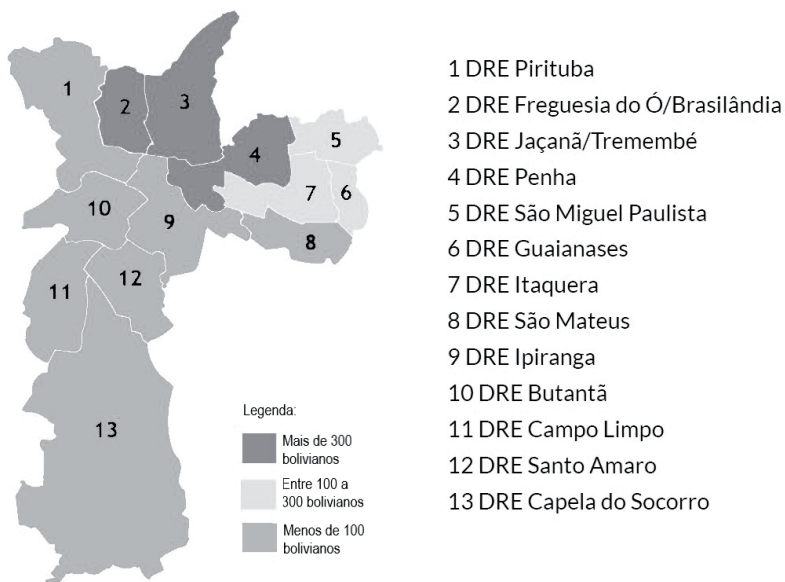
Com o objetivo de analisar as relações de alteridade entre bolivianos e nacionais nas escolas, este artigo originou-se de duplo resultado: de início, do esforço introdutório de uma pesquisa de iniciação científica³ (PUCI, 2011), com o objetivo geral de verificar como são vistos os bolivianos nos bairros do Bom Retiro, Brás e Pari em São Paulo, e cujo alvo específico consistiu na análise de como estes imigrados eram julgados pelos brasileiros na comunidade escolar local. Foram selecionadas cinco escolas (quatro públicas e uma particular⁴), onde foram realizadas entrevistas com professores, diretores e alunos (estes, apenas do ensino médio). De maneira complementar, foram acrescentadas entrevistas realizadas para dissertação de Mestrado (PUCI, 2016), na qual há depoimentos de pais bolivianos e reflexões sobre elas, permitindo análise do discurso desses interlocutores. Ambos os estudos foram desenvolvidos sob a orientação da Professora Maura Pardini Bicudo Vêras.

Assim, o foco deste artigo dirige-se à segregação, discriminação e estigmatização para com estrangeiros nas escolas, e, de forma breve, o quanto esses fatos influem no desempenho e nas relações sociais, bem como as estratégias institucionais adotadas, quando existiam, para lidar com a heterogeneidade de seus alunos. Foram entrevistadas 04 diretoras e 01 diretor de escola (sendo quatro em escolas públicas e uma em escola particular), 03 professores e 03 estudantes do ensino médio. Os nomes foram mantidos sob sigilo, utilizando pseudônimos.

Sobre a magnitude da presença boliviana, o Censo Demográfico (IBGE-2010) apontava que os bolivianos eram o segundo grupo mais numeroso de estrangeiros em São Paulo (21.690 indivíduos, cerca de 14% dos estrangeiros residentes na cidade), só perdendo para os portugueses, (mais de 23%, segundo a mesma fonte). Como são decorridos mais de dez anos desse recenseamento, a presença das suas crianças pode ser estimada por outras fontes. De acordo com Ventura, Guimarães e Reis (2017), havia 2.539 bolivianos matriculados no ensino público no Município de São Paulo em agosto de 2016. De acordo com o censo escolar de 2018, existiam 146 nacionalidades nas escolas do município de São Paulo, e entre as 30 delas mais frequentes, estão os bolivianos (5.833), em seguida os haitianos (975), angolanos (931), japoneses (765) e chineses (590) (CENSO ESCOLAR, 2018; FABIANO, 2020, p. 79). A mesma fonte informa que dos bolivianos, mais de 87% estão matriculados na escola pública e 12% nas escolas privadas. A presença marcante de alunos bolivianos nas escolas paulistanas (quase 40% dos alunos, imigrantes ou filhos de imigrantes, matriculados nessas escolas), justifica o objeto do presente artigo (CENSO ESCOLAR, 2018, *apud* FABIANO, 2020).

Ainda de acordo com Ventura, Guimarães e Reis (2017), os bolivianos estavam concentrados em escolas que pertencem às seguintes Diretorias Regionais de Ensino (DRE): Freguesia do Ó/Brasilândia (363 bolivianos), Jaçanã/Tremembé (769) e Penha (712):

Figura 01: Mapa das Diretorias Regionais de Ensino no Município de São Paulo, segundo o número absoluto de bolivianos matriculados



Fonte: Portal da Secretaria Municipal de Educação (<<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Page/PortalSMESP/Enderecos-e-Responsaveis>>) *apud* Ventura, Guimarães e Reis (2017). As cores do mapa são elaboração própria a partir de dados de Ventura, Guimarães e Reis (2017).

As DREs com maior frequência relativa de bolivianos são, respectivamente: Penha -DRE4 (1,12%), Jaçanã/Tremembé - DRE3 (1,19%), Freguesia do Ó/Brasília - DRE2 (0,51%) e Itaquera – DRE7 (0,21%). Estes dados, entretanto, referem-se apenas às escolas municipais, não abrangendo, portanto, as matrículas em escolas estaduais ou particulares. Além disso, segundo o site do Sindicato dos Educadores da Infância⁵, os bairros do Brás, Belém e Pari são abrangidos pela DRE 4 - Penha, o que explica a maior concentração de bolivianos nesta DRE. Ainda segundo a mesma fonte, o bairro do Bom Retiro, com alta concentração de bolivianos (PUCCI, 2016) está abrangido pela DRE9 - Ipiranga, o que esclarece o elevado número de matrículas.

Além disso, a presença de bolivianos na região norte e leste da cidade corrobora os dados do Censo Demográfico de 2010, apresentados também por Pucci (2016), que indicam maior presença de bolivianos nos distritos do eixo norte (Casa Verde, Vila Maria, Vila Medeiros e Vila Guilherme) e do eixo leste (Cangaíba, Vila Jacuí e Penha) da cidade. Ademais, Xavier (2010) também confirma haver maior presença de bolivianos nos eixos citados.

Por fim, vale destacar que esses dados incluem apenas os estrangeiros nascidos na Bolívia, mas não aqueles que são filhos de bolivianos nascidos no Brasil.

3 SOCIABILIDADE ENTRE ALUNOS: PRECONCEITO, DIFERENÇA, RACISMO

De acordo com os depoimentos colhidos, há restrita interação entre estudantes brasileiros e filhos de bolivianos⁶, como afirmam alguns alunos brasileiros:

... eles são muito tímidos. (...) ficam muito na deles e eles esperam as pessoas virem conversar. E ainda assim, quando as pessoas vêm conversar, eles se calam e não se abrem muito... (Bruno, brasileiro, estudante de ensino médio)

Nada, praticamente nada, porque eu não falo com eles, ninguém fala deles praticamente nessa escola. Então, aqui é cheio de turminha e cada um na sua... (Jéssica, brasileira, estudante de ensino médio)

Ambas as falas reforçam a ideia de que os filhos de bolivianos são “invisíveis”, pois ninguém fala deles na escola, indicando um cenário no qual a 2ª geração de imigrantes está segregada, o que pode influir em seu desempenho escolar (ROCHA-TRINDADE, 1995). Em uma pesquisa quantitativa envolvendo sete países europeus, Crul & Schneider (2009) verificaram que o desempenho escolar é pior para os filhos de imigrantes que já sofreram preconceito ou foram tratados como *outsiders*.

Nosso argumento, pois, neste artigo, busca revelar quanto de atitudes de preconceito ou xenofobia influem na inserção de alunos imigrantes na escola.

Em pesquisa de doutorado em outra escola no bairro do Pari, Fabiano (2020) relata que na visão dos alunos uma das maiores dificuldades encontradas são os problemas de comunicação e diálogo com os professores, além do domínio da língua nos anos iniciais. Mesmo superada a dificuldade do idioma, outros fatores podem atravessar a inclusão dos estrangeiros na escola: “Portanto, a falta de comunicação/diálogo certamente está relacionada a outros fatores que necessitam ser futuramente observados” (FABIANO, 2020, p.152).

Os professores e estudantes brasileiros entrevistados responsabilizam os filhos de bolivianos por essa separação, como se fosse opção voluntária deles e os brasileiros fossem muito receptivos. Segundo Marques (2005), a segregação ou o isolamento podem ser impostos externamente ou ainda, serem adotados voluntariamente, como uma estratégia de sobrevivência. No isolamento dos filhos de bolivianos há elementos dos dois tipos de segregação, tanto voluntários quanto impostos externamente. Entretanto, os discursos dos professores e estudantes brasileiros fazem parecer que apenas os bolivianos se isolam voluntariamente. Por exemplo, afirmam que, mesmo quando se aproximam dos filhos de bolivianos, estes continuam reservados, responsabilizando-os pelo próprio isolamento. O depoimento da estudante abaixo segue no mesmo sentido:

(...) eles estão vindo cada vez mais para o Brasil, só que eu acho que eles deveriam se misturar um pouquinho mais. Tem algumas que joga bola aqui no campeonato, um monte participou. Só que eu acho que deveriam ser um pouquinho menos tímidos (Jéssica, brasileira, estudante de ensino médio).

Segundo Jéssica, os filhos de bolivianos deveriam tomar a iniciativa de conversar com os brasileiros. Considera, portanto, a segregação como voluntária, mas não reflete sobre o posicionamento dos brasileiros, que não operam uma necessária autocrítica e nem se perguntam o que poderiam fazer para incentivar os bolivianos a se aproximarem; isto revela a ausência de percepção de que estão no conforto de uma posição majoritária, não manifestando, por exemplo, qualquer interesse pela cultura e educação da Bolívia, nem pela língua espanhola. Ademais, a maioria dos professores não estimula uma relação aproximativa entre os estudantes, resultando que estrangeiros não se sintam incentivados a desenvolver um maior contato. Há poucos casos em que isso ocorre, como no depoimento seguinte:

Aqui na escola existe talvez uma discriminação, mas muito pequena mesmo. Mas no geral eles se dão super bem. Só que os bolivianos procuram formar o gueto deles. O grupo deles. E eu particularmente trabalho para que aconteça essa mistura, até proponho para os alunos brasileiros, no caso, aprenderem com eles, porque eles já vêm pra cá com outro idioma e acho que essa troca de cultura é interessante. Dos dois lados (Sérgio, professor de educação física).

Sérgio é um dos poucos professores que incentiva os brasileiros a aprenderem com os filhos de bolivianos. No entanto, também os responsabiliza por seu isolamento, pois explicitamente afirma que “os bolivianos procuram formar o gueto deles”. Mais adiante em sua entrevista, Sérgio encontra hipóteses para esse isolamento:

Eu percebo também, não sei se é por medo, mas eles tentam ter uma comunidade meio que fechada. (...) Eles têm, talvez por essa questão de se sentir discriminados lá fora, a convivência deles mesmo é mais com a comunidade deles.

Pela primeira vez a discriminação surge como hipótese para o isolamento desses estrangeiros ou de seus filhos. Não seria, portanto, voluntário, mas, sim, imposto por fatores como a discriminação que sofrem também fora da escola. Entretanto, Sérgio nega a existência de discriminação dentro da escola, como forma de reduzir a responsabilidade dos educadores pelo problema interno. Com isso, mesmo admitindo-se que haja problemas externos e sejam fortes, constitui-se um recurso de negação que lhe permite conviver com aqueles existentes dentro das escolas, diminuindo a própria responsabilidade.

O futebol é uma das poucas ocasiões em que os bolivianos ou seus descendentes se sentem à vontade para interagir com brasileiros, embora não a única atividade. Mas, ainda assim, segundo o professor Sérgio, dificilmente se mesclam com brasileiros nos times. Não obstante, o futebol acaba por criar um ambiente de descontração para os estudantes bolivianos e são bem participativos quando incentivados a falar:

Falam. Sempre que damos oportunidade eles falam sim (Joana, professora no Brás).

Nosso bairro aqui nós temos muitos bolivianos e eu não sei se todas as pessoas veem isso com bons olhos. O colégio atende a uma clientela diversa e não tem preocupação com a origem ou crença ou etnia de qualquer pessoa. Existe, sim, preocupação em nosso meio no sentido de [evitar preconceito, pois] quando alguém vem visitar a escola e vê boliviano pergunta: “Aqui tem boliviano?” “Tem muitos” no sentido de que temos e ficaremos com eles e já aconteceu, tive casos de pais que vieram conhecer a escola e quando a funcionária falou: “Tem muitos” ele não fez a matrícula. Então, eu considero isso preconceito (Dulce, diretora de escola no Brás).

Dulce é uma das poucas diretoras que reconhece a questão da diversidade na escola. É possível traçar um paralelo entre a figuração ‘estabelecidos-outsiders’ com a relação entre os bolivianos e os brasileiros nos bairros estudados.

Segundo Elias & Scotson (2000), o grupo dos estabelecidos impõe um tabu aos seus membros de não poderem entrar em um contato não profissional com os *outsiders*.

3.1 Estigma, diferença, racismo

Goffman define o “estigma” como “um atributo profundamente depreciativo” (GOFFMAN, 2008, p. 13). Na relação brasileiros-bolivianos, enquadram-se como “estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família.” (GOFFMAN, 2008, p. 14). Assim, igualmente há a pertinência com o “estigma” imputado aos *outsiders*.

Por meio da figuração estabelecidos-*outsiders* é possível entender como esses “estigmas” se inserem na dinâmica social mais ampla, a dos territórios e núcleos de vizinhança. Segundo Elias & Scotson (2000), evitando o contato com o grupo dos *outsiders*, os estabelecidos são os antigos moradores de uma pequena cidade que se afirmam como humanamente superiores aos *outsiders*. Estes são os migrantes recém-chegados em busca de emprego. Os estabelecidos passam, então, a ver os *outsiders* como uma ameaça para o seu estilo de vida e identidade grupal e os estigmatizam como uma forma de cerrar fileiras frente aos grupos de migrantes, para mantê-los afastados das posições de poder. “Assim, a exclusão e a estigmatização dos *outsiders* pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 22).

É exatamente esse tipo de estigma que se utiliza contra os bolivianos, segundo alguns depoimentos:

Já ouvi falar muito sobre racismo. Dessa coisa tipo de discriminação, sabe, tipo, “ah, eles não são legais e eles fedem”. Sabe, coisas bestas, coisas que não têm muito valor, assim (Bruno, brasileiro, estudante de ensino médio no Pari).

Tem uma lenda que os alunos trazem aqui da comunidade. Dizem que eles têm problema de falta de higiene (Sérgio, professor de educação física no Pari).

O estigma da falta de higiene é apenas um dentre tantos.

Porque é hora de que eles sejam aceitos pelo que são. São descendentes de bolivianos, não são os bolivianinhos [...] ou o bolita, que eu sempre escuto. Às vezes minha filha fica muito magoada. Então, eu espero que com o passar do tempo ela possa se integrar e possa ser aceita. [...] Ela é brasileira, pelo amor de Deus, discriminada em seu próprio país. Por que chamam a minha filha de boliviana?

Bom, pejorativamente. Minha filha é linda, é meiga, é tudo, inteligente. Aí falam, “você é muito linda, mas você é boliviana, né”. Fala, “mãe, eu não sou boliviana e o pessoal fala que eu sou boliviana”. “Então, tudo bem. Você tem vergonha de ser boliviana?” “Mas eu não sou boliviana”, ela disse. “Tudo bem filha, mas você é descendente de bolivianos, você não tem que sentir vergonha. Da próxima vez você fala: sou brasileira igual você” (Maria, Boliviana, modelista, há 15 anos no país, moradora do Brás).

Na fala de Maria, a afirmação da diferença não anula para sua filha os efeitos da estigmatização que sofre, pois não quer ser identificada como descendente de bolivianos, mas como brasileira. Portanto, a mãe entende que ela precisa insistir na igualdade, afirmando-se brasileira como os demais colegas.

Segundo Pierucci (1999), a direita usa o discurso da diferença como uma forma de reforçar os estigmas, pois afirma as diferenças e depois as hierarquiza. Assim, “a rejeição da diferença vem depois da afirmação enfática da diferença” (PIERUCCI, 1999, p. 27). Pierucci insiste que a esquerda deve defender a igualdade antes da diferença, pois o discurso que causa ojeriza à direita é o do igualitarismo. É justamente isso que Maria percebe que sua filha deve fazer, insistir que é brasileira como os demais colegas antes de afirmar as diferenças (dizer que é descendente de bolivianos). No caso, sem dúvida, o fenótipo de traços andinos continuará a marcar a diferença mesmo nessa segunda geração de bolivianos (TRUZZI, 2012).

Ademais, isso ocorre porque é difícil para os bolivianos reagirem contra a estigmatização dos brasileiros, dada a diferença de poder e de organização entre os dois grupos. Para Elias & Scotson (2000), o estigma só é efetivo enquanto a balança do poder estiver desequilibrada em favor do grupo dos estabelecidos. Quando isso não ocorrer mais, os estigmas não terão mais nenhum efeito. Assim, uma tentativa de contraestigmatizar o grupo dominante será quase nula se os *outsiders* não tiverem alguma influência. E para ter influência, precisam ter cargos, ou posições de algum poder, prestígio, e de organização, de coesão. Trata-se, nos termos de Weber, de pertencer a um grupo de status, com seu estilo de vida, enquanto os estabelecidos defendem seu fechamento à mescla com outros segmentos sociais (WEBER, 1963). Ora, é justamente isso que Maria procura fazer para que a filha “possa se integrar e possa ser aceita” (palavras de Maria):

Então, eu estou pensando nisso, de reunir um grupo de mães aqui e levar mais gente pras escolas. Eu nunca deixo de participar, (...), pra eles saberem que estou aí. Eles saberem que minha filha não está sozinha, que tem pai e mãe que vão sempre proteger ela. O legal seria que eles soubessem que a comunidade está unida e está forte, que somos gente normal, igual que eles, pensamos igual que eles e que o grau de estudo em Bolívia é o mesmo que aqui. Senão que é melhor (Maria, Boliviana, moradora do Brás).

Mais uma vez, Maria insiste no discurso da igualdade e na ação coletiva. Se estiverem mais unidos poderão cobrar da escola atitudes concretas em relação à estigmatização, pois um dos maiores problemas notados nesta pesquisa é o silêncio das escolas em relação ao preconceito sofrido por filhos de bolivianos.

No discurso de muitos educadores, entretanto, há a tentativa de negar o problema, ou ainda de dizer que, se existe, nunca é naquela escola. Por exemplo, em 2010, surgiu na mídia o caso de bolivianos que foram hostilizados na Escola Estadual Padre Anchieta, no Brás: segundo as denúncias, os filhos de bolivianos tinham que pagar pedágio aos colegas brasileiros para ir ao banheiro e abrir mão do lanche que traziam, entregando àqueles. Por ocorrerem os fatos na mesma época em que se realizavam as entrevistas com educadores e estudantes utilizadas neste artigo, buscou-se entrevistar a diretora da Escola Padre Anchieta, mas a mesma recusou-se a fazê-lo. Ao contatar educadores de outras escolas, notou-se que eles se utilizaram da Escola Padre Anchieta como um bode expiatório, de modo a afirmar que ali naquela escola nunca havia ocorrido preconceito, embora aqueles casos existissem em outras escolas:

O ano passado, que teve uma ameaça de agressão física entre dois alunos, mas não chegou a ter. Aqui não tem. Aqui é tranquilo (Sérgio, professor de educação física).

Esta complacência com o preconceito acaba fazendo de muitos educadores cúmplices do que acontece, embora não sejam eles os agressores propriamente ditos, o que até foi denunciado por alguns de nossos entrevistados:

Mas [a gente] sente, né, na rua, quando a gente passa, têm brasileiros que não gostam de bolivianos. Porque é bem claro que eles não olham para você ou olham diferente. [...] O filho deles apanha [bate] [n]os nossos filhos e eles não falam nada. E nós, quando falamos, eles não querem que a gente fale. Então, a diretora mesmo, vai debajando [rebaixando] a autoestima de nossos filhos, né (Andréia, Boliviana, costureira e camelô, há 7 anos no país, moradora do Brás).

A boliviana acima revela como a questão da estigmatização vai além dos muros da escola e envolve a dinâmica social do território onde está inscrita. Ela menciona a discriminação que os bolivianos sofrem nas ruas, explicitando que é uma experiência pela qual ela também já passou, e não apenas o seu filho nos limites escolares. Ela inclusive menciona o silenciamento da estigmatização quando alguém se dispõe a falar sobre o assunto. Na atitude da diretora denunciada por Andréia emergem práticas de uma “educação adaptativa”, inócua quanto ao seu papel que seria de combater a barbárie das dinâmicas sociais inscritas pela prática da estigmatização e da violência (ADORNO, 1995b; 1995c apud CHAVES; SOUZA, 2018).

O seguinte depoimento apenas reforça a questão da indiferença dos educadores para com a estigmatização:

Ninguém sabe por que tem tanta evasão escolar de bolivianos. Mas eles apanham, sofrem bullying e têm que pagar taxa para ir ao banheiro. [...] Então, e os professores não interferem. Muitos têm conhecimento, e não fazem nada (Mônica, ex-voluntária de uma ONG que lida com refugiados).

Os depoimentos a seguir são casos de educadores que atenuaram a questão da estigmatização em suas escolas visando reduzir a sua responsabilidade. o que contribui para reforçar as desigualdades existentes.

No começo, os brasileiros que tinham preconceito contra eles. [...]Então, hoje em dia eu acho que há mais entrosamento dos brasileiros com os bolivianos (Amélia, diretora de escola pública no Brás).

Muitas vezes tenho recebido pais e mães que se queixam de que os filhos às vezes apanham na rua ou outro mais espertinho que toma um trocadinho que a criança traz. Mas já são os nossos malandrinhos contumazes (Catarina, diretora de escola pública no Brás - até 4ª série do ensino fundamental).

Nesta escola não tem preconceito por eles serem bolivianos. Eu tenho coisa de criança, independente de raça. Coisa de criança que brinca, se bate, fala que está brincando (Neuza, diretora de escola pública no Bom Retiro).

Estes posicionamentos (especialmente o de Catarina, que naturaliza a violência dos brasileiros chamando-os de “malandrinhos contumazes”) contrastam com o de Dulce, que diz ser preciso reconhecer o problema e enfrentá-lo:

[...] eu classifico bullying que vai desde uma brincadeira de um “zoar”, passa pela agressão física antes de chegar à verbal. Eu acredito que o bullying você trabalha preventivamente antes que ele alcance esse estágio. Mas que você tem que notificar. A primeira coisa é que a escola não pode negar a existência do bullying (Dulce, diretora de escola particular no Brás).

É possível perceber no discurso de Dulce o uso frequente do termo *bullying* ao invés de “estigmatização” ou “preconceito”. Chaves e Souza (2018) nos alertam para o uso indiscriminado do termo *bullying*, pois ele não faz referência às estruturas sociais mais amplas que condicionam a violência e a barbárie.

4 CONSIDERAÇÕES QUASE FINAIS

Como visto, são muitos os desafios colocados no convívio entre brasileiros e bolivianos nas escolas de São Paulo, entre os quais a segregação e o preconceito. Embora muitos dos filhos de bolivianos tenham nascido no Brasil, eles sofrem com o “novo racismo” (WIEVIORKA, 2006), no qual se apontam as diferenças culturais como justificativas para a hierarquização de diferentes grupos, e a sua consequente subalternização.

Muitos professores têm consciência dos problemas trazidos pela convivência de diferentes culturas no ambiente escolar, mas não recebem formação adequada para lidar com a questão. Em outros termos, a interculturalidade não faz parte do currículo e, entretanto, poderia trazer grande entrosamento ao longo do tempo.

Além disso, os “estigmas tribais” relacionados à nação (GOFFMAN, 2008) foram utilizados para depreciá-los (como a utilização dos termos *boliva*, *bola* ou *bolita*). Assim, como apontou Maria, uma das mães entrevistadas, a melhor estratégia é investir no discurso da igualdade, pois o discurso da diferença tem servido para justificar a hierarquização das diferenças (PIERUCCI, 1999).

Nesse sentido, observa-se um processo de “assimilação segmentada” (ZHOU, 1997) entre a segunda geração de bolivianos em São Paulo, ao menos no que diz respeito às relações de alteridade. Este conceito se refere a uma minoria que se encontra impossibilitada de ascender socialmente. Em parte, esse isolamento no interior da escola se deve ao “daltonismo cultural” (CANDAU, 2014), termo este que designa os professores que não se conscientizam das diferenças culturais de seus alunos.

Poucas escolas oferecem formação na área da educação intercultural e diversidade. A pesquisa de Fabiano (2020) revelou que no universo de doze professores entrevistados apenas um deles participou de ações voltadas à interculturalidade. Não existe na escola pública, de forma geral, um incentivo para que professores participem de cursos voltados ao tema da inclusão de estudantes imigrantes em salas de aula (FABIANO, 2020).

De maneira geral, as escolas adotam a abordagem “assimilacionista” (CANDAU, 2014), a qual reproduz processos de hierarquização e de desigualdade de acesso. Nesse sentido, a escola se torna uma instituição padronizadora e homogeneizadora, com tendência a apagar as diferenças culturais. Este modelo está intrinsecamente relacionado ao autoritarismo brasileiro, o qual historicamente subalternizou mulheres, negros e indígenas (SCHWARCZ, 2019). O mesmo pensamento retrógrado se dá com relação aos imigrantes, que são vítimas do racismo estrutural, que é ocultado pelo mito da “democracia racial”, segundo o qual o Brasil seria um país acolhedor para pessoas de variadas etnias e raça. Portanto, o que ocorre nas escolas com os bolivianos é uma repetição na história, ou seja, o passado continua a influenciar o presente.

No entanto, algumas escolas dão bons exemplos de políticas multiculturais para os filhos de imigrantes. Para Magalhães & Schilling

(2012), a escola pública é o espaço da convivência entre os diferentes, em que os muros devem ser derrubados e pontes construídas. A escola municipal Infante Dom Henrique, no bairro do Canindé, vem realizando, desde 2011, um trabalho exemplar nesse sentido. O diretor da escola, Cláudio Marques, afirma que quando assumiu o cargo na escola em 2011, os bolivianos sofriam com preconceito e estavam segregados (SANTOS, 2017). A escola passou a efetivar uma série de iniciativas para solucionar a questão: a veicular comunicação visual interna em inglês, português, espanhol e árabe (VALLE, 2017). Além disso, há duas alunas filhas de bolivianas que ensinam espanhol para os colegas (SANTOS, 2017).

Cláudio Marques também realizou um programa chamado *Escola Apropriada*, no qual os alunos estrangeiros ou filhos de estrangeiros se reúnem a cada 15 dias para debaterem temas relevantes para eles (VALLE, 2017). Nesses encontros, cada um deles pode convidar um colega brasileiro para participar. A escola também incluiu no currículo temas relacionados às vivências desses imigrantes, como o trabalho escravo e a xenofobia (VALLE, 2017). Não obstante, o maior feito da escola, segundo o próprio diretor, foi realizar uma expedição pedagógica (com duração de 5 dias) à cidade de La Paz, na Bolívia, para a qual foram escolhidos quatro estudantes estrangeiros, os quais foram acompanhados por mais quatro colegas brasileiros escolhidos por eles (VALLE, 2017). Nessa viagem tomaram conhecimento da cultura e dos costumes bolivianos. O resultado divulgado foi que a escola se tornou muito mais acolhedora e os casos de intolerância e estigmatização deixaram de acontecer.

De todo modo, no Brasil as diretrizes de ensino, bem como a Constituição Federal de 1988 apontam na direção de um “multiculturalismo” na educação. No entanto, não existe uma “política multicultural” de fato. Na realidade, o que se verifica é que há iniciativas localizadas em escolas específicas que procuram lidar com a diversidade étnica das populações atendidas. Portanto, há iniciativas pessoais de profissionais da educação que fazem com que determinadas escolas se adaptem às características do seu corpo discente. No entanto, não há diretrizes escolares abrangentes que possam configurar uma “política multicultural”, o que indica, portanto, que o tema da inclusão continua a ser um desafio para a escola brasileira.

NOTAS

¹ Embora a Constituição de 1988 garanta aos imigrantes o acesso à educação escolar, como um direito universal, que o Estatuto da Criança e do Adolescente também reconhecem-no como direito fundamental, ratificados por convenções internacionais validadas no Brasil, houve reações contrárias como as constantes no Estatuto do Estrangeiro de 1980 que condicionava as matrículas na escola ao registro do estrangeiro no país, deixando os indocumentados fora dessa condição. Verificar Waldman (2012) que concluiu pela necessidade de uma nova lei de Imigração, à época, analisando as controvérsias presentes do ponto de vista jurídico quanto ao direito à educação para imigrantes.

² Muitos autores têm distinguido as relações entre a língua e o poder, aspecto essencial no caso de migrantes e sua inserção na sociedade de adoção. Momentos na história nos trazem medidas restritivas do Estado nacional para que estrangeiros falassem sua língua materna, como durante as guerras mundiais, por exemplo, e para dominar e submetê-los ao poder local. No campo da escolarização, sobretudo, quando há distintos grupos de imigrantes, há a subjugação das línguas estrangeiras pela local dominante de várias formas, no material didático, nas falas dos docentes etc. O Outro será ignorado ou dominado (DEMARTINI, 2004; MARTINS, 2001).

³ Ambas as pesquisas foram aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP.

⁴ Buscou-se comparar como as diferentes escolas lidam com a questão do preconceito.

⁵ Disponível em: <<http://sedin.com.br/new/wp-content/uploads/2016/03/ESCOLAS-DRE-PENHA.pdf>> . Acesso em 07 mar. 2019.

⁶ Por “filhos de bolivianos” entendemos tanto os imigrantes bolivianos de primeira geração (nascidos na Bolívia, portanto), quanto os de segunda geração (nascidos no Brasil).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Decreto 9.199 de 20 de novembro de 2017**. regulamenta a Lei no.13445 que institui a Lei da Migração. Brasília, DF. Presidência da República.

BRASIL. **Lei 13.445 de 24 de maio de 2017**. Lei da Migração. Brasília, DF, Presidência da República.

BAENINGER, R. & SIMAI, S. Práticas discursivas da negação do racismo em São Paulo. In: ANPOCS, 35, 2010, Caxambu. **Anais**. Caxambu, 2010.

BOURDIEU, P. “The Forms of Capital”, in RICHARDSON, J. G. (ed.). **Handbook of theory and research for the sociology of education**. New York: Greenwood Press, 1986, pp. 241-258.

CANDAU, V. M. (org). **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CANDAU, V. M. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Revista Educação e Sociedade**, vol.33, jan-mar, 2012.

CANDAU, V. M. Ser Professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Educação**, Porto Alegre (impresso), v. 37, n. 1, jan-abr. 2014, pp. 33-41.

CHAVES, D. R. L.; SOUZA, M. R. de. Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, pp. 1-17, (2018).

CRUL, M. & SCHNEIDER, J. **The second generation in Europe: Education and the Transition to the Labor Market**. Open Society Institute, (2009).

DEMARTINI, Z. de B. F. “Imigração e Educação: discutindo algumas pistas de pesquisa.” **Revista Pro-Posições**, vol.15, no.3(45), set-dez 2004.

ELIAS, N. e SCOTSON, L. **Estabelecidos e outsiders**. São Paulo: Zahar, 2000.

FABIANO, M. L. **O processo de integração social da criança e do adolescente imigrante na escola pública**. (Tese de doutorado em Ciências Sociais), Faculdade de Ciências Sociais. PUC-SP, São Paulo, 2020.

- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª Edição. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GONDIN, J. S.; PINEZI, A. K. M.; MENEZES, M. A. de. Alteridade e interculturalidade na escola: um estudo etnográfico sobre estudantes bolivianos em São Paulo. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 101, n. 259, p. 607-626, set./dez. 2020.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HORTAS, M. J. **Educação e imigração**: a integração dos alunos imigrantes nas escolas do ensino básico do centro histórico de Lisboa. Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural: Lisboa, 2013.
- IANNI, O. A cidade global. **Revista Cultura**, vol.88, n.2, mar-abril, Ed.Vozes, 1994.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA-INEP. **Censo da educação Básica 2018** (recurso eletrônico) Brasília: INEP, 2019.
- KOHARA, L. “A exploração nos cortiços do centro e a luta pelo direito de morar dignamente”. In KOWARICK, L. ; FRUGOLI Jr., H. (orgs): **Pluralidade urbana**. Vulnerabilidade, marginalidade, ativismos. São Paulo: Editora 34, 2016.
- MAGALHÃES, G. M. **Fronteiras do direito humano à educação**: um estudo sobre os imigrantes bolivianos nas escolas públicas de São Paulo. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MAGALHÃES, G. M. & SCHILLING, F. Imigrantes da Bolívia na escola em São Paulo: fronteiras do direito à educação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n.1 (67), p. 43-63, jan./abr. 2012.
- MARCUSE, P. The ghetto of exclusion and the fortified enclave. **American Behavioral Scientist**. vol.41, n.3 Ed Sage,1997.
- MARQUES, E. “Elementos conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado”. In: MARQUES, E. & TORRES, H. (Orgs.). **São Paulo**: segregação, pobreza e desigualdades sociais. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- MARTINS, J. de S. Por uma Pedagogia dos inocentes. **Tempo Social** - Revista de Sociologia da USP, vol.13, n.2, novembro 2001.
- MIYAHIRA, E. “Migrantes nordestinos e imigrantes bolivianos na escola pública.” In: RODRIGUES, L. M. de O. (org.): **Imigração atual - dilemas, inserção social e escolarização**: Brasil, Argentina, Estados Unidos. São Paulo, Escuta, 2017.
- MOLINARI, S. G. S. “A escolarização de imigrantes bolivianos no município de Guarulhos.” In: RODRIGUES, L. M. de O. (org.). **Imigração atual - dilemas, inserção social e escolarização**: Brasil, Argentina, Estados Unidos. São Paulo, Escuta, 2017.
- OLIVEIRA, L. R. P. **Encontros e confrontos na escola**: um estudo sobre as relações sociais entre alunos brasileiros e bolivianos em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

- PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. São Paulo, USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 1999.
- PUCCI, F. M. S. A inserção dos bolivianos nos bairros do Bom Retiro, Brás e Pari e a produção da alteridade: como são vistos pela vizinhança. **Relatório científico de iniciação científica**, São Paulo, CNPq, 2011, 316p.
- PUCCI, F. M. S. **Bolivianos em São Paulo**: redes, territórios e a produção da alteridade. 2013. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D8902.dir/Pucci_trabajo_final.pdf> Acesso em 12 de mar. de 2014.
- PUCCI, F. M. S. **“Viver “outramente”**: moradia, condições de vida e a produção da alteridade dos bolivianos em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Faculdade de Ciências Sociais, PUC-SP, 2016.
- PUCCI, F. M. S. Um balanço da produção acadêmica sobre a imigração de bolivianos em São Paulo. **Áskesis**, v.6, n.2, jul./dez. 2017, pp. 139-154.
- PUCCI, F. M. S. & VÉRAS, Maura P. B. (2017). Bolivianos: território e alteridade. **PLURAL**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, v. 24, n.2, 2017, pp. 276-299.
- PUCCI, F. M. S.; VÉRAS, M. P. B. Bolivianos: inserção desigual, território e alteridade. In OLIVEIRA, A. C. M. de; JUNQUEIRA, M. A.; WANDERLEY, M. B. (orgs). **Constelações urbanas de territorialidades e manifestações estético-políticas**. São Paulo: EDUC, 2018.
- ROCHA-TRINDADE, M. B. **Sociologia das migrações**. Lisboa: Universidade aberta, 1995.
- SANTOS, B. “‘Onda estrangeira’ força adaptação de escolas da rede municipal de SP”. **Folha de São Paulo**, Caderno Educação, 16 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/08/1910228-onda-estrangeira-forca-adaptacao-de-escolas-da-rede-municipal-de-sp.shtml>>. Acesso em 05 dez. 2018.
- SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções do território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SAYAD, A. “O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante.” **Travessia-Revista do Migrante**., São Paulo, vol.13, número especial, janeiro, 2000.
- SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo, Companhia das Letras: 2019.
- SILVA, S. A. da. **Costurando Sonhos – Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo**. São Paulo, Paulinas, 1997.
- SKLIAR, C.; DUSCHATZKY, S. O nome dos outros - narrando a alteridade na cultura e na educação. In: SKLIAR, C.; LARROSA, J. (orgs.). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- TRUZZI, O. Assimilação resignificada: novas interpretações de um velho conceito. **Dados**, Rio de Janeiro, v.55, n.2, pp.517-553, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582012000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 Dec. 2015.

- UNESCO. Declaração sobre a raça e os preconceitos raciais. **Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura**. Paris, 27 de novembro de 1978.
- UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, de 02 de novembro de 2001.
- VALLE, C. do. “Escola pública do centro de SP entra em projeto internacional da Unesco” **UOL Notícias**, 2017. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/01/17/escola-publica-do-centro-de-sp-entra-em-projeto-internacional-da-unesco.htm>> Acesso em 05 dez. 2018.
- VENTURA, D.; GUIMARÃES, F. S.; REIS, R. (org.). **Imigrantes em São Paulo**: diagnóstico do atendimento à população imigrante no município e perfil dos imigrantes usuários de serviços públicos. Coordenado por Deisy Ventura, Feliciano Sá Guimarães e Rossana Reis. São Paulo: IRI-USP, 2017.
- VÉRAS, M. P. B. Territorialidade e cidadania em tempos globais: imigrantes em São Paulo. **Cadernos Metrôpoles**, São Paulo, no.2, 1999.
- VÉRAS, M. P. B. (Coord.) **Estrangeiros na metrópole**: espacialização, trajetórias e redes de sociabilidade dos imigrantes em São Paulo. Relatório de Andamento, São Paulo, CNPq, 2000.
- VÉRAS, MPB: **Estrangeiros na metrópole**. Territorialidades e Cidadania em São Paulo. In CARIGNATO, T. e alii:(orgs) **Psicanálise, cultura e migração**. São Paulo, Editora YM, Núcleo de Pesquisa psicanálise e Sociedade, Programa de Pós graduação em Psicologia Social, PUC SO, 2002.
- VÉRAS, M. P. B. **DiverCidade**: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo. São Paulo: EDUC, 2003a, pp. 323- 367.
- VÉRAS, M. P. B. Novos nômades urbanos na cidade contemporânea: desigualdade e exclusão sociais. In: CHAIA, M. e SILVA, A. A. da (Orgs.). **Sociedade, cultura e política**: ensaios críticos. São Paulo: EDUC, 2003b, pp. 323-367.
- VÉRAS, M. P. B. (Coord.). **Estrangeiros na metrópole**: a produção da alteridade, cultura e territórios em São Paulo. Relatório de Andamento da Pesquisa. São Paulo, CNPq, 2003c.
- VÉRAS, M. P. B. **Alteridade e segregação em São Paulo**: habitações da pobreza e a produção do “Outro”, Vínculos e Rupturas. Projeto de Pesquisa Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPQ, período 2010-2014. São Paulo, 2009.
- XAVIER, I. R. **Projeto migratório e espaço**: os bolivianos na região metropolitana de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Demografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- WACQUANT, L. **De civilisation et diabolisation**: du ghetto noir americain. In. Faire et Byshop (coord.), 1995.
- WACQUANT, L. L’Underclass urbain dans l’imaginaire social et scientifique américain». In PAUGAM, S. (org). **L’Exclusion:l’état des savoirs**. Paris, La Decouverte, 1996.

WALDMAN, T. C. **O acesso à educação escolar de imigrantes em São Paulo**. A trajetória de um direito. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Direito. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Org. H. Gerth e C. Wright Mills. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1963.

WIEVIORKA, M. **Em que mundo viveremos?** Org. Maura Vêras. Trad. Eva Landa e Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ZHOU, M. "Segmented assimilation: Issues, controversies, and recent research on the new second generation." **International Migration Review** 31(Winter), 1997, pp. 975-1008.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar as relações sociais entre bolivianos e brasileiros em escolas da cidade de São Paulo, entendendo que a escola é um espaço privilegiado para aproximar imigrantes à sociedade receptora. No entanto, do ângulo desses imigrantes, o trabalho intensivo nas confecções, a moradia precária e a língua nativa podem dificultar sua inserção. Além disso, o preconceito e as diferenças culturais dificultam a sociabilidade com os brasileiros. Por fim, do ponto de vista escolar, tais dificuldades transparecem e não se avança na direção do "multiculturalismo" enquanto meio para superar esta problemática. Os resultados apontam que a inserção dos bolivianos é bastante difícil e complexa, até mesmo para a segunda geração (filhos dos imigrantes). Há manifestações de "novo racismo", no sentido de certa hierarquização das alteridades. Apesar de as escolas realizarem trabalhos pontuais de intervenção e prevenção, não há "políticas multiculturais" que apontem soluções de longo prazo.

Palavras-chave: Bolivianos; Imigração; Educação; Alteridade; Sociabilidade.

ABSTRACT

This article aims to present the challenges of social relations between Bolivians and Brazilians in primary and high schools of São Paulo, Brazil. Schools can be a promising environment to socialize immigrants within a host society. However, a number of key factors can hinder this social integration, including: intensive labor in the garment industry, precarious housing conditions, the lack of language skills, and immaterial aspects such as prejudice and cultural differences. Finally, we analyze the role of multicultural policies in dealing with those challenges. The results show that social integration is difficult and complex, even for the second generation of Bolivians. Our research concludes with a discussion on cases of "new racism" – where hierarchies based on cultural differences create Otherness. Even though some schools have adopted preventive and intervening measures at a local level, there is a lack of multicultural policies that address long-term solutions.

Keywords: Bolivians; Immigration; Education; Otherness; Sociability.

A vida cotidiana na fazenda de café a partir do contrato de trabalho: entrevista com LM.

Rosane Siqueira Teixeira

Figura 1: Colônia da Fazenda “Monte Alto” – Companhia Agrícola Pereira de Almeida, Cesário Bastos (SP), 1915



Fonte: Álbum de Araraquara 1915 (França, 1915, p. 233).

Não foi fácil encontrar um idoso, filho de imigrante italiano, cujo pai tivesse vindo para o Brasil antes da Primeira Guerra Mundial e trabalhado como colono nas fazendas de café. A indicação partiu de um fazendeiro da cidade de Santa Lúcia (SP). Para proteger sua privacidade, preferi chamá-lo de LM. A entrevista foi realizada na casa dele, na cidade de Américo Brasiliense (SP), com hora marcada. Não utilizei questionário, caderno de anotações, tampouco fiz coleta ou fotografei documentos da família. O clima de relacionamento foi agradável e possibilitou que LM falasse com naturalidade sobre assuntos importantes para minha pesquisa. A entrevista durou aproximadamente duas horas, e o recurso utilizado foi o gravador. LM nasceu na fazenda Monte Alto, localizada em Cesário Bastos, município de Araraquara (SP), no ano de 1925.¹ Na ocasião da entrevista (agosto de 2005), ele havia completado oitenta anos. Sua família era numerosa: LM possuía sete irmãos e, na sequência de nascimentos, era o antepenúltimo dos filhos. Até os dezoito anos, ele morou em fazendas da região de Araraquara; depois foi morar no Paraná. Neste estado, LM trabalhou em duas fazendas. Após alguns anos, ele retornou para Américo Brasiliense.

Esta é uma edição da entrevista que realizei para enriquecer minha dissertação de mestrado, intitulada “Italianos em casos de conflitos e tensões nas fazendas de café da comarca de Araraquara, 1890-1914”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (SP), em 2006. Nesta edição, a entrevista foi reproduzida de maneira fiel, porém houve alterações necessárias na ortografia e pontuação, uma vez que o texto original foi escrito literalmente conforme a fala do entrevistado.

Local de nascimento do pai de LM

Meu pai era oriundo de uma cidade chamada *Camero* (sic). Quando houve a guerra, a cidade foi destruída. Posteriormente, parte dela foi reconstruída e passou a chamar-se *Camerino* [região do *Marche*, província de *Macerata*].² Ele dizia que morava entre a alta e baixa Itália. Meu pai contava que em *Camerino* havia família com quarenta pessoas dentro de uma casa. Os filhos e filhas contraíam matrimônio e permaneciam morando com os pais. Em *Camerino*, a pessoa permanece em uma casa a vida inteira; cem anos a pessoa fica na mesma casa: vai se casando, vai ficando junto. Não tem outra casa, por isso meus avós e meu pai foram embora da Itália. Antigamente, os italianos aceitavam essa situação, mas hoje não aceitam mais.

Da Itália para o Brasil

Para fazer o passaporte, era necessário aguardar o comunicado que vinha de *Napoli*. A família não podia ser pequena, então vieram meus avós, meu pai e um tal de Cesar, filho de criação. O meu pai contava que o transporte que eles vieram da Itália para o Brasil tinha pouca diferença dos navios negreiros. Eles ficavam todos aglomerados no meio das cargas.

Os dialetos

Na Itália tem muito dialeto: o calabrés fala diferente do napolitano. É pouca diferença, mas fala. Minha mãe era calabresa da divisa da Grécia [sic]. Ela veio para o Brasil com doze anos de idade, aprendeu rápido a falar o português. Meu pai morreu com oitenta e quatro anos sem falar o português. Eu entendia o que ele falava, mas não era capaz de falar a língua dele. Meu pai assinou o jornal *Fanfulla* por mais de vinte anos; ele só queria saber das notícias da Itália, e não do Brasil.

A chegada ao Brasil

Minha família chegou ao Brasil em 1910. De Santos foram direto para São Carlos. Havia um abrigo muito grande nesta cidade, local onde os fazendeiros

buscavam as famílias. A situação não foi fácil, porque eles não sabiam falar a língua e não conheciam as comidas. A sorte da minha família foi ter sido encaminhada para um fazendeiro de origem italiana.

O casamento

Meu pai se casou no Brasil. Você sabe como era naquele tempo? A carroça encostava e os noivos juntavam as galinhas [LM começa a rir].

A profissão

Meu pai era colono em uma fazenda. Ele começou trabalhando na colheita do café e depois passou para a função de podador; nunca conseguiu ser administrador porque gostava de bebida alcoólica. Na Itália, bebia-se muito por causa do frio, a neve alcançava um metro e meio de altura. Ele trouxe esse vício da Itália.

Confusão com a língua

Certo dia meu avô chegou em casa e falou ao meu pai: o fazendeiro disse-me para ir amanhã. Amanhã em italiano é comer³. Então quem já entendia um pouco a língua portuguesa ajudava a explicar o significado da palavra.

O contrato de trabalho

O contrato de trabalho era registrado em uma caderneta produzida pelo Departamento do Trabalho de São Carlos [SP] com todas as cláusulas contratuais, sempre a favor dos fazendeiros.

O sistema de trabalho

O colono recebia dois mil pés de café por família para cuidar, pagos pelo fazendeiro a cada sessenta dias. Também havia o pagamento geral, que era realizado após a colheita. A prestação de contas ocorria no mês de outubro de acordo com o ano agrícola, de outubro a outubro.

O dia a dia

A corneta soava às seis horas da manhã. O aviso não era para sair de casa, mas para estar no eito. Onde ficava o eito? Onde o colono havia deixado a enxada na tarde do dia anterior e ia começar de manhã. Às nove horas a corneta soava para o almoço; ao meio-dia, para tomar café; e às seis horas da tarde, para ir embora. Nos meses de junho e julho, seis horas da tarde já era escuro, mas não podia sair antes de soar a corneta. Não era fácil! Ganhava-se muito pouco.

O final de semana

No final de semana, todo trabalhador cumpria duas horas de serviço. Na época da colheita, trabalhava-se no carreador ajudando a ensacar café para levá-lo à tulha. Se o trabalhador ocupasse o cargo de camarada, aquele que recebia salário mensal, trazia a carroça com capim.

As ferramentas de trabalho

Os colonos compravam as próprias ferramentas. Cada colono era obrigado a ter um enxadão, uma enxada, um rastelo e uma peneira, para estar preparado para o início da colheita. Quando começava a colheita, o colono, já com as ferramentas, passava na fazenda, pegava o saco vazio e levava tudo nas costas. Os sacos eram feitos de lona e tinham uma cordinha na borda. Neles cabiam cem litros. O colono utilizava os mesmos sacos até o fim da colheita: do terreiro, os sacos voltavam para o colono.

O colhimento do café

Para colher o café, minha família utilizava sempre uma cana de milho, porque ela não machuca o fruto. Em dias de chuva, eles colocavam a cana assim...e faziam assim...[demonstra com as mãos]. Desse modo, sobrava pouco para puxar com as mãos. Se o administrador ou fiscal flagrasse algum colono batendo nos pés de café, ele era expulso da fazenda no mesmo dia.

Os fazendeiros

Na entrada que vai para Guarapiranga [SP], que sai na faculdade [UNESP-Araraquara-SP], houve muitos assaltos. Os fazendeiros pagavam os italianos e, no caminho de volta para casa, os jagunços os esperavam para roubar-lhes o dinheiro e entregá-lo aos patrões. Então os italianos começaram fabricar espingardas caseiras e derrubar os jagunços. Ainda me lembro, quando viajei a cavalo, havia uma cruz em cima da outra, algumas com oito ou dez que a pessoa tinha matado. Foi assim que começou a reduzir o número de assaltos. Os italianos não esperavam nenhuma atitude do governo, porque os fazendeiros eram poderosos e mandavam na justiça. Recorrer ao Consulado também não resolvia. Além disso, havia sérias consequências para o colono que ousasse recorrer. Quando isso ocorria, o fazendeiro chamava o colono e dizia: Põe a sua mudança em cima da carroça. Você tem cinco horas para ficar fora da divisa da fazenda. Amanhã eu quero a casa desocupada. Sai fora daqui!

O administrador

O administrador se vestia com terno e bota, e se perfumava; estava sempre bem arrumado. Ele circulava por todas as partes da fazenda, montado em um cavalo manga-larga. Se o colono causasse qualquer desliz, ele repreendia, dizendo: Te passo o chicote! Meu irmão, que morava em Santa Lúcia [Irmão mais velho de LM. Na ocasião da entrevista, ele estava com 94 anos], que era um pouco “espinhado”, desentendeu-se com o administrador por causa da nossa casa na colônia. O administrador queria expulsar minha família da casa que morávamos, para colocar a família dele. Na fazenda, tinha colono que apanhava do administrador e não reagia. Com meu irmão era diferente, ele o enfrentava. Os italianos que conseguiram alcançar o cargo de administrador estavam sempre a favor do patrão, porque não queriam perder a colocação. Mas o patrão ficava observando se ele estava desempenhando as tarefas com êxito. Falar a língua portuguesa era uma exigência para ocupar o cargo.

Como plantar o café

Na Itália, meu pai plantava trigo. Na fazenda, ele aprendeu a plantar café com o administrador. Abria-se uma cova quadrada na medida de 40x40x40, sete palmos para cima. Colocavam-se quatro caroços em cada cova. Quando o café alcançava essa altura [LM mostra a altura], abriam-se os palmos e ele saía. Hoje em dia não se usa mais este sistema.

As casas nas colônias

Na fazenda, as casas do administrador e as dos fiscais ficavam próximas, mas afastadas das casas dos colonos. O tamanho das casas dos colonos variava de acordo com o tamanho da família e do número de braços para lavoura. A família grande ocupava uma casa com quatro ou cinco quartos. Já a casa de uma família pequena possuía dois quartos. Era uma porcaria! A casa era coberta com galho de coqueiro, então enchia de ratos. O piso era feito de terra batida. Aliás, não tinha piso, era chão. Lá em casa, quando chegava o sábado, minha irmã cobria o local que tinha buraco, nivelava e jogava cinza por cima. A cinza impede que a terra cole nos pés. Mas isto durava pouco. Em dois dias já não tinha mais nada. Era muito sacrifício! Muito!

Os relacionamentos

Nós brincávamos com os filhos dos espanhóis. Às vezes, o italiano se relacionava melhor com os espanhóis do que com o próprio italiano. Lembrome que, quando alguém falava que os espanhóis e os calabreses estavam

juntos, as pessoas procuravam se distanciar. Os espanhóis também são muito encrenqueiros. Naquela época, havia muitos espanhóis por aqui; também havia portugueses. Os imigrantes não se misturavam com os nordestinos, porque as brigas entre os dois eram constantes. Os nordestinos iam para a fazenda derrubar matas. Quando permaneciam, ocupavam a função de camaradas: cortar grama, puxar esterco para lavoura etc. Toda fazenda possuía casas somente para camaradas. Lembro-me, quando criança, dez ou doze anos, os negros passavam perto da gente, cumprimentavam e tiravam o chapéu. Eles eram muito discriminados.

A falta de escola nas fazendas

De modo geral, nas fazendas não tinham escolas. Todos nós éramos analfabetos. Comecei ir à escola em 1932, com sete anos. Mas a escola que eu frequentava foi incendiada por um grupo de mineiros. Para continuar os estudos, minha irmã levou-me para a escola na fazenda do Bento de Abreu [Bento de Abreu Sampaio Vidal foi importante político de Araraquara, SP, nos anos 1900]. Um ano depois, foi autorizado o deslocamento da criança para escola em Santa Lúcia [SP]. Mais adiante, a Usina Santa Cruz [Américo Brasiliense, SP] construiu colônia e escola, e disponibilizou a Perua para transportar as crianças todos os dias.

O desejo de voltar à pátria

Todo italiano que emigrou para o Brasil, veio com a intenção de voltar. Mas o dinheiro não sobrava nem para pagar o armazém. Como íamos conseguir dinheiro para voltar? Do Brasil para Itália ninguém pagava a passagem. Meu avô, pai do meu pai, passou a vida toda dizendo que queria voltar à Itália. Certo dia, ele desapareceu e fomos encontrá-lo bem distante de Araraquara, quase perto do Rio Jacaré [Rio Jacaré-Guaçu, SP, atravessa vários municípios próximos a Araraquara]. Ele nos disse que estava indo à Itália.

NOTAS

¹ Segundo França (1915, p. 231), “a 4 quilômetros da Estação de Cesário Bastos, a fazenda ‘Monte Alto’ possui 250.000 cafeeiros que produzem em média 20.000 arrobas. A área total é de 494 alqueires, sendo 140 em cafezais, 50 em pastos e o restante em matas. Existem 13.000 cafeeiros em formação. A fazenda, que conta com 49 cabeças de gado, 59 animais de custeio e 3 cavalos, é banhada pelo córrego Ponte Alta, que forma um belíssimo salto dentro da fazenda e por nascente. Possui esplêndidos terreiros ladrilhados, máquinas, confortável residência, olaria e um bem sortido armazém onde se fornecem as 46 famílias de colonos ali existentes”.

² LM transmitiu a história, equivocada, que ouviu do seu pai. A *comune* de *Camerino* tem suas raízes seculares.

³ Amanhã na língua italiana é *domani*; comer é *mangiare*. Possivelmente, LM se refere a um dialeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANÇA, A. M. **Álbum de Araraquara 1915**. São Paulo: João Silveira, 1915.

TEIXEIRA, R. S. **Italianos em casos de conflitos e tensões nas fazendas de café da comarca de Araraquara, 1890-1914**. 129p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1437?show=full>>. Acesso em: 28/04/2022.

Céus escuros

José D'Assunção Barros

Quando todos os céus eram escuros
Eu olhava pra noite e sabia: eu iria te achar
Anos, planetas, dimensões ocultas
Poderiam surgir e passar
Mas eu soube e sabia:
um dia virias
inteira
me amar
Nesta espera, tão bela
Tu eras apenas o traço leve
Uma cor, um sorriso que à noite
Em sonhos tão plenos, vinha me olhar
E nos dias vazios, eu seguia sozinho
Pelas ruas, estradas, cidades
Querendo te achar

Tantos olhos me olhavam, com pena

Pensavam, talvez: como pode

Alguém tão sozinho

Não se abalar?

Outros riam dos sonhos

Tão belos que eu tinha, contigo,

Muito antes, tão antes, de um dia te achar

Como pode – diziam – alguém tão sozinho

Não morrer... de tanto buscar?

Como pode, tão triste,

Ele não se apagar?

Não sabiam

O que sei:

Desde o início

Eu irei, um dia, te achar

TRAVESSIA agora também ONLINE

Um acervo sem data de vencimento

Já são mais de 80 edições lançadas, com conteúdos para estudo, informação e pesquisa que jamais perdem sua validade. Para aquisição de números anteriores, o valor unitário baixa de acordo com a quantidade solicitada. Aproveite a promoção e pague praticamente a valor da postagem. Entre diretamente em contato conosco.

Valor da assinatura

(3 números por ano)

Nacional

- por 1 ano.....R\$ 20,00
- por 2 anos.....R\$ 35,00
- por 3 anos.....R\$ 45,00

Exterior

- por 1 ano.....U\$ 20,00
- por 2 anos.....U\$ 35,00

Forma de pagamento

Depósito nominal à: **Pia Soc. dos Miss. de S. Carlos**

Banco Bradesco; Agência 515-0; c/c 23083-9

Após efetuar o depósito, informe por e-mail o valor, a data do depósito, finalidade do mesmo, seu endereço atualizado, sua profissão e/ou área de atuação.

Entre em contato conosco através do e-mail
cem@missaonspaz.org ou através
do novo portal acesse os últimos números
da revista **TRAVESSIA**

www.revistatravessia.com.br

Acesse também o nosso Facebook:

Revista Travessia - Revista do Migrante

www.missaonspaz.org

NORMAS DE PUBLICAÇÃO NA REVISTA TRAVESSIA

A Revista Travessia publica: dossiês, artigos originais, notas de pesquisa, entrevistas, resenhas, relatos, poemas, contos. Os textos podem ser em: português, espanhol, inglês, francês, etc.

ARTIGOS - Até 20 páginas, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas - 1,5, margens: esquerda e direita – 2,5, cabeçalho e rodapé – 2,5

NOTAS DE PESQUISA – Até 10 páginas, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas- 1,5, margens: esquerda e direita – 2,5, cabeçalho e rodapé – 2,5

RELATOS – Até 7 páginas, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas - 1,5, margens: esquerda e direita – 2,5, cabeçalho e rodapé – 2,5

ENTREVISTAS - Até 10 páginas, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas- 1,5, margens: esquerda e direita – 2,5, cabeçalho e rodapé – 2,5

RESENHAS – Até 5 páginas, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas - 1,5, margens: esquerda e direita – 2,5, cabeçalho e rodapé – 2,5

CONTOS – Até 5 páginas, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas – 1,2, margens: esquerda e direita – 2,5, cabeçalho e rodapé – 2,5

Obs. Os textos podem conter imagens, preferencialmente em alta resolução

REFERÊNCIAS

A Revista Travessia adota a NBR 6023/2002 da ABNT como norma para referência de documentos em textos acadêmicos. Procurando facilitar o trabalho dos autores de Travessia, apresentamos, abaixo, uma síntese da NBR 6023/2002 tomando como base o seu documento original e ainda o compêndio elaborado por Luciana Pizzani e Rosemary Cristina da Silva (2016). A síntese que se segue não dispensa consulta ao documento (NBR 6023/2002) original e integral da ABNT.

Existem vários meios de informação que podem ser referenciados:

Livros, Dissertações e Teses, Folhetos, Revistas ou Periódicos, Relatórios, Manuais, Eventos, Multimeios, Documentos eletrônicos, Discos e Fitas, Filmes, Fotografias etc.

ALINHAMENTO - A lista final deve ser alinhada à margem esquerda do texto

NOTAS DE RODAPÉ - Em formato numérico, ao final do texto

HAVENDO DUAS OU MAIS REFERÊNCIAS DE UMA MESMA AU-

TORIA, OBSERVE-SE: a) um só autor: PIZZANI, L.

b) mesmo autor e outro: PIZZANI, L.; SILVA, R.C.

c) mesmo autor e outros: PIZZANI, L. et al.

REFERÊNCIA DE LIVROS/OBRA TRADUZIDA/SÉRIE

Autor, título, subtítulo (se houver), edição, local, editora e data de publicação.

AUGÉ, M. **Não lugares**. Campinas: Papyrus, 2006.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva.

3.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1990.

BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1987. 116p. (Coleção primeiros passos, 20).

CAPÍTULO DE LIVRO

Autor, título da parte, subtítulo (se houver), seguidos da expressão "In:" e da referência completa da publicação, número de páginas ou volume.

ROMANO, G. **Imagens da juventude na era moderna**. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Orgs.). *História dos jovens 2*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.7-16.

AUTOR DO CAPÍTULO É O MESMO AUTOR DO LIVRO

SANTOS, R.F. A colonização da terra do Tucujús. In: _____ . **História do Amapá, 1º grau**.

2.ed. Macapá: Valcan, 1994. cap.3, p.15-24.

LIVRO DISPONÍVEL NA INTERNET

JUNQUEIRA, L.C.U. **Histologia básica**. 10.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. Disponível em: <<http://www.>>. Acesso em: 30 set. 2007.

ARTIGO DE PERIÓDICO – revista, boletim etc. *Autor, título do artigo, subtítulo (se houver), título da publicação, local da publicação, numeração correspondente ao volume e/ou ano, número ou fascículo, paginação inicial e final do artigo, informações de período, ano de publicação.* Exemplos: DORNELAS, S.M. Entre a Igreja do Brasil e da França: Uma experiência com os portugueses em Paris. **Travessia** – revista do Migrante, São Paulo, ano XXII, n. 65, p. 13-32, set-dez. 2009.

ARTIGO EM PERIÓDICO – revista, boletim etc. disponível em meio eletrônico *Autor, título do artigo, subtítulo (se houver), título da publicação, local da publicação, numeração correspondente ao volume e/ou ano, número ou fascículo, paginação inicial e final do artigo, informações de período, ano de publicação, informações pertinentes ao suporte eletrônico.*

BASSO, N.A.S. et al. Insulinoterapia, controle glicêmico materno e prognóstico perinatal: diferença entre o diabetes gestacional e clínico. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, v.29, n.5, p.253-259, maio 2007. Disponível em: <http://www.____>. Acesso em: 16 jan. 2004.

ARTIGO DE JORNAL: *Autor, título do artigo, subtítulo (se houver), título do jornal, local de publicação, data de publicação, seção, caderno ou parte do jornal e a paginação correspondente.*

NAVES, P. Lagos andinos dão banho de beleza. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jun. 1999. Folha Turismo, Caderno 8, p.13.

ARTIGO DE JORNAL disponível em meio eletrônico

NAVES, P. Lagos andinos dão banho de beleza. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jun. 1999. Folha Turismo, Caderno 8, p.13. Disponível em: <http://www.____>. Acesso em: 20 fev. 2004.

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES, TESES

SILVA, C. F. da. **Das calçadas às galerias: mercados populares do centro de São Paulo.** 2014. 176p. Originalmente apresentado como tese de doutorado em Sociologia. São Paulo: USP, 2014.

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES, TESES disponíveis em meio eletrônico RODRIGUES, M.A.Q. **Bandagem ajustável do tronco pulmonar: comparação de dois métodos de hipertrofia aguda do ventrículo subpulmonar.** 2006. 85p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5156/tde-06112006-130715/>>. Acesso em: 20 dez. 2007.

EVENTO CIENTÍFICO: *Autor, título do trabalho apresentado, subtítulo (se houver), seguido da expressão "In:," nome do evento, numeração (se houver), ano e local de realização, título da publicação, subtítulo (se houver), local de publicação, editora, data de publicação, página inicial e final da parte referenciada, elementos pertinentes a parte referenciada.*

– Quando disponível em meio eletrônico, acrescentar: “Disponível em....”, como no exemplo abaixo.

BENGTSSON, S.; SOLLEIM, B.G. Enforcement of data protection, privacy and security in medical informatics. In: WORLD CONGRESS ON MEDICAL INFORMATICS, 7., 1992, Geneva.

Proceedings... Amsterdam: North Holland, 1992. p.1561-1565. Disponível em: <http://www._____>. Acesso em: 21 jan. 2004.

DOCUMENTO JURÍDICO

Jurisdição (ou cabeçalho da entidade, no caso de se tratar de normas), título, numeração, data e dados da publicação. No caso de Constituições e suas emendas, entre o nome da jurisdição e o título, acrescenta-se a palavra Constituição, seguida do ano de promulgação entre parênteses.

BRASIL. Medida provisória nº 1.569-9, de 11 de dezembro de 1997. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 dez. 1997. Seção 1, p.29514.

BRASIL. **Código Civil**. 46.ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

BRASIL. Constituição (1988). Emenda constitucional nº 9, de 9 de novembro de 1995. **Lex**: legislação federal e marginalia, São Paulo, v.59, p.1966, out./dez. 1995.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. **Diretrizes para a política ambiental do Estado de São Paulo**. São Paulo, 1993. 35p.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Relatório de atividades**. Brasília, DF, 1993. 28p.

IMAGEM EM MOVIMENTO - Inclui filmes, videocassetes, DVD, entre outros

Título, diretor, produtor, local, produtora, data e especificação do suporte em unidades físicas.

ADEUS, Lenin! Dir. Wolfgang Becker. Alemanha: Prod. X Filme Creative Pool; WDR (Cologne); Arte France Cinéma, 2003. 1 DVD

DOCUMENTO ICONOGRÁFICO -

Inclui pintura, gravura, ilustração, fotografia, desenho técnico, diapositivo, diafilme, material estereográfico, transparência, cartaz, entre outros.

Autor, título, data e especificação do suporte.

KOBAYASHI, K. **Doença dos xavantes**. 1980. 1 fotografia.

O QUE acreditar em relação à maconha. São Paulo: CERAVI, 1985. 22 transparências.

MATTOS, M.D. **Paisagem-Quatro Barras**. 1987. 1 original de arte, óleo sobre tela, 40cm x 50cm. Coleção particular.

DOCUMENTO CARTOGRÁFICO - Inclui atlas, mapa, globo, fotografia aérea etc.

Autor(es), título, local, editora, data de publicação, designação específica e escala.

ATLAS Mirador Internacional. Rio de Janeiro: Enciclopédia Britânica do Brasil, 1981. 1 atlas. Escalas variam.

BRASIL e parte da América do Sul: mapa político, escolar, rodoviário, turístico e regional. São Paulo: Michalany, 1981. 1 mapa, color., 79 cm x 95 cm. Escala 1:600.000

BÍBLIAS

BÍBLIA. Língua. Título da obra. Tradução ou versão. Local: Editora, Data de publicação. Total de páginas.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecu-
mênica.

PARTES DA BÍBLIA: Quando se tratar de partes da Bíblia, inclui-se o título da parte antes da indicação do idioma e menciona-se a localização da parte (capítulo ou versículo) no final.

BÍBLIA, N.T. João. Português. **Bíblia sagrada**. Versão de Antonio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. Das Américas, 1950. cap.12, vers.11.

CITAÇÃO DIRETA - TRECHO CITADO MENOR OU IGUAL A 3 LINHAS

As citações diretas, menores ou iguais ao limite de 3 linhas devem ser feitas de acordo com as seguintes especificações: "Sendo necessário citar trecho de obra, sem ultrapassar o limite de três linhas, deve-se fazer a citação no corpo do próprio texto, mantendo o espaçamento

adotado, o tamanho de fonte 12, sem itálico, iniciando e terminando com aspas” (SOUZA, 2005, p. 18). Esta regra também confere com a ABNT 6023/2002.

CITAÇÃO DIRETA - TRECHO CITADO MAIOR QUE 3 LINHAS

As citações maiores devem ser feitas seguindo as seguintes especificações:

Sendo necessário citar trecho de obra ou transcrever a opinião de determinado autor ou ainda acórdão, ementa, lei, ultrapassando três linhas, deve-se recuar 4 centímetros à direita com os seguintes cuidados: espaço simples, fonte 10, sem itálico, iniciando e terminando sem aspas. Após, entre parênteses, constar a fonte, com o sobrenome do autor em maiúsculas, o ano de publicação da obra e a página. (SOBRENOME, 2003, p. 10).

O sobrenome do autor, quando colocado entre parênteses, deve ser grafado em maiúsculas.

PARA REFERÊNCIA DE OUTROS DOCUMENTOS NÃO PRESENTES NESTA SÍNTESE, confira: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002. 24p.

Disponível também em: <<https://www.ict.unesp.br/Home/biblioteca/6023referenciaeelaborao.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C. **ABNT 6023 Elaboração de Referências**. 87p. Botucatu-SP: UNESP, 2016. Disponível em:

<http://www.biblioteca.btu.unesp.br/Home/Referencias/LuABNT_6023.pdf>.

Acesso em: 02 mar. 2018.

Vol. 30, N° 65 – Agosto – 2022

REMHU

Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana

ISSN: 1980-8585

Mujeres migrantes
y trabajo doméstico



CENTRO SCALABRINIANO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS

SUMÁRIO

EDITORIAL

Trabalhadoras domésticas migrantes - invisibilidade, cuidado e lutas

Roberto Marinucci

Migrant domestic workers - invisibility, care, and struggles

Roberto Marinucci

DOSSIÊ

Mujeres migrantes y trabajo doméstico - Experiencias migratorias y de resistencia

Delia Dutra; Mirza Aguilar Pérez; María José Magliano

El trabajo “duro” de sostener la vida - reflexiones a partir de una etnografía con mujeres (cis) bolivianas que viven en São Paulo, Brasil en el contexto de la pandemia de Covid-19

Eugenia Brage

Trabajo doméstico en tiempos de coronavirus - la precariedad de las empleadas de hogar migrantes en España

Ana Lucia Hernández Cordero, Alessandro Gentile

Migration, Domestic Care Work and Public Policies on Long-Term Care in Spain

Raquel Martínez Buján

Internally displaced women from ethnic minority communities in Colombia, domestic work, and resilient strategies

Gina Paola Escobar Cuero

Migração e trabalho doméstico - as experiências das migrantes latino-americanas na Espanha

Thaysa Andréia de Miranda Rodrigues, Tânia Mara Passarelli Tonhati

Mulheres imigrantes no trabalho doméstico remunerado em São Paulo - duas trajetórias e uma multiplicidade de arranjos

Ester G. Martins

ARTIGOS

Cambiar las narrativas - Acompañamiento humanitario, jurídico y político de mujeres en tránsito por México

Kristina Pirker

O “Modelo Japonês” (San Mitsu) no Combate à Covid 19 - E os Imigrantes?

Regina Yoshie Matsue

Estudantes secundaristas de origem boliviana - relatos de experiências sobre línguas, culturas e identidades

Lineu Kohatsu, Adriana de Carvalho Alves Braga, Irene Monteiro Felipe

Duplo pertencimento cultural - filhos de casais luso brasileiros em Portugal

Carla Martins Mendes, Andrea Seixas Magalhães

A rede organizacional dedicada às migrações forçadas no Brasil - uma análise a partir da governança multinível

Joanna Rocha Muniz

RELATOS E REFLEXÕES

Maternidad, Migración y Trabajo - un largo viaje de Barinas hasta Acre

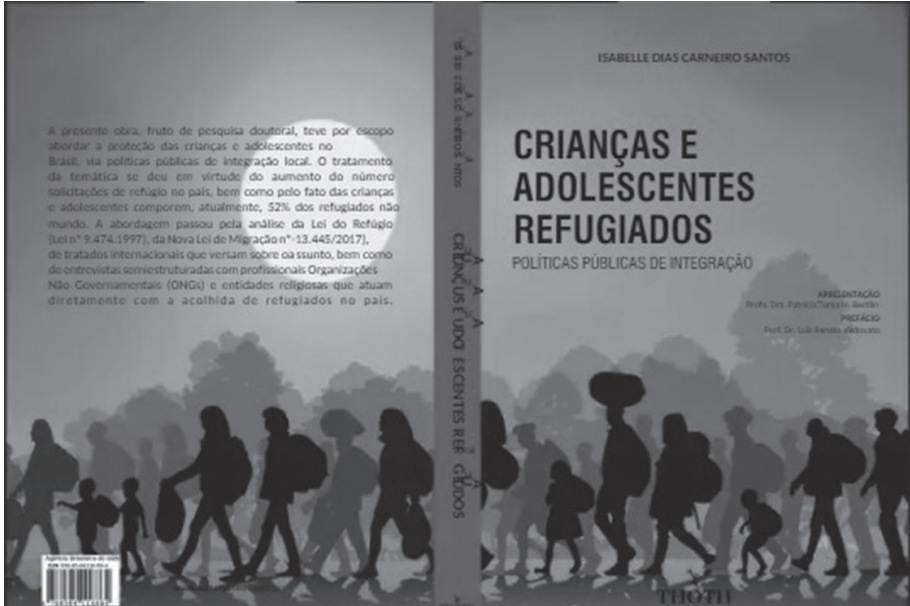
Lilia Elena Rodriguez Estrada

RESENHAS

Dilúvio das almas

Valdiza Carvalho

LIVROS QUE VOCÊ PODERÁ BAIXAR GRATUITAMENTE OU ENCONTRAR NA BIBLIOTECA DO CEM – CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS



Seja um(a) Colaborador(a)

Pensou migrante, pensou *Travessia!*

Pensou diferente, pensou *Travessia!*

De estrada palmilhada, por um Conselho Editorial atuante, lá se vão de trinta anos mais.

A temática para a qual você estendeu o seu olhar, é mais do que candente: **Os migrantes**

Politicamente..... || ora desejados, ora indesejados - sempre estiveram na ordem do dia e, na atualidade, transformaram-se em tema das agendas internacionais de governos;

Culturalmente..... || alguns são homenageados, vangloriados; outros, a maioria, discriminados, vítimas de preconceito, quando não de xenofobia;

Economicamente.. || são integrantes, como fator de maior visibilidade, de um dos eixos constitutivos da modernidade - a mobilidade do trabalho;

Teoricamente..... || abordados a partir de diferentes enfoques, nem sempre conseguem ser suficientemente abarcados.

Se seu horizonte não míngua nos limites do acadêmico, dispute este espaço, pois a *Travessia* transita para além das estantes.

Você encontra aqui um espaço ágil e flexível para socialização

dos seus estudos acadêmicos

da sua produção literária

da sua atuação militante.

A qualquer momento você pode enviar a sua colaboração.

*Dos/as migrantes cabem,
na gíngua da Travessia,
as amostras da empiria,
os embates da teoria,
as lutas do dia a dia,
os sonhos da poesia.*

travessia@missaonspaz.org

cem@missaonspaz.org

www.revistatravessia.com.br

www.missaonspaz.org

Sumário

APRESENTAÇÃO

José Carlos A. Pereira

ARTIGOS

João Batista Scalabrini será santo

Alfredo José Gonçalves, Cs.

O sentimento invisível do sujeito diaspórico: o imigrante no conto “Gringuinho”, de Samuel Rawet
Regilane Barbosa Maceno

Les réalités post-migratoire des réfugiés syriens : une recension des écrits
Mariá Boeira Lodetti; Stéphanie Arsenault; Lucienne Martins Borges

O estudo da migração desde uma perspectiva “Ch’ixi”
Ismael Eduardo Schwartzberg Arteaga

A pandemia da COVID-19 em territórios de frigoríficos no Brasil e dos EUA
Allan Rodrigo de Campos Silva
Rida Mahmood

South Korea in Ceará
Sarah Lays Saraiva Grangeiro

A trajetória migratória de Madalena entre Paraguai, Áustria e Brasil: memórias, redes e lugares
Vanucia Gnoatto; Marcos Leandro Mondardo

Um desafio à escola brasileira: relações sociais inclusivas entre alunos bolivianos e brasileiros
Fabio Martinez Serrano Pucci; Maura Pardini Bicudo Vêras

ENTREVISTA

A vida cotidiana na fazenda de café a partir do contrato de trabalho: entrevista com LM
Rosane Siqueira Teixeira

POESIA

Céus escuros
José D'Assunção Barros

travessia@missaonspaz.org
www.revistatravessia.com.br
www.missaonspaz.org

ISSN 0103-5576



0103-5576

TRAVESSIA ONLINE
ISSN 2594-7869